

Elda Evelina Vieira

BOOKESS

A white dove is shown in flight, its wings spread wide, against a vibrant blue sky filled with soft, white clouds. The dove is positioned in the lower center of the frame, flying towards the right. The overall scene is peaceful and evokes a sense of freedom and hope.

Evangelho é Amor
- Reflexões Evangélicas -

Elda Evelina Vieira

Evangelho é amor

Reflexões

Evangélicas

Título “**Evangelho é Amor - Reflexões Evangélicas**”

Autora – Elda Evelina Vieira

Revisão – Guilherme Peixoto e Gabriella Regina

Capa e ilustrações da autora

Registro na Biblioteca Nacional

1ª. Edição - 2014

Vieira, Elda Evelina

Evangelho é Amor - Reflexões Evangélicas
Brasília (DF), 2013

1. Espiritismo 2. Palestras 3. Mensagens
4. Reflexões 5. Cristianismo

Índices para catálogo sistemático

1. Espiritismo
2. Palestras
3. Mensagens
4. Reflexões
5. Cristianismo

Índice

Cristo em nossas vidas... Nossas vidas com Cristo	7
O poder da fé	12
Meu jugo é suave e o meu fardo é leve	15
Jesus, o Mestre de Amor	22
A nova era	28
Dons	32
Olhai para as aves dos céus e olhai para os lírios do campo	35
O mensageiro da estrada	40
Espírito imortal	45
A busca pelo auxílio espiritual	49
Reconhece-se a árvore por seus frutos	54
Orgulho e humildade	59
Ser um divulgador do Evangelho do Cristo	69
Somos Seres imortais	75
Deixai venham a mim as criancinhas	79
Confiança e esperança	83
Julgar com compreender?	86
Infância da vida terrena	91
Não vim trazer a paz, mas espada – um olhar sobre a paz e a esperança	98
Inimigos desencarnados	106
Jesus e o Pai eterno, em o Evangelho de João	111
O verdadeiro presente de Natal	119
Família universal	125
Reflexão sobre o perdão	131
A vida e a morte	138
O joio e o trigo	146
Desigualdade da riqueza... Verdadeira propriedade	153
A vida e a morte II	160
Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem	169
O dever bem cumprido	173

Viver em paz... Espírito a navegar

Quando estamos a navegar pela vida, em corpo,
Sentindo a presença amiga de quem já foi,
Ou ainda está em planos sutis a navegar,
Conexões mil podem ocorrer,
Coração, mente, espírito a espírito,
Sentimentos de afeição ou de saudade,
Não importa como... Importa seja de amor e de verdade.

Sentir o envolvimento, a emoção,
Enlevando nossos corpos e elevando a vibração,
Energias que se encontram e se refletem
Em ondas que flutuam,
Tudo permeiam por onde passam.
É o amor se fazendo agente
Criador e transformador.

Envolvimento de seres a navegar pelo Universo,
Em planos ou dimensões diversas.
Contatos mentais, intuições, afeições,
Criando e transformando
Sentimentos, emoções.
Enlevando o espírito a novos páramos
De luz, de realizações, de bênçãos.
É o amor a fazer-se agente
De uma vida plena, em paz.

Elda Evelina Vieira



Cristo em nossas vidas... Nossas vidas com Cristo

No entanto, não basta conhecer o Evangelho, é preciso apreender a essência dos seus ensinamentos. Mais ainda, não só deter profundo conhecimento das passagens inseridas no Evangelho, é determinante que façamos desses ensinamentos nossa diretriz de vida. Praticar as orientações traçadas por Jesus e exemplificadas em todas as suas atitudes.

Cristo em nossas vidas...

Quem é esse Ser de luz e de amor a quem damos tanta importância e que nos fala diretamente ao coração?

Emmanuel, em o livro A Caminho da Luz, fala-nos de uma Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Criador, sob o qual está o controle de todas as coletividades planetárias.

Em uma dessas Comunidades de seres angélicos e perfeitos Jesus é um dos membros divinos ao qual foi dada a missão de coordenar a formação do planeta em que vivemos, desde seu desprendimento como parte da nebulosa solar.

De outra vez Jesus esteve entre nós para oferecer à família humana, que aqui vive, “a lição imortal do seu Evangelho de amor e redenção”.

O Evangelho de João contempla, no capítulo 1:

6 Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João.

7 Este veio como testemunha, a fim de dar testemunho da luz, para que todos cressem por meio dele.

8 Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz.

9 Pois a verdadeira luz, que alumia a todo homem, estava chegando ao mundo.

10 Estava ele no mundo, e o mundo foi feito por intermédio dele, e o mundo não o conheceu.

11 Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.

Diz-nos o Livro dos Espíritos:

“625. Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo?

“Jesus.”

Para o homem, Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque, sendo ele o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o Espírito Divino o animava.”

Diante dessas afirmativas podemos concluir, sem qualquer dúvida, o quão importante é o Ser Crístico Jesus na vida de todos nós.

Ele se dedicou desde há milênios para que tivéssemos a oportunidade de aqui estar para aprender e evoluir, como pontos iniciais nesse processo de ascensão em direção ao Pai, que nos acolherá em Seu regaço quando atingirmos a perfeição necessária para tanto.

Certamente é a maior prova do seu amor por todos nós. Um Ser de sua magnitude espiritual cumprindo uma missão de dedicação plena, cuja meta é ensinar-nos, promover a nossa evolução espiritual e tornar possível o nosso encontro com Deus em um Mundo Celestial.

Diz-nos também João, no capítulo 6 de seu Evangelho:

38 Porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou.

39 E a vontade do que me enviou é esta: Que eu não perca nenhum de todos aqueles que me deu, mas que eu o ressuscite no último dia. (...)

40 Porquanto esta é a vontade de meu Pai: Que todo aquele que vê o Filho e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.

44 Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o trazer; e eu o ressuscitarei no último dia.

45 Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus. Portanto todo aquele que do Pai ouviu e aprendeu vem a mim.

Como podemos interpretar essa passagem? O que poderia significar a expressão: “se o Pai que me enviou não o trazer.” Ou ainda, “E serão todos ensinados por Deus.”?

Nossas vidas com Cristo

O aprender com Deus é vir a conhecer os fundamentos das Leis Universais, os ensinamentos trazidos por Seu enviado, Jesus, o Cristo, e aplicá-los em nossas vidas.

Desejo inserir aqui o conceito de Fé.

A palavra Fé, que tem sua origem do Hebraico “emuná”, traz em si vários significados como: veracidade, sinceridade, honradez, retidão, fidelidade, lealdade, seguridade, crédito, firmeza e verdade. Conhecendo o sentido que essa palavra insere, podemos compreender bem as palavras de Paulo em sua carta aos Hebreus: “sem fé é impossível agradar a Deus; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe”. (Hebreus 11:6).

Diz-nos Kardec na apresentação do Evangelho Segundo o Espiritismo: “Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.”

Percebemos, por essas afirmativas, que para termos fé verdadeira se faz necessário que tenhamos conhecimento, pois só assim teremos condições de demonstrar nossa confiança na forma como Kardec nos apresenta.

O conhecimento se dá com a busca pelo aprendizado. No que diz respeito ao Evangelho do Cristo, é buscar entendimento sobre os ensinamentos trazidos pelo enviado do Criador, com a missão de nos esclarecer sobre as verdades maiores – “Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus. Portanto todo aquele que do Pai ouviu e aprendeu vem a mim.” (João 6:45)

Precisamos aprender com Jesus, o Cristo, isto é sermos ensinados por Deus. Palavras de Jesus: “Porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou.”(João 6:38)

No entanto, não basta conhecer o Evangelho, é preciso apreender a essência dos seus ensinamentos. Mais ainda, não só deter profundo conhecimento das passagens inseridas no Evangelho, é determinante que façamos desses ensinamentos nossa diretriz de vida. Praticar as orientações traçadas por Jesus e exemplificadas em todas as suas atitudes.

O importante, portanto, é tornar a prática dos ensinamentos um caminhar de compaixão, de entendimento, de respeito, de caridade e de amor.

É verdade que, de início, essa prática se dará como um exercício de disciplina e determinação, tendo em vista o nível evolutivo em que ainda nos encontramos. Mas o exercício constante dessa prática é permitir o internalizar dos conceitos de tal forma que, a partir de

determinado momento, nossas ações serão coerentes com os ensinamentos evangélicos de forma natural, espontânea.

Esse nível de conscientização do aprendizado passa, inevitavelmente, pelo conhecimento de si mesmo. Ao darmos-nos conta da essência do Evangelho do Cristo passaremos a nos observar melhor – comportamento, valores, conceitos, emoções, sentimentos – e identificaremos em o que ainda precisamos melhorar para efetivamente termos coerência entre o que estamos a aprender e o nosso agir. É a efetivação do aprendizado em nossas vidas.

Poderemos então afirmar que conseguimos ser ensinados por Deus e estamos com Jesus, o Cristo.

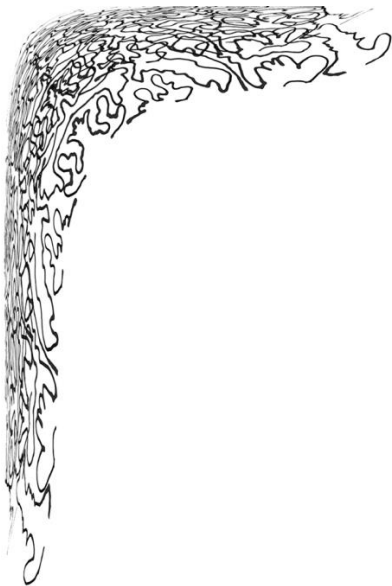
Com relação ao contido no Evangelho de João: “E a vontade do que me enviou é esta: Que eu não perca nenhum de todos aqueles que me deu, mas que eu o ressuscite no último dia.” (João 6:39), como podemos interpretar?

Sabemos que são estes os níveis de evolução dos mundos habitados: Mundo Primitivo; Mundo de Expição e Provas; Mundo de Regeneração; Mundos Ditosos; e Mundos Celestes ou Divinos.

A interpretação que podemos inferir dos ensinamentos doutrinários, com relação ao referido por João: “mas que eu o ressuscite no último dia.” (João 6:39), é o de quando estaremos prontos para o encontro com Deus no Mundo Celeste, ou Divino. É quando teremos aprendido e exercido os ensinamentos oferecidos por Deus, através do Cristo. Estaremos plenos para esse encontro.

Nós queremos ser felizes, mas acreditando que a felicidade está nas coisas materiais. Precisamos nos conscientizar de que a felicidade verdadeira está na espiritualização de nossa Alma, através do aprendizado constante e do exercício desse aprendizado.

Nós almejamos a libertação dos males, das dificuldades, do sofrimento. Lembremo-nos do que Jesus nos disse, como escrito em João: “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.” (João 8:32). Conhecer a verdade é deixar-se ensinar por Deus, através de Jesus, o Cristo.



O poder da fé

A nossa Fé terá o poder de transportar montanhas quando, aliado o conhecimento à confiança e à razão estiverem também presentes a compaixão, a mansuetude e o amor, porque assim, além da própria fé teremos condições de um contato mais íntimo com o poder que tem sua origem na fonte primária de todas as coisas – Deus.

Nós sempre acreditamos em algo ou em alguém. É um sentimento natural em todos nós e um dos aspectos da fé.

Esse sentimento espontâneo se dá pela necessidade que temos de acreditar, pois proporciona a nós tranquilidade, certa paz interior de que precisamos para nos mantermos emocionalmente saudáveis.

Há, no entanto, outro aspecto da fé, decorrente de experiências vivenciadas e retornos positivos de escolhas e ações. A partir de resultados obtidos com essas experiências, nosso pensamento elabora razões que sustentam a confiança em determinadas atitudes e alternativas e promove parâmetros para novas escolhas e ações, formando conceitos e confiança que se fortalecem mais e mais a cada assertiva nesse processo.

É a fé que surge e se solidifica a partir do uso da razão, com fundamentos lógicos e realizações significativas.

A confiança adquirida em decorrência desse processo racional e de bases sólidas vem a ser alicerce para o nosso caminhar seguro e para o progresso.

A fé com bases sólidas na razão e na lógica proporciona o olhar de que necessitamos para a vida saudável e promissora, pois teremos lucidez para avaliar as alternativas que se nos apresentam ao longo deste viver. Desvia-nos de situações que poderiam comprometer o nosso sucesso em empreendimentos, sejam sob o ponto de vista pessoal, profissional e mesmo espiritual. Passamos a ter mais lucidez.

Quem tem fé com bases sólidas percebe que há limites para o agir, seja na escolha do que fazer, do como fazer, ou até mesmo se deve ou não fazer.

A fé sem o apoio da razão pode nos levar a atitudes insensatas, ou mesmo a perturbações decorrentes do fanatismo.

A fé racional estabelece limites para nossas atitudes, impedindo-nos de fazer escolhas sem fundamentos lógicos e proporcionando estratégias de ações, porque saberemos quais caminhos tomar para alcançarmos os objetivos traçados, com mais chances de sucesso.

Vale lembrar aqui a passagem contida em Mateus 17, sobre a cura de um jovem. Estava o Mestre com seus discípulos e um homem se aproximou pedindo a Jesus que curasse seu filho.

Jesus, percebendo a compaixão do pai, em face do drama do filho enfermo tomado por uma estranha força que o atirava de um lado a outro, com o risco da própria vida, enterneceu-se dele e sondou a sombra que o envolvia e identificou as causas do desequilíbrio do jovem.

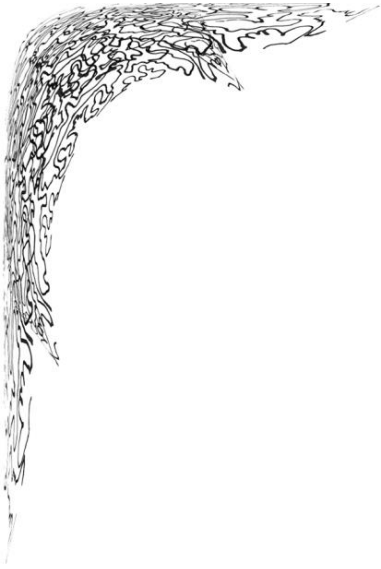
O contato com Jesus restituiu-lhe a consciência e percepção de acontecimentos de outrora em que ele se envolvera. Foi oferecida a oportunidade do arrependimento e do perdão aos dois seres – vítima e verdugo - rompendo, de imediato, o vínculo que os mantinha em relação desarmoniosa. A voz clara e forte do Mestre e o influxo do Seu pensamento amoroso promoveram a libertação dos dois seres que se mantiveram presos por laços invisíveis por longos anos, vítimas do ódio e do rancor.

O poder da fé, em Jesus, o contato estreito que tinha com Deus, sua mansuetude e amor davam a Ele autoridade para a libertação que ali se fazia necessária. Possuía condições de visualizar toda a história pretérita daquele a quem socorria e tinha o conhecimento do que fora necessário para promover seu atendimento de forma eficiente.

Jesus não se utilizava de meios rotineiros, pois sabia serem necessárias ações específicas a cada atendimento a ser ministrado. Só a imposição verbal não ofereceria o resultado almejado. Só o conhecimento e a experiência, conjugadas à intuição proporcionada por seu contato estreito com o Pai, ofereceria ao Mestre condições para a realização da tarefa com sucesso.

Por vezes as dificuldades se mostram para nós intransponíveis por ainda nos deixarmos envolver pelos preconceitos e desconfianças e, por isso, fragilizamos nosso poder de realização. A nossa fé ainda não terá atingido o patamar que almejamos.

A nossa Fé terá o poder de transportar montanhas quando, aliado ao conhecimento, à confiança e à razão estiverem também presentes a compaixão, a mansuetude e o amor, porque assim, além da própria fé, teremos condições de um contato mais íntimo com o poder que tem sua origem na fonte primária de todas as coisas – Deus.



Meu jugo é suave e o meu fardo é leve

"Vinde a mim todos vós que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para vossas almas. Porque meu jugo é suave e o meu fardo é leve."
Mateus 11:28 a 30

Vamos refletir sobre as palavras de Jesus, contidas em Mateus 11:28 a 30:

"Vinde a mim todos vós que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para vossas almas. Porque meu jugo é suave e o meu fardo é leve."

Quando lemos um texto evangélico, um ensinamento de Jesus, será que buscamos o entendimento que ali está inserido ou simplesmente assumimos a literalidade do texto sem uma reflexão mais acurada sobre o que a passagem possa nos oferecer?

Kardec, em o Evangelho Segundo o Espiritismo, nos coloca de forma contundente que a nossa fé deve ser raciocinada. "A fé raciocinada, por se apoiar nos fatos e na lógica, nenhuma obscuridade deixa. A criatura então crê, porque tem certeza, e ninguém tem certeza senão porque compreendeu. Eis por que não se dobra. *Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.*"

Em assim sendo, vamos fazer uma reflexão sobre o que contém as palavras de Jesus em Mateus, segundo o olhar científico, a respeito da dor, do sofrimento, das dificuldades pelas quais passamos.

Eu me lembro de uma abordagem de uma palestrante espírita ⁽¹⁾ em que ela contou uma experiência interessante.

Estava em um congresso da área de saúde e, terminando o evento, alguns colegas que, por ouvirem-na falar da sua fé no Evangelho, desafiaram-na a provar, cientificamente, que as palavras de Jesus eram verdadeiras quando disse: "Porque meu jugo é suave e o meu fardo é leve". Ela tinha 30 dias para trazer a solução a eles.

Quase já terminando o prazo estipulado, ainda sem uma alternativa sob o olhar da ciência, surgiu uma oportunidade de assistir à apresentação de um trabalho sobre analgesia – controle da dor.

O profissional, que apresentou o trabalho, comentou em determinado momento que nós temos um "portal da dor" em nosso sistema nervoso. Esse portal é comandado pelo cérebro, ou melhor por um das partes do nosso cérebro, pois nosso cérebro é constituído de três partes (divisão para fins didáticos) e, entre elas, o arquicórtex e o neocórtex. ⁽²⁾

O arquicórtex é a parte mais primitiva do nosso cérebro, a que gerencia nossos mecanismos mais instintivos e primários ligados à autopreservação e à da própria espécie, como também o medo e a raiva. Ali está o controle de duas substâncias que, se ativadas, promovem o alívio da dor – a endorfina e a encefalina.

Caso nossa atividade mental fique concentrada na região do arquicórtex, há menor produção dessas substâncias analgésicas e o portão de controle da dor se abre e o indivíduo sente mais dor.

Caso contrário, se nossa atividade mental - os impulsos elétricos -, na região do neocórtex está mais intensa, há a liberação do sistema analgésico central. Há uma diminuição da atividade elétrica no arquicórtex, gerando maior produção de endorfina e encefalina, e o fechamento do portão da dor.

O neocórtex é a parte que tem evoluído à medida que evoluímos no conhecimento, nas relações interpessoais, nas emoções como a fraternidade, a confiança, o perdão e o amor. Oferece suporte nas atividades cognitivas e voluntárias.

O profissional então explicou que à medida em que utilizamos a parte mais evoluída do nosso cérebro nós administramos melhor as dores do corpo, sejam emocionais ou físicas. O Portal da dor se fecha.

No entanto, quando nos conectamos com sentimentos como o medo, a mágoa, o rancor, o Portal se abre e ficamos mais sensíveis ao sofrimento.

A palestrante espírita, neste exato momento, percebeu que ali estava a resposta que procurava. Quando nos conectamos com os ensinamentos do Mestre Jesus nós também promovemos a conexão com o mundo através do cérebro novo, aquela parte que tem evoluído conosco e, assim, temos o nosso Portal da dor menos afeto ao sofrimento e à dor.

Por consequência, as dificuldades que se apresentam a nós, sejam físicas ou emocionais, são muito melhor administradas, nossas dores são mais amenas e nos sentimos mais em condições de prosseguir na nossa jornada.

Diz-nos Joanna de Ângelis ⁽³⁾ que emoções como a fraternidade, a confiança, a ternura, a bondade são essenciais para uma boa harmonia do nosso corpo. Nós mesmos construímos o nosso Ser de acordo com o nosso comportamento moral e mental.

O Universo é resultado da Mente Divina. Nós somos cocriadores, como o próprio André Luiz expõe em seu livro “Evolução em dois mundos”. Assim, o que nos cerca é o resultado da nossa afinidade mental.

Pensamentos negativos, autodepreciação, desequilíbrios emocionais são resultado de mentes em desarmonia que, permanecendo neste estado, promovem mais desequilíbrios e reafirmam os pensamentos negativos e, por consequência, vitalizam esse estado fortalecendo as energias desorganizadoras de que se deveriam libertar.

Por outro lado, quando nos mantemos em estado de alegria, realizações edificantes, mantemos nossa sintonia com a ordem universal e somos vitalizados com a energia pura e saudável que promana da ordem Divina.

Estamos sujeitos a tudo o que ocorre à nossa volta. As forças mentais existentes se transferem de mente a mente, desde que estejam vibrando na mesma sintonia.

Precisamos estar atentos ao tipo de pensamento que levamos conosco e envolvermo-nos com irradiações elevadas buscando na oração as forças necessárias para mudança do nosso padrão vibratório.

Somos responsáveis pelo que pensamos, a que aspiramos, o que falamos e como agimos. Respiramos a atmosfera que criamos à nossa volta. Vivemos de acordo com as nossas irradiações. Quando elevamos nosso pensamento e nos conectamos com planos mais nobres, assimilamos energia mais pura e saudável.

Nós é que elegemos o tipo de envolvimento que queremos, e escolhemos o padrão vibracional com o qual fazermos contato.

O conhecimento de si mesmo fortalece a capacidade de bem pensar e melhor agir. Teremos, assim, mais controle sobre nossas ações, pensamentos e sentimentos fortalecendo nosso caminhar nessa jornada terrena.

Nossas forças mentais precisam estar mais em sintonia com Cristo-Jesus, cuja existência sempre se pautou pela perfeita sintonia com Deus. Só assim foi possível vencer e cumprir Sua missão entre nós.

Muitas vezes vemo-nos com dificuldades da mais variada ordem e fixamos nosso pensamento nessas experiências, seja pela dor física ou pelos desajustes emocionais. Em fazendo assim, fortalecemos a vibração negativa promovida por essas experiências e nos afastamos da conexão com energias regeneradoras e revitalizantes que sabemos existir em planos mais elevados. Usamos a parte do nosso cérebro, o arquicórtex, que administra o comando químico no Portal da dor no sentido de abri-lo. Ficamos sensíveis ao sofrimento, ao desânimo, à falta de confiança.

Precisamos ficar atentos, pois esta é a hora em que devemos buscar a oração e, através dela, o auxílio para o fortalecimento da nossa fé.

Quando somos acometidos por doenças, muitas vezes ficamos desestabilizados e angustiados em busca da cura física. Em acontecendo dessa forma, devemos nos lembrar que esse tipo de energia só faz com que as conexões físico-químicas sejam mantidas em nível inadequado à manutenção da nossa saúde física e mental. Promovemos, inclusive, a agressão às defesas imunológicas e desarticulamos mecanismos de equilíbrio que respondem pela saúde.

Precisamos sim buscar o cuidado com o nosso corpo, instrumento a nós oferecido por Deus para que possamos cumprir nossos compromissos, visando nosso aprendizado e restabelecimento do equilíbrio espiritual que promove a nossa evolução como espíritos. No entanto, não podemos colocá-lo em nível de importância superior à do espírito que é o nosso verdadeiro Eu.

Lembra-nos Joanna de Ângelis ⁽³⁾ que a saúde vai além da ausência de doenças.

A fragilização do nosso corpo físico é um caminho natural pelo qual devemos passar pela necessidade de superação através do nosso processo de evolução.

A saúde é o encontro com nosso verdadeiro Eu, em sua plenitude, tendo consciência dos nossos compromissos. Nossa experiência de vida no corpo físico está fundamentada em nos facultar a ampliação do nosso conhecimento, superação de desvios comportamentais, elevação moral e intelectual – autoconhecimento, reconhecimento dos erros, arrependimento, perdão e autoperdão, expiação e reparação. O trabalhar a superação de nossos desajustes não deve ser adiado.

Mesmo que alcancemos a graça da cura de determinada doença física, pode ocorrer que sejamos acometidos por outra. O que importa é encontrarmos a nossa cura espiritual, tendo a consciência de que muitas das dificuldades que enfrentamos nada mais são do que oportunidades de aprendizado, fortalecimento da nossa confiança, desenvolvimento da nossa capacidade de luta e conquista de novos patamares evolutivos.

Precisamos compreender os acontecimentos e sobrepor a paz íntima às situações que poderiam nos desestabilizar. Mais ainda, entregarmo-nos ao encantamento das aspirações de enobrecimento, de beleza e paz. A alegria de viver deve ser nosso estímulo, não obstante as dificuldades e limitações que devemos enfrentar. A autossuperação permite alterar a paisagem do que a vida nos oferece como oportunidade de elevação moral e espiritual.

É imprescindível o auxílio da esperança. Joanna de Ângelis diz que essa esperança estimula a coragem, a vibração mental positiva, de origem superior, porque é o sentido da própria vida.

Vale lembrar uma reflexão do pedagogo Paulo Freire. A esperança do verbo esperar e não do verbo esperar. Pois o verbo esperar remete ao sentido de ficar parado aguardando algo, sem qualquer atividade. O verbo esperar significa promover uma mudança a partir do que se quer encontrar, agir em direção a algo, ter um objetivo.

O alívio ao nosso cansaço e à opressão que nos acomete pelas dificuldades que enfrentamos está na confiança e fé nos ensinamentos de Cristo-Jesus, nosso Mestre. Estando com Ele – nosso Caminho, verdade e vida - sentimo-nos fortalecidos e encorajados a seguir nossa jornada de autoconhecimento, de elevação do nosso padrão vibratório, de compreensão e enfrentamento em paz e com alegria.

O peso das nossas experiências por desajustes cometidos são amenizados, por compreendermos a razão de eles terem surgido em nossas vidas, e seremos gratos pelas oportunidades oferecidas no sentido de promover nossa Harmonia com o Universo.

Caminhando com Jesus e sendo mansos e humildes de coração, como Ele o foi, encontraremos descanso para nossas almas - “porque meu jugo é suave e o meu fardo é leve” -, pois teremos paz interior, confiança no Evangelho que abraçamos, estaremos fortalecidos pela esperança do encontro com o Pai no Mundo Celestial ao nos

libertarmos de nossas fragilidades e desvios cometidos ao longo de nossas vidas – alcançaremos a purificação do nosso Espírito.

Joseph Gleber, em o livro “Medicina da Alma”⁽⁴⁾ compara o processo do sofrimento e da dor com o esforço que o verme empreende para vencer os obstáculos desde as entranhas da terra em direção à luz dos raios solares. Assim somos nós, vencendo as dificuldades que nos surgem na busca pela luz dos raios da compreensão, compaixão, do amor, da proximidade cada vez maior do exercício do Evangelho em nossas vidas.

Não nos devemos sentir desanimados por, no mais das vezes, verificar serem ainda frágeis nossas forças nessa busca pela elevação moral e espiritual. O Cristo conhece nossas potencialidades e nos aguarda. Ele nos auxilia nessa caminhada em busca do caráter, do amor, da fé, paciência e esperança, conquistas para a vida eterna.

-
1. Anete Guimarães - www.youtube.com/watch?v=nXkUv04p99Q
 2. <http://www.slideshare.net/anaclaudialeal/a-importancia-da-dor-para-doutrina-esprita>
 3. Dias gloriosos, Joanna de Ângelis, por Divaldo Franco
 4. Medicina da Alma, Joseph Gleber, por Robson Pinheiro



Jesus, o Mestre de Amor

A energia do amor de Jesus envolve-nos a todos, indistintamente, e aqueles que são sensíveis percebem-lhe a presença e sentem a energia amorosa promovendo a transformação redentora no íntimo da alma.

Diz Jesus: *“Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai se não por mim.”* (João 14:6). Jesus é o caminho da verdadeira vida.

É o caminho do amor que nos eleva à condição de merecedores desse encontro maravilhoso, e é Jesus, o Cristo, que nos ensina essa máxima, através do imenso amor que nos dedica a todos, desde antes da criação do nosso mundo.

João 1:9 a 11

“Pois a verdadeira luz, que alumia a todo homem, estava chegando ao mundo.

Estava ele no mundo, e o mundo foi feito por intermédio dele, e o mundo não o conheceu.

Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.”

Também Emmanuel, em o livro A Caminho da Luz, no capítulo A Gênese Planetária, diz que a Comunidade de Espírito Puros e Eleitos pelo Supremo Senhor do Universo, da qual é Jesus um dos membros Divinos, já se reuniu por duas vezes nas proximidades do Planeta. A primeira quando da formação do nosso orbe e a segunda quando se decidia a vinda do Cristo à Terra. Informação esta que confirma o que foi dito pelo Evangelista João nos versículos acima citados.

Nossa jornada tem como objetivo o aprendizado, a elevação moral e espiritual, e para irmos ao encontro do Pai precisamos aprender a trilhar nossa vida pautada nos ensinamentos do Mestre de Amor.

Jesus veio nos ensinar o amor e o aprendizado. A transformação se dá independente de credo, filosofia ou religião.

A energia do amor de Jesus envolve a todos, indistintamente, e aqueles que são sensíveis percebem-lhe a presença e sentem a energia amorosa promovendo a transformação redentora no íntimo da alma.

É o espírito imortal que se vê transformado e elevado em sua condição moral e espiritual.

A partir de então, inicia-se um novo processo, o de busca pela conexão com o Pai. É esse novo processo o objetivo da vinda do

Mestre de Amor: ensinar-nos o caminho de retorno ao Pai, religação com o Criador.

Enquanto nos mantivermos afastados do caminhar de acordo com os ensinamentos de Jesus, estaremos afastados de Deus.

O texto Lição do Natal, contido na revista Reformador de dezembro de 1975, alerta-nos com relação à verdadeira lição que o Natal nos proporciona – Jesus veio nos ensinar o caminho que devemos trilhar para o nosso encontro com Deus.

Apesar do que ocorre à nossa volta – violência, desrespeito, guerra, lutas pelo poder -, podemos identificar expressões desse amor em várias ações existentes em todo o mundo.

Há um movimento exemplar em vários países, mobilização de pessoas verdadeiramente interessadas no bem-estar e valorização do Ser Humano, apesar de pouco ouvirmos falar sobre o assunto através da mídia convencional.

São os Empreendedores Sociais.

São ações diversificadas, mas com um só foco: compreender, respeitar, valorizar o próximo e promover seu crescimento como pessoa e como ser social. Não há qualquer interesse pessoal, tão-somente a promoção social, econômica e moral do Ser Humano.

Essa mobilização é a verdadeira expressão do amor e ela está presente no nosso mundo.

Precisamos mudar o nosso olhar, pois, enquanto mantivermos o olhar negativo sobre o que ocorre à nossa volta, estaremos fortalecendo a energia desarmoniosa que promove essas ações.

No entanto, se mudarmos o nosso olhar, isso quer dizer, a nossa maneira de ver o mundo no sentido de perceber que podemos promover mudanças, estaremos transformando-nos em agentes dessa transformação.

Estaremos em condições de sentir a presença da energia amorosa a nos envolver, cada vez mais, e seremos instrumentos de transformação.

Talvez algumas pessoas digam que estou sendo muito otimista e até mesmo excessivamente idealista, mas é somente com esta disposição que efetivamente promovemos transformações à nossa

volta. Podemos tomar como exemplo Mandela, Gandhi, Madre Tereza de Calcutá, Irmã Dulce e Martin Luther King.

E para ser mais contundente nesse olhar, cito o próprio Cristo, na figura de Jesus, que acredita em nós, no nosso potencial, e veio nos ensinar o verdadeiro caminho da transformação através do amor.

Sobre o amor

Há momentos em que precisamos refletir melhor sobre o amor.

Muitas vezes entendemos como amor a emoção que nos envolve ao nos aproximar de alguém e sentir a necessidade de estar de forma constante ao seu lado e usufruir do que ele pode nos oferecer. Ficamos receptivos aguardando a doação a nosso favor.

Em outros momentos, queremos sentir que somos imprescindíveis, como também acreditamos que a pessoa amada seja imprescindível para as nossas vidas e que não saberíamos viver sem sua companhia.

Há também oportunidades em que queremos exclusividade, pedimos atenção prioritária em detrimento de outras pessoas que também fazem parte da vida e das emoções da pessoa que nos é especial.

Será que esse sentimento é amor... amor verdadeiro? Não creio.

Amor verdadeiro, no meu entender, é aquele sentimento que nos traz paz, tranquilidade. Permite um convívio pleno, em harmonia.

Sentimento que não exige, respeita. Não impõe, compreende. Não escraviza, liberta. Não cobra, faz-se doação.

É querer o bem do outro e ter prazer na alegria, na realização, no bem-estar e no progresso do ser amado.

Não é apagar-se em favor do outro, como às vezes fazemos. É sentir-se verdadeiramente pleno ao perceber que o ser amado encontrou o seu caminho e deixá-lo seguir a sua própria jornada, independente de essa jornada ser solitária ou em companhia de outrem.

É compreender que cada um tem o seu próprio momento, o seu próprio tempo de realização e progresso.

É estar feliz vendo o outro feliz.

Sei que ainda estamos muito longe de atingir essa plenitude, mas devemos compreender que precisamos caminhar nessa direção se queremos sentir o verdadeiro amor em nossos corações.

A Luz do Amor

Precisamos nos conscientizar, por certo, de que a grande ventura que aguarda a humanidade é saber-se parte da grande programação da luz intensa que progride a cada dia, que evolui em brilho e intensidade.

Antes, singela como uma vela a mostrar-se frágil e inquieta. Ao longo dos tempos adquiriu mais firmeza e vigor.

Ora, prossegue como a buscar mais confiança em si mesma e envolve a mim, a você, a toda a humanidade, a cada dia, fortalecendo nossa fé e nossa determinação na proposta de ir ao encontro de nossa reforma interior e evolução espiritual.

As relações ainda se mostram sem solidez', mas, no imo de cada um há um Ser que palpita e soergue a esperança de dias melhores e é essa motivação pelo melhor, pela própria evolução, que verdadeiramente irá promover o encontro com a grande luz.

Não nos esqueçamos de que essa luz que começou a brilhar no nosso mundo foi oferecida por Jesus, o Cristo, o grande Mestre de Amor.

Amor

O amor que Jesus expressou e veio nos ensinar independe de credos, filosofias ou religiões.

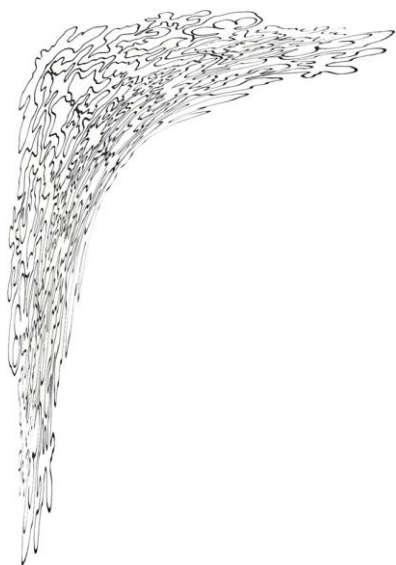
Podemos identificar expressões deste amor em várias ações existente em todo o mundo.

Há um movimento exemplar em vários países, mobilização de pessoas verdadeiramente interessadas no bem-estar e valorização do Ser Humano, apesar de pouco ouvirmos falar sobre através da mídia.

São os Empreendedores Sociais.

São ações diversificadas, mas com um só foco: compreender, respeitar, valorizar o próximo e promover seu crescimento como pessoa e como ser social. Não há qualquer interesse pessoal, tão-somente a promoção social, econômica, moral do Ser Humano.

Essa mobilização é a verdadeira expressão do amor.



A nova era

Aos despertarmos em nós essa luz, proporcionaremos oportunidades para novas descobertas e novos despertares em companheiros de jornada. Seremos instrumentos de propagação dos princípios morais inseridos nos ensinamentos de Jesus, o Cristo.

O Capítulo I do Evangelho Segundo o Espiritismo nos traz esclarecimentos importantes sobre os fundamentos da Lei de Deus: Dez Mandamentos; os mandamentos do Cristo; Espiritismo.

1. Deus se apresentou de forma mais contundente, aos Hebreus, por intermédio de Moisés. Mostrou sua força e poder auxiliando o povo a sair da escravidão no Egito; apresentou os Dez Mandamentos que deveriam ser obedecidos pelo povo; e foi uma presença explícita constante em todos os momentos durante a travessia em direção à Terra Prometida.

Decálogo – Mandamentos entregues a Moisés. Os 10 Mandamentos estavam divididos em duas partes: dois mandamentos referentes à relação do Homem com Deus e oito referentes à relação do Homem com seus semelhantes.

Moisés conduziu o povo Hebreu pelo deserto de forma firme e autoritária, porque as condições em que se encontravam assim o exigia. Controlar um povo por longo tempo em uma jornada por terreno inóspito e em situação muito adversa impunha que assim fosse.

Esses mandamentos tornaram-se fundamento para a busca pelo bom convívio entre os povos, base para as leis e bons costumes.

2. O tema do Evangelho contido na segunda parte do Capítulo I nos fala sobre os dois grandes mandamentos trazidos por Jesus, o Cristo (Marcos 12:28 a 31)

“Aproximou-se dele um dos escribas que os ouvira discutir e, percebendo que lhes havia respondido bem, perguntou-lhe: Qual é o primeiro de todos os mandamentos?”

Respondeu Jesus: O primeiro é: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor.

Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de todas as tuas forças.

E o segundo é este: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que esses.”

Percebemos que a disposição desses dois grandes mandamentos é similar àquela de os Dez Mandamentos: relação do Homem com Deus e a relação do Homem com seu semelhante.

Jesus, o Cristo, não só nos falou sobre os dois grandes mandamentos. Mais do que isso, ele cumpriu esses mandamentos e exerceu todo o tempo a Lei de Deus em sua plenitude. Disse ele:

“Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim destruir, mas cumprir.” (Mateus 5:17)

Com a vinda do Cristo entre nós, sua mensagem de amor passou a ser o tema principal nas relações humanas. Se antes a lei se apresentava de forma explícita no “não fazer”, agora o fundamento passou a ser “amar”.

O “não fazer” de antes passou a estar implícito no “amar”. Quando amamos desejamos o bem do outro, daquele com quem convivemos, física ou emocionalmente; daquele com quem partilhamos nosso momento da eternidade.

Tornamo-nos reconhecidos como irmãos, filhos de Deus, não havendo distinção de raça, cor, ou qualquer outra característica que nos venha a distinguir uns dos outros.

3. Sobre a interação da Ciência e da Religião, fala-nos Kardec no Capítulo I, item 8: “São chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo têm de ser completados; em que o véu intencionalmente lançado sobre algumas partes desse ensino tem de ser levantado; em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, tem de levar em conta o elemento espiritual e em que a Religião, deixando de ignorar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, como duas forças que são, apoiando-se uma na outra e marchando combinadas, se prestarão mútuo concurso. Então, não mais desmentida pela Ciência, a Religião adquirirá inabalável poder, porque estará de acordo com a razão, já se lhe não podendo mais opor à irresistível lógica dos fatos.”

4. O Espiritismo – “é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo.” (ESE, Capítulo I item 5).

É o Evangelho redivivo. Um instrumento de grande valor que nos proporciona importantes reflexões e nos levam a uma melhor compreensão do conteúdo do Evangelho do Cristo. Como nos diz Kardec: “O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil.” (ESE Capítulo I, item 5)

Não basta conhecer o Evangelho, é preciso apreender a essência dos seus ensinamentos. Mais ainda, não só deter profundo conhecimento das passagens inseridas no Evangelho, é determinante que façamos desses ensinamentos nossa diretriz de vida. Praticar as orientações traçadas por Jesus e exemplificadas em todas as suas atitudes.

O importante, portanto, é tornar a prática desses ensinamentos um caminhar de compaixão, de entendimento, de respeito, de caridade, de amor.

Os ensinamentos oferecidos pelo Mestre levam-nos a refletir sobre a as relações humanas, a caridade, solidariedade, a moral. A lei do progresso. Os fundamentos que promoverão a grande transformação da Humanidade, tornando nosso *habitat* a morada de Espíritos mais evoluídos – nós mesmos transformados pela luta interna de redescoberta dos princípios morais elevados, da nossa luz interior despertada.

Ao despertarmos em nós essa luz, proporcionaremos oportunidades para novas descobertas e novos despertares em companheiros de jornada. Seremos instrumentos de propagação dos princípios morais inseridos nos ensinamentos de Jesus, o Cristo.

O amor surgirá naturalmente não só nos corações de alguns, mas também nos corações de todos aqueles que buscam a comunhão nesse sentimento maior.

A luta interior pela autotransformação promoverá expansão dessa energia que sensibilizará multidões, a partir do exemplo de cada um.



Dons

Além da conquista das virtudes, com empenho, dedicação, coragem, confiança, faz-se necessário que internalizemos os ensinamentos do Cristo, sem o que não conseguiremos responder ao seu chamamento de forma verdadeira.

Estejamos preparados para o exercício do Evangelho e busquemos os dons perfeitos que vêm de Deus.

É muito bom falarmos sobre virtudes e dons em nossas vidas e é importante que reflitamos sobre como alcançar esta bênção.

Estamos sempre buscando melhores condições, conquistar novos patamares sociais, econômico/financeiros, profissionais e intelectuais, isso se estivermos mais ligados aos patrimônios materiais. Achamo-nos merecedores de receber “dos céus” amparo para lograr êxito nos nossos anseios, sem, no entanto, verificar se já estamos preparados para esta conquista.

Também, mesmo quando conectados a questões espirituais, seja como aprendizes ou trabalhadores, vislumbramos nossas vidas em situação de destaque, sendo admirados, bem aceitos. Chegamos, muitas vezes, a nos visualizar merecedores de condições especiais no plano espiritual após o desencarne, crendo termos feito nossas tarefas de forma satisfatória a nos permitir alcançar essa condição.

Se nos empenhamos na conquista de conhecimento, dedicamo-nos ao trabalho, em parte podemos afirmar termos logrado algum êxito e, portanto, merecermos uma situação de conforto espiritual e bem-estar.

No entanto, não basta amearmos conhecimentos na área do saber intelectual. Também não é o bastante conhecer a forma de aplicar esse aprendizado sob o ponto de vista técnico, logístico, ético, saber administrar conceitos, valores, recursos pessoais ou materiais.

Principalmente no que se refere às conquistas no plano espiritual.

Ao fazer contato com a possibilidade de trabalharmos espiritualmente, imaginamos que tão-somente bastam os estudos sistematizados, o aprendizado mediúnico, dedicarmos-nos ao trabalho social e outros afazeres afetos ao bom desempenho da Casa a que estamos ligados.

É necessário que observemos alguns quesitos indispensáveis para que sejamos realmente reconhecidos como merecedores de receber certos dons especiais, não bastando o saber fazer e o pedir para ser.

No livro de Tiago 1:17 encontramos: **“Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do Alto.”**

Para que obtenhamos o benefício dos dons que vêm de Deus precisamos, além do conhecimento e da aplicação do conhecimento, a atitude compatível com o dom que almejamos.

Diz-nos Emmanuel:

“Queres o dom de curar? Começa amando os doentes, interessando-te pela solução de suas necessidades.

Queres o dom de ensinar? Faze-te amigo dos que ministram o conhecimento em nome do Senhor, através das obras e das palavras edificantes.

Esperas o dom da virtude? Disciplina-te.

Pretendes falar com acerto? Aprende a calar no momento oportuno.

Desejas acesso aos círculos sagrados do Cristo? Aproxima-te d'Ele, não só pela conversação elevada, mas também por atitudes de sacrifício, como foram as de sua vida.”

As qualidades excelentes são dons que procedem de Deus; entretanto, cada qual tem a porta respectiva e pede uma chave diferente. ⁽¹⁾

Além da conquista das virtudes, com empenho, dedicação, coragem e confiança, faz-se necessário que internalizemos os ensinamentos do Cristo, sem o que não conseguiremos responder ao seu chamamento de forma verdadeira.

Estejamos preparados para o exercício do Evangelho e busquemos os dons perfeitos que vêm de Deus.

⁽¹⁾ Caminho, Verdade e Vida, Cap. 52 “Dons”, Emmanuel, por Chico Xavier



Olhai para as aves dos céus e olhai para os lírios do campo

“Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que havemos de comer? ou: Que havemos de beber? ou: Com que nos havemos de vestir? Porque vosso Pai celestial sabe que precisais de tudo isso.” Jesus (Mateus 6:31-32)

“Não ajunteis para vós tesouros na terra; onde a traça e a ferrugem os consomem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai para vós tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem os consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam.

(...) Por isso vos digo: Não estejais ansiosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer, ou pelo que haveis de beber; nem, quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que o vestuário?

Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem ceifam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não valeis vós muito mais do que elas?

Ora, qual de vós, por mais ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado à sua estatura?

E pelo que haveis de vestir, por que andais ansiosos? Olhai para os lírios do campo, como crescem; não trabalham nem fiam; contudo vos digo que nem mesmo Salomão em toda a sua glória se vestiu como um deles.

Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé?

Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que havemos de comer? ou: Que havemos de beber? ou: Com que nos havemos de vestir?

(...) Porque vosso Pai celestial sabe que precisais de tudo isso.

Mas buscai primeiro o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.

Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã; porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal.” Mateus 6:19-34

Interpretações diversas são oferecidas a partir deste texto de Mateus em que Jesus fala-nos a respeito da nossa busca por conquistas materiais, visando o provimento de nossas necessidades terrenas.

Muitas vezes ouvimos que Deus prover-nos-á de todas as coisas de que necessitamos, sem que tenhamos de nos esforçar para isso.

No entanto, caso leiamos o texto com atenção e nos lembremos de outras passagens em que o Mestre nos remete a refletir sobre a necessidade de agirmos na direção que nos levaria a alcançar objetivos e atingir metas propostas, certamente teríamos outro olhar para o texto em questão.

Em Mateus 7:7 encontramos: *“Pedí, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei e abrir-se-vos-á.”* (Jesus)

Em João 15:16 temos: *“Vós não me escolhestes a mim mas eu vos escolhi a vós, e vos designei, para que vades e deis frutos, e o vosso fruto permaneça, a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda.”* (Jesus)

Em João 16:23 ainda temos: *“Naquele dia nada me perguntareis. Em verdade, em verdade vos digo que tudo quanto pedirdes ao Pai, ele vo-lo concederá em meu nome.”* (Jesus)

Creio que está claro que não precisaremos nos preocupar com o dia de amanhã desde que estejamos cumprindo as recomendações do Mestre: *“... eu vos escolhi a vós, e vos designei, para que vades e deis frutos, e o vosso fruto permaneça...”*.

As ações que são esperadas da nossa parte estão claras no Evangelho, a partir mesmo dos mandamentos que o Cristo veio nos trazer: *“Amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo.”* Tudo o que devemos realizar está contido nessas máximas.

Por observar os princípios do amor e da caridade; fazendo nossa fé ser operante e realizadora; sermos semeadores das verdades evangélicas; colocarmo-nos como agentes transformadores no mundo em que vivemos, Jesus nos esclarece:

“– não vos inquieteis, dizendo: Que havemos de comer? ou: Que havemos de beber? ou: Com que nos havemos de vestir? Porque vosso Pai celestial sabe que precisais de tudo isso.

Mas buscai primeiro o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.

Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã; porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo.”

Em sendo agentes das verdades evangélicas nas nossas ações do dia-a-dia; no exemplificar os ensinamentos maiores na nossa jornada terrena, não teremos com o que nos preocupar, pois estaremos cumprindo a nossa missão de seres que fazem brilhar a sua luz, a luz que o Mestre disse termos em nós: “Vós sois a luz do mundo.” (Mateus 5:14). Encontramos ainda: “Então Jesus tornou a falar-lhes, dizendo: Eu sou a luz do mundo: quem me segue de modo algum andaré em trevas, mas terá a luz da vida.” (Mateus 8:12)

Diante das palavras do Mestre: *“Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem ceifam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não valeis vós muito mais do que elas?”* (...) *“Olhai para os lírios do campo, como crescem; não trabalham nem fiam; contudo vos digo que nem mesmo Salomão em toda a sua glória se vestiu como um deles.”* O que poderíamos trazer como reflexão?

Muitas das interpretações que levam a crer não serem necessárias ações de nossa parte, para recebermos o que se nos faz necessário, advêm dessa passagem transcrita de Mateus. Muitos se colocam à semelhança das aves do céu e dos lírios do campo, ou mesmo mais do que eles, para justificarem-se em um estado de espera inoperante.

No entanto, vale refletirmos melhor a respeito e novamente lembrarmo-nos das passagens evangélicas em que somos conclamados a cumprir os mandamentos e produzir bons frutos e fazer com que os frutos permaneçam.

As aves dos céus também têm um papel a cumprir em sua transição sobre a Terra: buscar o próprio alimento para sobreviverem e serem disseminadoras das sementes dos frutos e das flores (fonte de alimento para suas espécies, para outros animais e para nós mesmos, seres humanos).

Os lírios dos campos não trabalham nem fiam, mas também precisam agir para sobreviver. Buscam nas entranhas da terra o seu alimento através da água que absorvem com suas raízes – nutrientes essenciais para sua sobrevivência.

Assim também os insetos e outros animais. A Natureza se oferece como fonte de alimento e sobrevivência, mas todos precisam ir à busca dessa fonte para sobreviver e se multiplicar prestando o serviço que lhe cumprem no processo natural da vida.

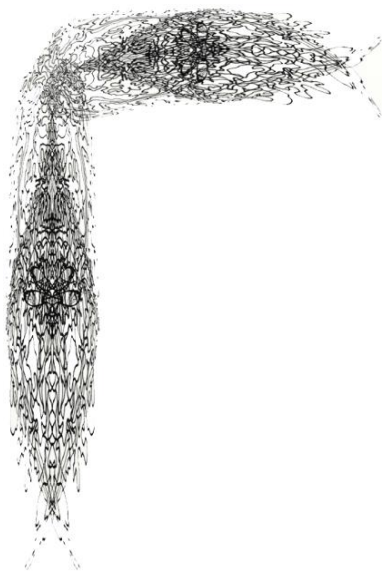
A nós cabe o aprendizado que nos compete. Conhecer os ensinamentos que o Mestre nos trouxe, compreendê-los e exercê-los em nossas vidas. Seremos discípulos dedicados e, mais do que isso, seremos agentes transformadores a partir dos preceitos evangélicos.

Precisamos nos conscientizar de que estamos nesta jornada para buscar o nosso processo evolutivo, aprendendo, conhecendo e cumprindo as Leis Universais a nós oferecidas por Deus.

Não podemos ser inoperantes nesta caminhada. Precisamos sim exercitar cada ensinamento e sermos exemplos vivos da transformação que esse aprendizado opera em nós.

A paz, a luz, o amor sejam nossos esteios para alcançarmos a meta que nos cabe como Espíritos em busca da perfeição que Deus espera de nós.

Assim seja.



Messageiro da estrada

A felicidade transcende o simples prazer físico e emocional. É um sentimento muito mais amplo e requer que estejamos comprometidos não só com o nosso caminhar, mas também, e de forma profunda, com o caminhar de todos aqueles com quem partilhamos esse momento na eternidade.

Conta-nos Irmão X (Humberto de Campos), em seu livro “Estante de Vida”, uma pequena história. (psicografia de Chico Xavier).

Certo homem, que escolhera como experiência de vida, ao reencarnar, dificuldades e abandono para que pudesse promover sua evolução espiritual.

Montou sua casa à beira de um caminho deserto e sem recursos. Tinha a alguma distância de sua casa uma fonte de água límpida e pura que proporcionava ao chão seco uma faixa de vegetação.

Viajores que por ali passavam, fossem ocupantes de carruagens ou simples e pobres romeiros a pé, paravam junto à casa, contentes e agradecidos por encontrarem ali uma bênção: água pura.

Aquele homem, por sua bondade e dedicação, descia a encosta agressiva em direção ao manancial e enchia o cântaro e voltava, vereda acima, para que os viajores tivessem a água cristalina para se revigorar e seguir viagem.

Por sua dedicação e empenho em ajudar, acabou por fazer contato com um Espírito angélico a quem o Senhor ofereceu como missão o cuidado pelos que transitassem por aquela rodovia.

O homem ficou muito emocionado e feliz e passou a chamar aquele Ser angélico de Anjo da Estrada.

Aquele convívio tornou-se importante, pois, além de ser uma companhia benfazeja, restaurava-lhe as energias se cansado; oferecia remédio salutar se doente estivesse; se triste, transmitia-lhe conforto; se cheio de dúvidas e dificuldades, envolvia-o com energias amorosas.

O Anjo da Estrada descia com ele à fonte, tantas quantas vezes fossem necessárias, contava histórias nas Mansões Divinas e recobria sua Alma de tranquilidade e júbilo.

Trinta anos se passaram e mantinham-se unidos os dois seres na missão que a cada um cabia no amparo e auxílio aos viajores daquela estrada.

Certo dia, um viajante de modos práticos, ao observar o esforço que despendia o homem sugeriu-lhe que transferisse sua

casa para perto da fonte, assim não precisaria descer a encosta íngreme à busca da água.

O morador da estrada encheu-se de alegria diante da sugestão e começou providências para alcançar o intento.

No momento em que levava o material da sua casa para o vale, vê o amigo angélico em lágrimas.

Pergunta-lhe por que chorava e o Anjo da Estrada lhe disse que o Senhor concedera-lhe a tarefa de proteger as vidas daqueles que se arriscavam na estrada. Enquanto seu amigo servia oferecendo água pura aos viajores o Anjo tinha permissão para manter com ele as bênçãos da amizade. No entanto, se agora ele preferia o menor esforço, o Anjo teria que se manter à distância esperando alguém que se decidisse a cooperar com ele junto aos viajores, na condição de zelador do caminho.

O homem não hesitou. Interrompeu o que estava fazendo, voltou à sua casa na estrada. Sentiu-se em venturosa paz de espírito mantendo-se a serviço da multidão anônima.

Preferiu trabalhar e ser feliz, em companhia do Anjo da Estrada.

Lembra-nos Humberto de Campos que assim se dá com o exercício dos dotes medianímicos. Por vezes exigem-nos renúncia e trabalho. No entanto, não podemos nos esquecer dos benefícios que trazem àqueles a quem oferecemos nosso trabalho. Há vantagens que superam em muito os obstáculos que porventura tenhamos que enfrentar.

Há alguns aspectos interessantes a nos trazerem oportunidade de reflexão de forma mais detalhada, como: missão, trabalho, amizade, caridade, felicidade. Certamente entre outros.

Missão

Não podemos nos esquecer de que ao acolhermos uma experiência em vida física estamos também assumindo a oportunidade do exercício de um compromisso que nos proporcione maior elevação moral e espiritual. É o nosso caminhar evolutivo a que todos estamos sujeitos, cabendo a nós escolher a forma como queremos exercitá-lo.

Trabalho

Estamos nessa jornada mais para servir do que para ser servido. Disse Jesus: *“Vós não me escolhestes a mim mas eu vos escolhi a vós, e vos designei, para que vades e deis frutos, e o vosso fruto permaneça, a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vo-lo conceda.”* João 15:16

Também em João 13:12-15 encontramos: *“Ora, depois de lhes ter lavado os pés, tomou o manto, tornou a reclinar-se à mesa e perguntou-lhes: Entendeis o que vos tenho feito?”*

Vós me chamais Mestre e Senhor; e dizeis bem, porque eu o sou.

Ora, se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros.

Porque eu vos dei exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também.”

Amizade

A amizade se faz a partir de conexões sutis que nos envolvem e nos trazem a alegria de um convívio sadio. Há uma imantação entre as almas e faz com que haja alegria salutar no conviver e no realizar, em conjunto, tarefas para o bem comum.

Caridade

Viver eternamente a pensar o quanto é maravilhoso servir ao Pai de amor e luz.

Viver sempre juntos na busca do bem maior e da felicidade verdadeira que é estar bem com nós mesmos, com aqueles com quem vivemos e, por consequência, com Deus, nosso Pai, exercitando o Evangelho de nosso amado Mestre Jesus.

Felicidade

O empenhar-se na busca pela felicidade requer priorizarmos objetivos para nossa vida além do mundo físico. A verdadeira vida do espírito que vive em nós, nossa alma.

Enquanto buscamos a felicidade no âmbito de nossa vida terrena, ela se apresenta fugaz, em constante ir e vir, dependendo de

nossos conceitos, valores, maturidade psicológica e idade cronológica.

A felicidade transcende o simples prazer físico e emocional. É um sentimento muito mais amplo e requer que estejamos comprometidos não só com o nosso caminhar, mas também, e de forma profunda, com o caminhar de todos aqueles com quem partilhamos esse momento na eternidade.

Não existe felicidade sem a felicidade do outro, pois esse sentimento só ocorre quando sentimos o bem-estar dos companheiros de jornada.

A consciência iluminada é fator de atingimento da verdadeira felicidade.

A nossa condição como seres em processo evolutivo ainda não nos permite o atingimento desse patamar de consciência, mas podemos ter vislumbres, intuição do que venha a ser. Depende tão-somente de buscarmos reformulação da nossa forma de viver, de nos relacionarmos com o mundo à nossa volta, seja com as pessoas, com a Natureza de forma geral, com nós mesmos.

A felicidade não é resultado de uma indução externa. Ela é resultado de um processo que começa dentro de nós, no íntimo do nosso Ser.

O caminhar em direção à felicidade começa quando abrimos o nosso olhar para o que realmente é importante em nossas vidas, o que efetivamente desejamos. A partir de então, priorizamos a descoberta do nosso verdadeiro Eu, o autoconhecimento, observando nossos erros, transformando-os em alavancas de crescimento, de aprendizado sólido, consistente. A experiência auferida com os erros corrigidos resulta na maturidade e na harmonia interior.

A felicidade pode ser alcançada quando buscamos a consciência de nós mesmos e permitimos que a luz existente em nós brilhe. Quando encontramos o nosso Deus interno e deixamos que Ele se apresente de forma constante em nossas vidas.



Espírito Imortal

O nosso caminhar no corpo físico deve ter como objetivo o reencontro com a verdadeira vida, que é a do espírito. Investirmos no autoconhecimento, na evolução moral e enriquecimento psicológico; a conquista da saúde integral, que procede do interior para o exterior. O corpo é transitório, o que importa é a evolução do Espírito.

Somos espíritos por excelência. Vivemos em um corpo que nos permite a vida biológica com suas experiências e aprendizados.

Já existíamos antes dessa existência corporal, em inúmeras oportunidades, transitando pelos níveis da matéria mais densa e de planos mais sutis, como nos esclarecem aqueles que já estão em planos que favorecem condições de nos esclarecerem a respeito de suas experiências, proporcionando aprendizados enriquecedores.

É o Espírito que comanda nossa experiência na jornada terrena, contribuindo para seu êxito ou desdita. No entanto, nem sempre está consciente da magnitude de suas responsabilidades que oportunizariam fazê-lo alcançar as estrelas.

O corpo tem o seu valor, é a bênção do favorecimento ao seu agente espiritual de experienciar as oportunidades que lhe irão permitir o aprendizado e crescimento necessários ao seu caminhar rumo à libertação, passando pelo autoconhecimento, identificação de suas falhas, perdão, expiação e reparação.

É conveniente, portanto, que o resguardemos de agressões internas e externas. Como um santuário que permite ao Espírito o desabrochar dos valores adormecidos.

Os obstáculos que mais dificultam a nossa caminhada são as imperfeições morais ainda remanescentes de nossas vivências anteriores, desde o primarismo, teimando em nos fazer repetir erros e experiências, tornando-nos infelizes por não conseguirmos alcançar, ainda, esferas mais elevadas, sonhos guardados em nosso íntimo, mas ainda sem condições de serem alcançados.

É imprescindível que nos esforcemos na busca pelo autoconhecimento, autoidentificação das possibilidades que dizem respeito ao despertar da consciência. É compromisso que não podemos adiar se quisermos alcançar um estado de felicidade, de realização interior. O termo em sânscrito para esse estado é *Sukha* – estar feliz no momento presente.

Sem a consciência de que o compromisso é próprio de cada espírito, procura o Ser mecanismos de transferência ou fuga da responsabilidade. Pensa estar fora seus adversários que impedem o atingimento da meta de elevação. Não se dá conta de que o seu adversário é ele mesmo por não se encontrar na preservação de valores morais e de manutenção da harmonia interior.

A experiência biológica proporciona recursos preciosos para que o Ser, como Espírito que é, adquirir consciência de si mesmo, ampliar sua capacidade de entendimento intelecto-moral e da realidade em que se encontra.

Reconhecendo que o seu corpo é um veículo importante para o Espírito, como verdadeiro santuário, tem por objetivo a saúde e o bem-estar; procura evitar comprometimento desequilibrante; dá-se conta de que a sua felicidade depende de fatores ambientais e humanos e que devem estar comprometidos com uma jornada biológica em que é importante participar deste empreendimento salutar.

Termos consciência de sermos seres transitórios, biologicamente falando, nos impele a cometimentos edificantes, direcionando nossos hábitos para uma vida harmônica com tudo e com todos.

A descoberta dos valores existentes em nosso íntimo se compara ao esforço de transformar em uma estátua de rara beleza a pedra grosseira que a oculta.

Teremos encontrado a harmonia quando pudermos olhar para nós mesmos com serenidade, sem conflitos pelas atitudes do passado, como também sem ansiedades pelo que nos espera no futuro.

Não obstante eventuais questionamentos que nos ocorram, teremos conseguido avançar rumo à autorrealização de uma vida harmônica. O atingimento desta meta não exclui uma luta persistente, pois a evolução é um contínuo exercício no sentido de aquisição de conhecimento que nos remete a horizontes mais e mais amplos na busca do saber com indagações a respeito do existir, do Cosmo, da vida e suas implicações.

A autoterapia do amor e dos sentimentos é um instrumento que contribui para o esforço do crescimento interior, da realização enobrecida, levando-nos ao estado de elevação espiritual.

O Ser que alcançou o estado de elevação espiritual demonstra equilíbrio, segurança, harmonia. É alguém que promove bem-estar onde quer que esteja, beneficiando todos com quem convive.

A busca pela aquisição de uma vida harmônica implica na escolha que fazemos dos nossos objetivos existenciais. É imperioso que nos empenhemos em trabalhar no sentido de alcançá-la.

Quanto à morte, lembremos a afirmação de Buda: “o oposto da morte não é vida, mas renascimento”. Estamos sempre em vida, seja no corpo físico ou no corpo espiritual.

O nosso caminhar no corpo físico deve ter como objetivo o reencontro com a verdadeira vida, que é a do espírito. Investirmos no autoconhecimento, na evolução moral e enriquecimento psicológico; a conquista da saúde integral, que procede do interior para o exterior. O corpo é transitório, o que importa é a evolução do Espírito.

Não fosse a importância do despertar do Ser, através das experiências carnis com sucessivos renascimentos, a existência corporal não teria significado lógico ou finalidade. A sobrevivência do Espírito e sua evolução é que dá sentido à vida física.

A permanência da inteligência e do pensamento, além da existência carnal, é algo extraordinário. O viver uma jornada carnal tem por finalidade o educar-se, autoconhecer-se como Espírito e promover a evolução do Ser.

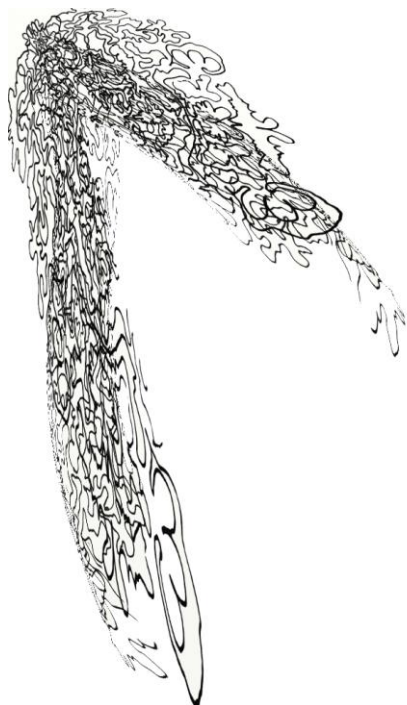
A certeza da imortalidade permite a compreensão das experiências humanas como edificantes e promotores de futuro bem-estar e de harmonia.

A morte é tão-somente a cessação dos fenômenos orgânicos implicando, por decorrência, na liberação do Espírito pela desencarnação.

O desencarne é um instrumento de passagem do ser imortal ao encontro do seu destino, após terminados os renascimentos carnis necessários ao seu processo evolutivo – expressão plena da sua luz e da felicidade.

Apesar de não mais existir o corpo físico, os sentimentos e emoções permanecem. Em razão disso, importante não guardarmos mágoas, nem adversários, mas sim vibrarmos no amor para que o amor vibre conosco em harmonia.

Citando Paulo, I Coríntios 15:55: “Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?”



A busca pelo auxílio espiritual

Precisamos nos lembrar de que todos somos filhos de Deus e que Ele não faz distinção entre aqueles que O buscam. Não somente a cada um será dado de acordo com seu merecimento espiritual, mas todos devem receber o socorro solicitado, seja no atendimento ao que procuram, seja no envolvimento espiritual que lhes proporcionem condições de vivenciar sua experiência de aprendizado e resgate com coragem, determinação e confiança.

Emmanuel, em o texto "Razões dos apelos", no livro "Pão Nosso", aborda o tema sob dois aspectos.

Primeiro refere-se à pessoa que busca o auxílio. Precisa avaliar a sua própria condição de buscador: saber exatamente o que está querendo alcançar; se sua forma de viver contempla condições morais e éticas compatíveis com os seus desejos.

Outro aspecto diz respeito àquele a quem é solicitado o auxílio. A entidade que venha em socorro, não obstante sua eventual elevação espiritual, poderá perguntar de alguma forma o que é importante para o buscador, seja o que precisa, ou o que deseja.

Aqui um breve relato do que contém a passagem em Atos dos Apóstolos 10, utilizada como referência para a reflexão de Emmanuel.

Um homem chamado Cornélio, centurião da corte chamada italiana, era piedoso e temente a Deus, como toda a sua casa. Frequentemente oferecia esmolas e orava a Deus.

Certo dia foi visitado por um anjo que lhe disse terem suas orações e suas esmolas chegado até Deus. Recomendou que Cornélio enviasse um servo até a cidade de Jope e procurasse por um homem chamado Simão Pedro.

Cumprindo o que lhe fora recomendado, enviou dois servos e um piedoso soldado para cumprirem a referida tarefa.

Enquanto isso, Pedro se encontrava recolhido para orar e em certo momento quis comer. Enquanto preparavam a comida, Pedro entrou em êxtase e abriu-se-lhe o céu e como que um lençol desceu e ali se encontravam animais e aves. Uma voz lhe disse para que se alimentasse desses animais.

No entanto Pedro se recusava a comer dizendo que nunca havia comido coisa comum e imunda.

A voz lhe dizia que não deveria chamar de coisa comum e imunda ao que Deus havia purificado.

Esse fato ocorreu por três vezes. Pedro refletia sobre o a visão que tivera.

Nesse momento os servos de Cornélio pararam à porta perguntando sobre Simão Pedro.

Pedro ainda a meditar sobre a visão, ouviu do Espírito que os dois homens o procuravam e recomendou que se encontrasse com eles e os seguisse, pois foram enviados por Ele.

Em Cesareia, Cornélio os esperava. Aproximou-se Pedro e disse-lhes que, apesar de não ser lícito a um judeu chegar-se a estrangeiros, Deus havia mostrado que a nenhum homem deveria referir-se como comum ou imundo e por isso foi até ali sem objeção.

Pergunta então a Cornélio: *“Por que razão mandastes chamar-me?”*

Conta então Cornélio a visão que tivera e a recomendação de chamar a Pedro. Estavam ali para ouvir o que fora ordenado pelo Senhor.

Então Pedro lhe disse:

“Na verdade reconheço que Deus não faz acepção de pessoas; mas que lhe é aceitável aquele que, em qualquer nação, o teme e pratica o que é justo”.

A palavra que ele enviou aos filhos de Israel, anunciando a paz por Jesus Cristo (este é o Senhor de todos) - esta palavra, vós bem sabeis, foi proclamada por toda a Judéia, começando pela Galileia, depois do batismo que João pregou, concernente a Jesus de Nazaré, como Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder; o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do Diabo, porque Deus era com ele.” (...)

Enquanto Pedro ainda dizia estas coisas, desceu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra.”

Os crentes que eram de circuncisão, todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que também sobre os gentios se derramasse o dom do Espírito Santo; porque os ouviam falar línguas e magnificar a Deus.

Respondeu então Pedro: Pode alguém porventura recusar a água para que não sejam batizados estes que também, como nós, receberam o Espírito Santo?

Mandou, pois, que fossem batizados em nome de Jesus Cristo. Então lhe rogaram que ficasse com eles por alguns dias.”

Emmanuel nos coloca que tanto quanto Simão Pedro precisara conhecer o que ocorria entre aqueles que lhe solicitaram a presença, como também os trabalhadores precisam estar vigilantes quanto ao onde pisam e com que fim são convocados ao trabalho.

Os aprendizes do Evangelho devem ficar atentos aos ensinamentos e recomendações.

Muitos costumam invocar a presença de Espíritos em reuniões doutrinárias, por ouvirem referências quanto à sua elevação.

No entanto, não estão atentos às suas próprias condições morais que lhes indiquem ser adequada a solicitação da presença desses irmãos de planos mais elevados.

Remetendo-nos ao ocorrido com Simão Pedro, imaginemo-nos solicitando sua presença e nos verificássemos diante da presença do venerável apóstolo.

Certamente seríamos obrigados a manifestar ao emissário as razões de nossa solicitação.

Por uma questão de bom senso, precisamos perguntar a nós mesmos se possuímos elevação moral e espiritual para ver, ouvir e compreender os ensinamentos de um Espírito tão elevado!

Seria lícito solicitarmos a presença de um Espírito sublime, ou mesmo de elevado padrão moral e espiritual tão-somente para ouvi-lo falar?

Gostaria de refletir também sobre o que nos coloca Pedro, no texto em Atos dos Apóstolos.

Os trabalhadores do Senhor, quando chamados, por vezes têm em seu íntimo sentimentos de discriminação ou preconceito com relação aos que lhes buscam auxílio.

Precisamos nos lembrar de que todos somos filhos de Deus e que Ele não faz distinção entre aqueles que O buscam. Tão-somente a cada um será dado de acordo com seu merecimento espiritual, mas todos devem receber o socorro solicitado, seja no atendimento ao que procuram, seja no envolvimento espiritual que lhes proporcionem condições de vivenciar sua experiência de aprendizado e resgate com coragem, determinação e confiança.

Também os trabalhadores da seara do Senhor, na jornada terrena, deverão procurar prestar o auxílio que lhes estiverem ao alcance, sem discriminação ou preconceito, cumprindo a missão que abraçam como divulgadores do Evangelho e discípulos do Mestre Jesus, o Cristo.



Nota: Muito interessante refletirmos sobre a prática de buscarmos o auxílio de entidades por quem temos estima e em quem confiamos para alcançarmos alguma graça especial.

É muito comum as pessoas se dirigirem diretamente a espíritos, invocando seu auxílio ou proteção. Não nos damos conta de que nem sempre esses espíritos que invocamos têm condições de prestar o auxílio solicitado, não obstante serem parentes queridos ou pessoas muito especiais que já se foram. Pode acontecer de eles ainda estarem em situação de tratamento no plano sutil, ou em aprendizado, ou ainda adormecidos em sua nova condição de desencarnados.



Reconhece-se a árvore por seus frutos

Não basta que transmitam os ensinamentos, têm também que ser coerentes em suas ações, sejam propagadores da mensagem do Cristo a partir do exemplo. Caso assim não seja, não demonstrarão credibilidade, não terão força de convencimento na mensagem que transmitem por palavras. A força das suas palavras está na coerência com suas atitudes.

Observemos a Natureza à nossa volta. Há as mais várias expressões no mundo vegetal, sejam flores, pequenos arbustos, plantas rasteiras, inúmeras cores e matizes. Árvores frondosas, copas espessas, galhos robustos, outros nem tanto. Algumas se restringem a nos proporcionar bem-estar com suas sombras, sempre bem-vindas depois de um dia estafante de trabalho ou mesmo de longas caminhadas; permitem que as fontes de água mantenham o seu frescor e beleza. Outras têm uma função muito especial – produzir frutos – oferecem-se como fonte de alimento a revigorar nosso corpo físico, mantendo-nos saudáveis quando saudáveis são os frutos que produzem. Nem nos é possível identificar tantos detalhes que se mostram e embelezam o ambiente que nos cerca.

Entre tantas expressões do mundo vegetal vamos focar nossa reflexão em uma delas, de forma especial – as plantas frutíferas.

Há enorme variedade destas espécies. Pequenas e rasteiras, como as que nos oferecem os morangos, outras em árvores de dimensões expressivas como o abacate, o caju, a manga. Todas fontes de alimento e suprimento de vitaminas.

As boas árvores produzem bons frutos.

No entanto, temos também as árvores que não produzem frutos saudáveis à vida animal, como fonte de alimento. Eis aqui algumas delas: Beladona, Ervilha do Rosário, Nuz-Vômica e Erva-de-São-Cristóvão. São frutos que podem promover a falência do corpo físico. Vale ressaltar que não é por serem tóxicas para o Ser Humano e animais que não possam ter uma função nobre no mundo em que vivemos. Muitas dessas plantas, se tratadas adequadamente, podem ter função medicinal, algumas já conhecidas e outras ainda a serem identificadas para este uso.

A partir dessa panorâmica, vamos nos lembrar do que nos disse Jesus certa vez: “Assim, toda árvore boa produz bons frutos; porém a árvore má produz frutos maus. Uma árvore boa não pode dar maus frutos; nem uma árvore má dar frutos bons. (...) Portanto, pelos seus frutos os conhecereis.” (Mateus 7:17 a 20)

O Mestre, nesta passagem, referia-se às pessoas que se apresentavam como divulgadores dos ensinamentos maiores, os profetas, por exemplo. Árvores com maus frutos seriam os falsos profetas.

O que poderíamos dizer sobre os profetas para compará-los às árvores que produzem bons frutos?

Os frutos que são saborosos, que proporcionam uma alimentação saudável, energia para o corpo, vigor, são produzidos pelas árvores boas... Os verdadeiros profetas. Podemos inferir, por decorrência, que os mensageiros da verdade, fiéis aos ensinamentos do Mestre, aqueles que agem de conformidade com os preceitos evangélicos, proporcionam àqueles que ouvem suas mensagens energia e vitalidade, que lhes correspondem ao alimento espiritual. Os ensinamentos por eles transmitidos são os bons frutos.

Não basta que transmitam os ensinamentos, têm também que ser coerentes em suas ações, sejam propagadores da mensagem do Cristo a partir do exemplo. Caso assim não seja, não demonstrarão credibilidade, não terão força de convencimento na mensagem que transmitem por palavras. A força das suas palavras está na coerência com suas atitudes.

Aquele que se propõe a ser um divulgador dos ensinamentos maiores tem a responsabilidade de estar sempre atento à recomendação do Cristo: **“Vigiai e orai**, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca.” (Mateus 26:41)

Vale agora perguntar: Por que a árvore e seus frutos?

Porque nós somos as árvores. Somos gérmenes que desabrocharam e colocaram à luz suas capacidades e virtudes. Essas capacidades e virtudes, quando ainda sementes, foram preparadas e enriquecidas para serem fontes de energia, ricas e produtivas.

Desabrochando, esses gérmenes precisam de alimento e apoio, de luz, carinho e amor. Uma pequena plantinha – nós ainda na fase da infância (seja física ou espiritual) – se forma e começa a crescer.

Precisamos regá-la com afeto, estudo, conhecimento e sentimento. Ela irá crescer à medida que mais lhe ofereçamos condições para ser uma planta sadia e produtiva.

A plantinha cresce. Aparecem suas primeiras folhas, um caule frágil. Ainda necessita de proteção, amparo, bons alimentos, sadios.

Crescendo mais e mais, bem conduzida, tornar-se-á uma planta robusta, saudável, em condições de produzir bons frutos.

Surgindo os frutos, resultado de uma planta sadia e repleta de afeto, serão ótimas fontes de alimento àqueles que os procurarem para consumo.

Esses frutos poderão eliminar a fome de alguns, proporcionar prazer a outros e oferecer novas sementes para novas árvores e novos frutos.

Em sendo essas árvores a que Jesus se referiu, quanto mais buscarmos alimento saudável para nosso espírito, melhores frutos iremos produzir e seremos a alento, amparo para todos aqueles que se acercarem de nós.

Seremos instrumentos de amor quanto mais amor tivermos em nossos corações.

Procuremos ser árvores sadias, com bons frutos, frondosa, oferecendo sombra àqueles que estão cansados e sofridos. Deixemos que nossos frutos preencham as carências de tantos quantos neles buscarem o alimento.

Sejamos instrumentos de amor, de amparo. Proporcionemos atendimento fraterno aos nossos companheiros de jornada. Aqueçamos os corações, amenizemos as dores, ofereçamos alegria, sejamos frutos completos a realizar um trabalho maravilhoso nesse mundo em que vivemos.

Como são maravilhosos os caminhos do Pai. Caminhos por onde passamos com amor, serenidade e muita paz.

Caminhos floridos. Flores de paz, de luz, de caridade, de mansidão e entendimento. Árvores com frutos saborosos e ricos em poder de grandes realizações.

Irmãos, procuremos realizar esse trabalho de amor. Esse trabalho onde todos nós podemos demonstrar o quanto já conseguimos aprender do Evangelho e o quanto já conseguimos exercitar dos ensinamentos de nosso amado Mestre.

Estejamos juntos irmãos, no realizar o trabalho de amor, oferecendo conforto e entendimento a tantos irmãos que nos procuram em dificuldades e doloridos em seu interior.

Muitos precisam de esclarecimentos, mais do que de remédios ou de orientações médicas.

As dores maiores, no mais das vezes, são as da Alma. As almas doloridas pedem, clamam por paz, luz, amor, entendimento, esclarecimentos.

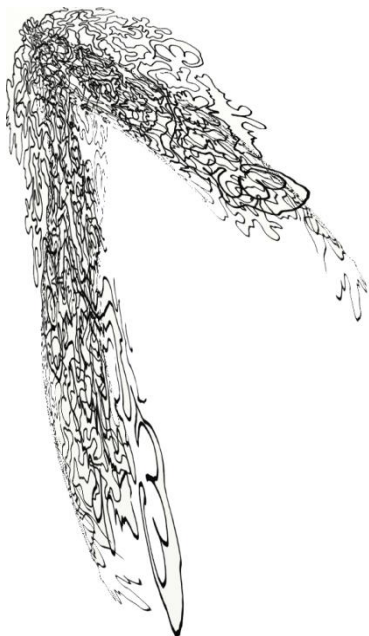
Ofereçamos nós não só o calor das palavras, mas também a luz do entendimento, da razão, do aprendizado maior.

Sejamos luz a iluminar esse Planeta onde vivemos. Ele precisa de luz, de força, de paz. Sejamos instrumentos nas mãos do Pai e façamos o nosso trabalho de forma incessante, com energia, convicção e sabedoria.

Não nos desviemos do reto caminho.

Sigamos juntos, com Deus em nossos corações, agora e sempre.

Que a paz esteja com todos. Graças a Deus.



Orgulho e humildade

Não podemos ter esse orgulho de sermos melhores. E nem fazer julgamentos de que os outros estão distantes de nós. Estamos todos no mesmo caminho, com o mesmo objetivo – evoluirmos e nos encontrarmos com Cristo. Alcançarmos a nossa perfeição que o Mestre espera de nós, como também Deus espera de nós. Estarmos unidos pela energia maravilhosa de Deus, em que estamos imersos.

Vamos refletir sobre dois aspectos da nossa personalidade – orgulho e humildade.

O tema está abordado no Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo VII, em Bem-aventurados os pobres de espírito, e dois de seus itens falam especificamente sobre o orgulho e a humildade.

Vamos analisar primeiro como poderíamos interpretar a expressão pobres de espírito.

A definição encontrada no dicionário é:

- pobre – desprovido ou mal provido do necessário;
- espírito – entre outras, faculdade de compreender, conhecer.

Normalmente a interpretação que se dá, por decorrência, é que pobres de espírito são aqueles que não têm condição de aprender, de refletir.

No entanto, estudando o Evangelho, seu significado em nossas vidas, e tentando alcançar, entender o que o Mestre realmente estaria buscando nos ensinar, há um outro olhar para oferecer com relação à expressão.

Nós aprendemos na doutrina espírita que estamos aqui para evoluir e a evolução se dá ao longo de várias encarnações. Essa evolução também se dá com a aquisição de conhecimento.

Nesse processo evolutivo faz-se necessário que mantenhamos o equilíbrio com o desenvolvimento de duas asas: a do conhecimento e a da evolução moral.

Se nos detivermos apenas no desenvolvimento intelectual não estaremos em nosso processo evolutivo. E se nos ativermos tão-só à evolução moral, também algo estará faltando.

Aprendemos que na individualização do espírito Deus nos concedeu a razão. É nesse particular que nos diferenciamos dos outros animais. É o que caracteriza o Ser Humano.

Para que serve a razão? Qual a sua utilidade?

É a de buscar conhecimento, de refletir sobre o que aprendemos, fazer bom uso do aprendizado. Em suma, evoluirmos intelectualmente. Com a aquisição do conhecimento temos condições

de refletir sobre nossa evolução moral. São as duas asas que têm de estar equilibradas.

Voltando à expressão *pobres de espírito*, qual o motivo de Jesus tê-la usado?

Vamos considerar o contexto em que Jesus estava inserido. Ele falava a todas as pessoas indistintamente, independente do grau de evolução intelectual ou moral; independente de cargos ou funções naquela sociedade.

No entanto, quem mais buscava ouvi-lo e prestar atenção aos seus ensinamentos? Qual o tipo de pessoa que acolhia com mais facilidade os ensinamentos que Ele transmitia?

Eram as pessoas mais simples, mais humildes. Qual seria a razão?

Se considerarmos que muitos intelectuais da época teriam melhores condições para analisar e refletir sobre os ensinamentos, por que eram as pessoas simples as mais sensíveis e absorviam melhor os seus ensinamentos?

Um dos motivos é por estarem mais necessitadas daquelas mensagens que Jesus se propunha a trazer, como também eram pessoas que tinham puro o seu coração, que não resistiam a novos ensinamentos. Pessoas que estavam ávidas por aprender.

Por outro lado, os Fariseus e estudiosos das Leis resistiam a esse aprendizado. Qual a razão de isso acontecer? O seu orgulho. Eles se achavam conhecedores de tudo, eram chamados Doutores da Lei. Eles detinham o conhecimento intelectual da época. Seria muito difícil para eles, por causa do orgulho e da vaidade, reconhecer que havia ainda algo a aprender. Pensavam em como uma pessoa tão simples e que demonstrava relacionamento aconchegante, acolhedor e amoroso com as pessoas simples teria algo a ensinar a eles?

As pessoas que eram mais humildes tinham muito mais vontade de aprender e as pessoas que detinham grande conhecimento não queriam aprender mais, ou não queriam demonstrar que precisariam aprender. Estariam reconhecendo que não sabiam tanto quanto se diziam detentores do conhecimento.

Vamos nos lembrar da Parábola do moço rico. O moço procura Jesus, diz que gostaria de segui-lo e pergunta o que deveria fazer. Jesus dá a ele, como condição, oferecer toda a sua fortuna aos pobres e o jovem, muito triste, retirou-se porque era dono de muitas propriedades.

Podemos usar esta parábola para compreender melhor a questão de ser pobre de espírito. Muitas vezes não seguimos a Jesus porque temos *grandes propriedades* e não queremos abandoná-las. Aqui não estamos nos referindo ao sentido de riqueza material, de dinheiro ou bens imobiliários, porque a maioria das pessoas não estaria nessa condição, mas porque temos grandes posses, como por exemplo, ideias preconcebidas que nos impedem de refletir sobre buscar outro olhar para o que entendemos conhecer. Ao longo de vários anos mantemos esta ou aquela informação e não nos permitimos olhar de uma forma diferente; não queremos refletir a respeito.

Nós temos muitas vezes preguiça mental, até mesmo inércia mental. É mais fácil recebermos uma informação, acolhermos e não pensarmos a respeito. Não usamos aquele dom que Deus nos deu de exercitar a nossa razão.

Há também a excessiva confiança em nossa capacidade de julgar e nas ideias que nos são familiares. Em função de ideias pré-concebidas, passamos a julgar e até a condenar as pessoas porque elas pensam diferente. Ao invés de buscarmos compreender o que ela quer dizer com aquele pensamento ou reflexão, nós simplesmente assumimos que ela está errada. É um tipo de posse, de propriedade que deveríamos abandonar para seguir Jesus.

Nós temos muitas riquezas nesse sentido em nossas vidas.

Outro aspecto, apego sentimental ou material a instituições ou organizações e a hábitos. Estamos acostumados a agir de determinada forma e aceitar que está tudo bem. Nós nos acostumamos a esta condição e não queremos mudar. É mais fácil seguir como está, porque se decidir mudar eu tenho que mudar meu comportamento, minha maneira de ser e, às vezes, até mesmo enfrentar pessoas que pensam ou pensavam da mesma forma que nós e por agora quisermos pensar diferente temos receio de perdermos amizades, relacionamentos, de sermos vistos de forma diferente em instituições e organizações, até mesmo religiosas.

Muitas vezes concluímos que é melhor nos mantermos sem mudanças.

Temos outros tipos de apego, como o intelectual. Aprendemos um determinado caminho na escola, em uma leitura e achamos que está bom para nós. Valorizamos conceitos oferecidos por intelectuais, cientistas, filósofos. Escolhemos pensar de acordo com eles. Em determinado momento nós nos deparamos com outra corrente de pensamento que oferece outra alternativa de reflexão sobre o mesmo assunto. Muitas vezes temos receio de nos permitir pensar a respeito. É apego.

Isso se dá também com o caminhar com Jesus. Há momentos em que ouvimos uma reflexão diferente a respeito de Jesus e seus ensinamentos e não queremos, às vezes, nem mesmo pensar a respeito.

Não devemos nos deter na ideia de que o diferente é errado. Não é uma questão de ser certo ou errado. Existem diferentes formas de vermos o que Jesus nos trouxe.

Há momentos em que estamos mais aptos a aceitar um determinado caminhar, mas, ao aprendermos mais coisas e refletirmos sobre elas, poderíamos pensar na possibilidade de caminharmos diferente ou acolher novos conhecimentos, novos olhares sobre os ensinamentos do Mestre. No entanto, temos medo, medo de como as pessoas irão olhar para nós. Como iríamos administrar este fato?

Precisamos estar sempre utilizando a nossa razão sem apego a conceitos e preconceitos. Temos um olhar lúcido e escolhermos um caminho, seja ele qual for, por estarmos mais alinhados a esta reflexão, cremos que esse olhar sobre os ensinamentos seja melhor. Pode não ser melhor para outras pessoas, mas não pode ser uma questão de errado ou certo. Está no olhar e no caminhar de cada um.

Estamos todos em momentos diferentes de evolução. Não estamos em idênticos níveis nesse processo. Alguns estão em uma direção, em determinado grau evolutivo, outros mais avançados, outros nem tanto. Não é porque alguém está errado, ninguém é dono da verdade!

Nosso caminhar depende de como estão nossas duas asas. O quanto já adquirimos de conhecimento intelectual e o quanto já

conseguimos evoluir moralmente. Por exemplo, eu posso estar mais avançada no conhecimento intelectual e não estar moralmente evoluída em relação a outras pessoas. As experiências da vida, ao longo das encarnações, proporcionam essa diferenciação. Não é uma questão de certo ou errado, ninguém é dono da verdade. Só estamos em momentos diferentes e com capacidade de observação e absorção distintas.

Não podemos ter esse orgulho de sermos melhores. E nem fazer julgamentos de que os outros estão distantes de nós. Estamos todos no mesmo caminho, com o mesmo objetivo – evoluirmos e nos encontrarmos com Cristo. Alcançarmos a nossa perfeição que o Mestre espera de nós, como também Deus espera de nós. Estarmos unidos nessa energia maravilhosa de Deus, em que estamos imersos, como nos diz Emmanuel.

Ainda sobre o orgulho e a vaidade, há mais uma parábola – O fariseu e o publicano. Ambos entram no Templo com um só objetivo, orar, falar com Deus.

Qual é a atitude do fariseu? Ele só se enaltece: eu sou um Doutor da Lei, eu conheço toda a Lei e os profetas, eu cumpro todos os rituais religiosos, eu sou conceituado, sou respeitado. Em nenhum momento em sua prece ele louvou a Deus, nem agradeceu, nem mesmo pediu. Ele ficou o tempo todo só dizendo o quão importante era diante daquela sociedade.

E o publicano? Ele nem levantou o seu olhar. Só pediu perdão a Deus.

Essas duas atitudes exemplificam as duas faces. O fariseu só se enalteceu – o orgulho, a vaidade. O publicano – a humildade de se colocar à frente de Deus pedindo perdão.

Isso mostra o olhar que trouxe no início do por que Jesus usou a expressão pobres de espírito para aqueles que teriam acesso ao reino dos céus. Porque as pessoas humildes é que estão mais disponíveis a receber o ensinamento, aprender e praticar em suas vidas.

Será que estamos sendo humildes ou orgulhosos?

Na realidade, neste patamar em que estamos de evolução, somos tanto humildes como orgulhosos. Alguns mais orgulhosos do

que humildes, outros mais humildes do que orgulhosos, dependendo da circunstância. Temos todos nós essas duas faces.

Estamos em um mundo de expiação e provas, ainda, mas estamos caminhando para merecer um mundo de regeneração. No de expiação e provas ainda há muito do orgulho, do apego, e temos pouca disponibilidade para aprender mais.

Quando nos são oferecidas oportunidades para aprender algo diferente em nossas vidas, para que tenhamos consciência e aceitemos que temos mais conhecimento a adquirir, a primeira coisa que temos de aceitar é: eu não sei tudo, ainda há muito a conhecer. Humildade para crescer, que ainda há muito a caminhar.

Há uma história no livro Jesus no Lar, cujo título é A coroa e as asas. As histórias contadas neste livro são ensinamentos trazidos por Jesus em reuniões como Culto no Lar. Tenho especial carinho pela história em questão.

Assim conta a história. Havia um homem que tinha o objetivo de conquistar todo o conhecimento existente no mundo. Sabia ele que, ao final da jornada, encontraria uma montanha e, subindo esta montanha, encontraria um Anjo que lhe ofereceria a coroa e as asas reservadas àqueles que alcançassem todo o conhecimento e com a coroa e as asas ele poderia ascender ao paraíso.

Durante o seu caminhar, aqui e ali ele deixava à beira do caminho sua capa já gasta pelo uso, ou sua sandália, acolhendo uma nova capa ou sandália para prosseguir. Nesse caminhar ele conseguiu alcançar todo o conhecimento disponível.

Chegando ao pé da montanha, subiu e no alto encontrou o Anjo. Disse-lhe que havia conseguido amearhar todo o conhecimento e sabia haver conquistado o merecimento de receber a coroa e as asas.

O Anjo disse-lhe que realmente ele havia conquistado o direito à coroa, mas para obter as asas ainda havia algo a ser feito. Pediu-lhe, então, que se virasse e olhasse o caminho que havia percorrido.

O homem virou-se e começou a observar as pessoas que percorriam o caminho pelo qual viera até a montanha. Percebeu que algumas pessoas, por não terem o que vestir ou calçar, recolhiam as capas já bem gastas, ou as sandálias que ele deixara pelo caminho. Sua reação foi de crítica, desconsideração e até mesmo de rejeição

pelo que observava, desqualificando as pessoas que passavam a usar o que abandonara à beira do caminho.

A cada interjeição do homem, nesse sentido, o Anjo demonstrava mais e mais tristeza.

O Anjo então diz a ele que deveria retornar ao caminho por onde viera e só mereceria as asas depois de haver compartilhado, com as pessoas que se encontravam no caminho, todo o conhecimento adquirido ao longo da sua vida. Depois de ter cumprido esta etapa ele voltaria até o alto da montanha e receberia as asas para poder se elevar ao Paraíso.

No meu entender o texto nos leva a pensar em situações como a de uma pessoa que aprende noções básicas de matemática. Depois tem acesso a conhecimentos mais complexos e acaba por desconsiderar o conhecimento inicial. Algumas chegam até a desconsiderar a importância desse conhecimento básico não percebendo que elas só conseguiram alcançar o novo aprendizado depois de terem passado pela fase inicial. Mais do que isso, por vezes até mesmo desqualificam alguém que ainda esteja na fase inicial crendo que são menos inteligentes em razão de não conhecerem o que elas já alcançaram. É a atitude do homem da história.

Isso ocorre em todos os aspectos da vida. Precisamos entender que cada um tem o seu próprio tempo e que tem de ser respeitado. O nível de conhecimento intelectual de cada um, o seu próprio patamar evolutivo em aspectos morais tem de ser respeitado. Estamos no mesmo caminho. Todo o conhecimento é importante. O que já foi importante para mim é ou será importante para o outro também. Em determinado momento adquirimos um novo conhecimento e conseguimos ter um olhar mais abrangente sobre o que ocorre à volta. Isso ocorre porque aprendemos algo antes. E esse conhecimento adquirido nesse momento será a base para novas aquisições.

Não podemos ser orgulhosos. Temos que ser humildes. Porque nós temos muito ainda a aprender. Nosso conhecimento está distante daquele que está disponível no Universo.

Há vários níveis de conhecimento. Níveis de evolução, intelectual e moral. Estamos todos nessa caminhada e deveremos ser respeitados e respeitar o outro com relação ao seu modo de

caminhar, e auxiliar o outro a alcançar patamares que nós já conseguimos alcançar. Precisamos ter esse olhar do compartilhar. Sermos úteis à sociedade em que estamos inseridos. Sermos úteis aos nossos irmãos de caminhada, independente da escala evolutiva em que ele esteja. Independente de que religião ele professe, a que filosofia ele seja adepto. Se ele já está ou não em condições de absorver plenamente o que está sendo oferecido, sempre fica uma semente desse conhecimento. Utilizando a razão ele irá trabalhar essa informação, refletir e adquirir novo conhecimento em função desse exercício mental a que se dedicar, prosseguindo sua jornada evolutiva de forma saudável.

Compartilhar é nossa meta. O que Jesus fez enquanto esteve conosco? Ele compartilhou o que sabia, aquilo que queria que aprendêssemos – amar a Deus sobre todas as coisas e amar ao próximo como a si mesmo.

O amar ao próximo como a si mesmo está no ato de compartilhar. Porque se eu amo o outro, quero que o outro tenha as mesmas condições que eu tenho e que considero saudáveis para mim. Isso não quer dizer que eu tenha de impor ao outro o que eu sei, porque aí não é amor, é orgulho de achar que sabe tudo e é dono da verdade.

Precisamos compartilhar, sermos úteis, para termos as duas asas equilibradas. Adquirirmos o conhecimento dentro do possível, o melhor que pudermos e buscar a nossa evolução moral para aplicar o nosso conhecimento intelectual de forma útil, amorosa.

Quando falamos de evolução moral nós estamos falando é de amor. A essência da evolução moral a que Jesus se refere é amor. Esse é o grande ensinamento.

Autoconhecimento, desapego, abandonar preconceitos, adquirir novos valores, virtudes. Amar o próximo depois de nos amarmos. Quando conseguirmos alcançar esta meta teremos conseguido cumprir o segundo grande mandamento. Com a conquista deste objetivo consequentemente estaremos amando a Deus.

Este é o nosso maior objetivo. Amando a Deus, desta forma, estaremos nesse grande manancial de Amor Divino.

Imersos na energia Divina nós já estamos, a dificuldade é percebermos e sentirmos esta bênção.

Quando conseguirmos alcançar esse amor maior, aí sentiremos essa energia de Deus que nos envolve em todos os momentos de nossas vidas.



Ser um divulgador do Evangelho do Cristo

Compartilhar é nossa meta. O que Jesus fez enquanto esteve conosco? Ele compartilhou o que sabia, aquilo que queria que aprendêssemos – amar a Deus sobre todas as coisas e amar ao próximo como a si mesmo.

As referências históricas a respeito de profetas sempre remetem a personalidades com dom da adivinhação.

No entanto, no Evangelho profeta tem uma significação mais ampla e profunda – aquele que tem como missão instruir os homens e lhes falar sobre os ensinamentos maiores.

É uma missão muito importante, muito especial, à qual deveríamos nos engajar todos nós – sermos porta-vozes das mensagens evangélicas, sermos propagadores dos ensinamentos do Amado Mestre Jesus.

Mais do que meros propagadores por palavras, sermos exemplos vivos destes ensinamentos em todos os momentos, através das nossas ações.

Podemos observar muitas vezes pessoas que aparentemente querem nos falar a respeito do Evangelho e dos prodígios do Amado Mestre enquanto entre nós como Jesus, arvorando-se no papel de profetas do Cristo. No entanto, poucas vezes podemos observar essas mesmas pessoas exercitando de forma verdadeira os princípios evangélicos em suas vidas. Essas pessoas são falsos profetas, pois não mantêm a essência dos ensinamentos em seus corações e por isso não conseguem agir como verdadeiros apóstolos do Cristo.

Podemos reconhecer o verdadeiro profeta através de suas ações. Como diz o Evangelho *“são as obras que deveis examinar. Se os que se dizem investidos de poder divino revelam sinais de uma missão de natureza elevada, isto é, se possuem no mais alto grau as virtudes cristãs e eternas: a caridade, o amor, a indulgência, a bondade que concilia os corações; se, em apoio das palavras, apresentam os atos, podereis então dizer: Estes são realmente enviados de Deus.”* (Evangelho Segundo o Espiritismo Cap. XXI, item 8)

Compaixão para com os que estão na infância espiritual

Aqui uma reflexão importante sobre nossas atitudes diante das pessoas que ainda se mostram infantis na lide evangélica.

Quando observarmos alguém com atitudes não condizentes com os ensinamentos evangélicos, sejamos compassivos. Compassivos sim, mas nunca coniventes. Oremos por esses irmãos

compartilhando com ele energias do plano maior para que possam ser sensibilizados pela luz e encontrem seus verdadeiros caminhos.

A não condenação foi um dos ensinamentos que o Mestre nos deixou. Ele sempre demonstrou compaixão por todos aqueles com quem conviveu, crendo na capacidade de cada um encontrar o seu verdadeiro caminho algum dia. A condenação é um sentimento que afasta, que agride. A compaixão, por sua vez, é um sentimento que expressa acolhimento, amparo, amor.

Emmanuel, na mensagem “Meninos Espirituais”, no livro Caminho, Verdade e Vida, diz:

“Jamais prescindamos da compreensão ante os que se desviam do caminho reto. A estrada percorrida pelo homem experiente está cheia de crianças dessa natureza. Deus cerca os passos do sábio, com as expressões da ignorância, a fim de que a sombra receba luz e para que essa mesma luz seja glorificada. Nesse intercâmbio substancialmente divino, o ignorante aprende e o sábio cresce.

Os discípulos de boa-vontade necessitam da sincera atitude de observação e tolerância. É natural que se regozijem com o alimento rico e substancioso com que lhes é dado nutrir a alma; no entanto, não desprezem outros irmãos, cujo organismo espiritual ainda não tolera senão o leite simples dos primeiros conhecimentos.

Toda criança é frágil e ninguém deve condená-la por isso.”

Como cristãos e espíritas precisamos não só nos comportar dentro dos princípios evangélicos e doutrinários. Faz parte da nossa jornada, como espíritos já de alguma forma esclarecidos e comprometidos com os ensinamentos do Mestre, compartilhar o conhecimento que já conseguimos alcançar. Precisamos assumir o nosso papel de evangelizadores, de propagadores do Evangelho e da doutrina. Como disse o Cristo “ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura”.

No entanto, esse trabalho deve ser feito com amor. Precisamos ser compassivos ao levar os ensinamentos aos nossos companheiros de caminhada. O compartilhar deve ser feito com carinho e respeito pelo estágio evolutivo de cada um. Cada um de nós tem a sua própria forma de percepção, limites de aceitação e cada espírito está em seu próprio grau de desenvolvimento e compreensão.

Precisamos estar atentos às nossas atitudes. Muitas vezes pensamos estar agindo de forma cristã com relação ao próximo quando queremos impor a eles a mensagem do Evangelho e a doutrina. Queremos impor-lhes conceitos e exigir-lhes comprometimento com o que ainda não lhes é possível compreender e muito menos ainda cumprir.

Devemos reconhecer que cada um tem o seu próprio tempo para aceitar e assumir novos caminhos que, no caso dos ensinamentos do Cristo, nos exigem mudanças muitas vezes radicais em nossos valores, conceitos, atitudes e até mesmo pensamentos.

As mudanças ocorrem de forma gradual, muitas vezes lenta, pois cada um tem o seu próprio movimento e devemos saber respeitá-los.

Uma das características do verdadeiro cristão e, por conseguinte, do verdadeiro espírita é a de ter a capacidade do não julgamento, a de respeitar os direitos dos seus semelhantes, suas crenças e direito de escolha.

Todos temos nossos momentos de aceitação plena do exercício dos ensinamentos do Mestre. Devemos ser compreensivos ao perceber no outro as dúvidas e os desacertos.

É nosso dever compartilhar o que já conseguimos amearhar durante nossa jornada. Levar ao próximo os ensinamentos do Cristo que já conseguimos compreender e internalizar em nossas vidas. No entanto, não temos o direito de impor ao outro um modo de vida a que ele ainda não está preparado, ou ainda não tem condições de assumir.

Como nos diz André Luiz no livro “Mensageiros”, devemos orientar e passar. Devemos levar o Evangelho do Cristo àqueles que ainda não o conhecem e seguir adiante em novas frentes de trabalho, deixando a cada um a opção de escolha e de aceitação; a cada um o seu próprio momento de ter a capacidade de compreensão e assunção dos ensinamentos como propósitos de vida.

Compartilhar é nossa meta. O que Jesus fez enquanto esteve conosco? Ele compartilhou o que sabia, aquilo que queria que aprendêssemos – amar a Deus sobre todas as coisas e amar ao próximo como a nós mesmos.

O amar ao próximo como a si mesmo está nesse ato de compartilhar. Porque se eu amo o outro eu quero que o outro tenha as mesmas condições que eu tenho e que considero saudáveis para mim. Isso não quer dizer que eu tenha de impor ao outro o que eu sei, porque aí não é amor, é orgulho de achar que sabe tudo e é dono da verdade.

Precisamos compartilhar, sermos úteis, para termos as duas asas equilibradas – o conhecimento e a moral. Adquirirmos o conhecimento dentro do possível, o melhor que pudermos e buscar a nossa evolução moral para aplicar o nosso conhecimento intelectual de forma útil, amorosa.

Quando falamos de evolução moral, estamos falando de amor. A essência da evolução moral a que Jesus se refere é amor. Esse é o grande ensinamento.

Autoconhecimento, desapego, abandonar preconceitos, adquirir novos valores, virtudes. Amar o próximo depois de nos amarmos. Quando conseguirmos alcançar esta meta teremos conseguido cumprir o segundo grande mandamento. Com a conquista deste objetivo, conseqüentemente estaremos amando a Deus.

Este é o nosso maior objetivo. Amando a Deus, dessa forma, estaremos nesse grande manancial de Amor Divino.

Imersos na energia Divina nós já estamos, a dificuldade é percebermos e sentirmos esta bênção.

Quando conseguirmos alcançar esse amor maior, iremos sentir essa energia de Deus que nos envolve em todos os momentos de nossas vidas.

Lembrando uma crônica de Rubem Alves – “É assim que acontece a bondade”. Ele diz que a solidariedade, como a beleza, está além das palavras.

Menciona que Fernando Pessoa sabia que a mensagem do poeta é percebida no vazio que existe entre elas, as palavras. Pois nas pausas existentes entre as palavras pode-se ouvir uma música e esta música não é o poeta que a toca. Pergunta então de onde viria essa música se não foi tocada pelo poeta!

Há também uma reflexão sobre coisas que estão “enterradas” em nossos corpos, imaginando o corpo como um grande canteiro onde se encontram sementes aguardando serem despertadas para desabrochar. Uma dessas sementes seria a solidariedade.

E com relação à solidariedade ele conta uma história sobre seu encontro com um garoto que vendia balas próximo a um semáforo. É quando ele, Rubem Alves, que até aquele momento se mostrava alegre, com sentimentos descontraídos, passa a sentir os sentimentos do garoto que daquele momento em diante estão dentro de si.

Ele diz que, “pela magia do sentimento de solidariedade” seu corpo passa a ser morada do outro e afirma: “é assim que acontece a bondade”.

Que reflexão eu gostaria de trazer com o que disse Rubem Alves?

Sob o olhar poético da crônica, alguns caracteres que poderemos imaginar para o divulgador do Evangelho do Cristo:

1 – Procurar fazer ouvir, naqueles a quem se dirige, aquela música que se mostra no espaço vazio entre as palavras – tocar o sentimento, fazer expandir a emoção existente em cada um.

2 – Fazer brotar a semente que foi enterrada em nossos corpos. Ela está ali presente aguardando ser estimulada para fazer-se brotar e transbordar, nascendo e florescendo. Esta semente poderemos, por analogia, dizer que é a luz divina que existe em cada um de nós que precisa ser despertada para que se expanda e ilumine o mundo à nossa volta.

3 – Despertar naqueles, que estão a ouvir a mensagem de Jesus, o sentimento que possibilite ao próprio corpo ser morada do outro e saber levar a mensagem de forma a poder despertar no outro o gérmen que poderá fazer florescer nele os ensinamentos do Evangelho do Cristo.



Somos Seres imortais

A providência Divina é sábia e é imprescindível que tenhamos consciência disso para acolhermos com paciência e compreensão a experiência que nos é oferecida nessa jornada de aprendizado e evolução.

Somos Seres imortais, nossa verdadeira identidade, neste Universo multidimensional, é o Espírito que dá vida ao nosso corpo e, através dele, assume uma personalidade com valores, compromissos, responsabilidades éticas, particularidades bem específicas, bem como características físicas que nos identificam junto a outros espíritos também vivenciando experiências únicas, com compromissos e responsabilidades que dizem respeito ao processo evolutivo de cada um.

Enquanto neste corpo com que nos identificamos por alguns anos, passamos por vários processos de experiências, aprendizados, conhecimento que nos alavancam na jornada evolutiva, por vezes no sentido que nos oportuniza progresso espiritual, em outros momentos não nos permitimos evoluir e estacionamos, postergando nossa ascensão espiritual, o que nos leva a ter de repetir experiências até que consigamos encontrar o nosso verdadeiro caminho em direção ao que o Mestre nos convida: “Sede perfeitos como perfeito é nosso Pai celestial.” Bem como nos aconselha Paulo em II Coríntios 13:11: “Quanto ao mais, irmãos, regozijai-vos, sede perfeitos, sede consolados, sede de um mesmo parecer, vivei em paz; e o Deus de amor e de paz será convosco.”

Ao longo desta jornada, o corpo segue seu processo de mudanças. É o desenvolvimento natural, sob o ponto de vista biológico. De uma forma geral, nos primeiros anos de vida percebemos uma evolução, seja intelectual, seja física. Características novas; aumento da nossa capacidade de percepção do mundo à nossa volta. Multiplicação das células, ampliação das nossas possibilidades de realização. Mudanças na nossa personalidade, aquisição de novos valores, aquisição de novas percepções éticas e morais.

É uma escalada ascendente até certo momento.

Quando atingimos um determinado patamar nessa escalada, começa o declínio do nosso corpo e do nosso intelecto. Esse momento é diferente em cada um de nós. Alguns conseguem manter certo vigor físico e intelectual por mais tempo, observando sua capacidade laborativa por longos anos. Outros identificam o declinar de suas capacidades ainda jovens, tendo como referência a idade biológica. Há aqueles que mantêm vigor intelectual, apesar de o vigor físico estar se esvaindo. Em contrapartida, outros mantêm vigor

físico, apesar do declínio da capacidade cognitiva e produção intelectual.

Cada um tem a sua própria história, escrita ao longo de séculos, até mesmo de milênios. São experiências as mais diversas, sejam em patamares elevados de realização, ou mesmo de aparente inércia e ilusório declínio espiritual.

Nossa vida, como Seres espirituais, apresenta inúmeras sutilezas das quais nem nos damos conta, mas que exercem intensa influência em nossa jornada visando à evolução espiritual.

Precisamos estar conscientes, no entanto, de que a experiência terrena tem um limite oferecido pelas características do corpo físico que abriga o nosso verdadeiro Ser nesta encarnação. Este limite é determinado não só pelo tipo de vida que escolhemos ter nesta oportunidade, como também pelas escolhas que fizemos ao longo de toda a vida em várias experiências em corpo físico, que são inúmeras, repletas de experiências positivas, bem como de outras que muitas vezes nos fazem desviar de caminhos que nos levariam mais rápido ao nosso objetivo, exercitando a evolução moral e intelectual.

O declínio a que nos referimos traz dificuldades, sejam físicas ou intelectuais, como já dissemos, e na maior parte das vezes não nos sentimos confortáveis com essas limitações, pois gostaríamos de nos manter firmes, vigorosos, ativos, saudáveis, mas este processo é inevitável, a máquina orgânica se desgasta.

Quanto ao desejo que a maior parte de nós tem – o viver fisicamente por muitos anos ainda, além do que fora concebido para o corpo biológico – provável é que não suportaríamos as experiências dolorosas, os processos degenerativos que irrompem a matéria de que é feita nosso invólucro carnal. Chegaria o momento, talvez, de desejarmos a morte libertadora.

A providência Divina é sábia e é imprescindível que tenhamos consciência disso para acolhermos com paciência e compreensão a experiência que nos é oferecida na jornada de aprendizado e evolução.

Faz-se necessário refletir sobre o que nos leva a não desejarmos a morte física, o que nos retém psicologicamente no

anseio de nos mantermos nessa jornada e não queremos prosseguir nas experiências espirituais que nos aguardariam após o desenlace.

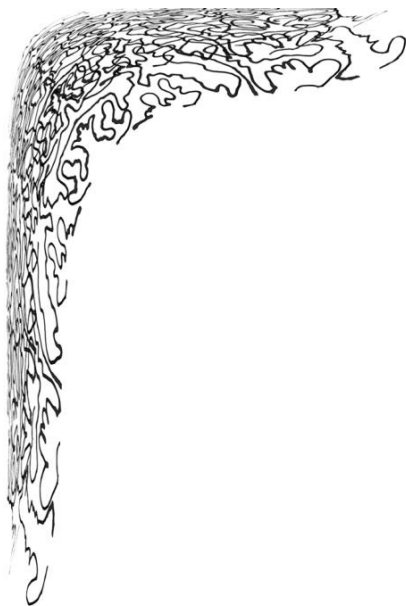
Um dos aspectos que podemos identificar é o medo do desconhecido que nos aguarda. Apesar do conhecimento que nos proporcionam amigos do Plano Espiritual, quanto à vida de além-túmulo, muitos ainda não abraçaram essas verdades de forma plena. O conhecimento ainda se mantém na periferia da capacidade intelectual, mas não se integraram ao arcabouço das verdades reconhecidas como tal.

Pudéramos nós realmente internalizar todo o conhecimento proporcionado pelas experiências compartilhadas pelos amigos do Plano Espiritual. Em sendo assim, perceberíamos a riqueza das oportunidades que ainda estão disponíveis ao nosso aprendizado e enriquecimento intelectual e espiritual em planos sutis, experiências que não nos seriam oportunizadas se aqui ainda permanecêssemos, pois não estariam compatíveis com a existência corporal. Faz-se necessário que tenhamos experiência em outras dimensões para que conquistemos melhores condições de nos elevarmos espiritualmente.

Antes de nos apresentarmos em corpo físico, no plano terreno, já vivíamos independente da matéria a nós emprestada. Como também, depois de abandonarmos a matéria continuaremos a nossa jornada como se não tivéramos qualquer interrupção, é um *continuum*, certamente.

Consciente do processo de renovação constante e de vários renascimentos que promovem condições maravilhosas para o aprendizado e trabalho no bem, iluminados pelo Evangelho do Cristo, precisamos viver de forma a que, chegando o momento do desenlace carnal, este se faça de forma tranquila, sem apegos ou lamentações, com satisfação pela oportunidade de novos reencontros.

Estejamos sempre dispostos a essa conscientização e creiamos, com fé, que o Pai é sábio, justo e bom. A vida que nos é oferecida é a melhor oportunidade que temos para alcançar a iluminação espiritual, exercitando cada experiência como um aprendizado eficaz e promissor.



Deixai venham a mim as criancinhas

O medicamento eficaz para a nossa Alma é o amor. É o único remédio que nos haverá de curar de todos os males: do corpo e da Alma.

O texto do Evangelho Segundo o Espiritismo que trata do “Deixai venham a mim as criancinhas” nos remete essencialmente à imagem do Cristo amoroso, consolador e educador.

“Deixai venham a mim as criancinhas, pois tenho o leite que fortalece os fracos.

Deixai venham a mim todos os que, tímidos e débeis, necessitam de amparo e consolação.

Deixai venham a mim os ignorantes, para que eu os esclareça.

Deixai venham a mim todos os que sofrem, a multidão dos aflitos e dos infortunados: eu lhes ensinarei o grande remédio que suaviza os males da vida e lhes revelarei o segredo da cura de suas feridas!” (ESE Cp. VIII, item 19)

“Deixai venham a mim as criancinhas, pois tenho o leite que fortalece os fracos.”

Jesus nos chama porque sabe que ainda estamos na infância da nossa vida espiritual e precisamos de força e sustentação para o caminhar seguro e confiante. Ele nos oferece seus ensinamentos como alimento para a nossa Alma, para nos fortalecer. Só assim teremos pés firmes e confiantes na jornada de busca pelo progresso espiritual.

“Deixai venham a mim todos os que, tímidos e débeis, necessitam de amparo e consolação.”

Ele conhece nossas fragilidades. Jesus sabe que, mesmo quando nos empenhamos no caminhar do aprendizado e do trabalho à luz do Seu Evangelho, vez por outra falhamos. Quando isso acontece, muitas vezes sentimo-nos culpados por não conseguirmos cumprir os compromissos que assumimos no Plano Espiritual. Mas ele nos exorta a deixarmo-nos estar com ele, pois ele dar-nos-á amparo e consolação. Ele nos dará forças para seguirmos em frente e cumprirmos a meta a que nos propusemos.

“Deixai venham a mim os ignorantes, para que eu os esclareça.”

Muitas vezes não sabemos como agir, como alinhar a nossa jornada terrena. Há muitas dúvidas, insegurança. Inúmeras

oportunidades surgem em nossa vida e não sabemos qual caminho tomar para conseguirmos alcançar nossa meta com segurança.

Ele nos conclama a estarmos com ele para que nos esclareça. Seus esclarecimentos estão nos ensinamentos que nos deixou e que seus seguidores com muito amor e dedicação fizeram com que permanecessem entre nós. São os textos dos Evangelistas, as cartas de Paulo, os Atos dos Apóstolos. Textos que o Evangelho Segundo o Espiritismo reaviva para nós acrescidos dos esclarecimentos que os Espíritos tão bondosamente nos proporcionaram.

Quando tivermos dúvidas quanto a que atitude tomar em determinada circunstância, ou que caminho seguir, busquemos a orientação de Jesus através do recolhimento em prece e deixemo-nos ouvir. Dependendo da resposta que estivermos procurando pensemos assim: — o que Jesus faria em meu lugar, o que seus ensinamentos indicam como melhor solução?

“Deixai venham a mim todos os que sofrem, a multidão dos aflitos e dos infortunados: eu lhes ensinarei o grande remédio que suaviza os males da vida e lhes revelarei o segredo da cura de suas feridas!”

Nós somos os que sofrem, os aflitos e os infortunados. Nós a humanidade ainda frágil e sequiosa de amparo, de forças, coragem para seguir em frente e alcançar a glória da vitória da saúde espiritual sobre as dores da Alma.

Jesus tem o remédio para os males do espírito, o bálsamo que pode aliviar nossas dores e sofrimentos.

A cura a que se refere é a do Espírito, pois somos um Espírito eterno que recebeu um instrumento para exercício das lições para nosso caminhar evolutivo — o corpo físico.

Quando esse instrumento se mostra doente, nada mais é do que a doença da Alma que se reflete no corpo.

Nosso objetivo deve ser a busca pela cura do Espírito, pois quando o Espírito não mais estiver doente nosso corpo também não mais se mostrará doente.

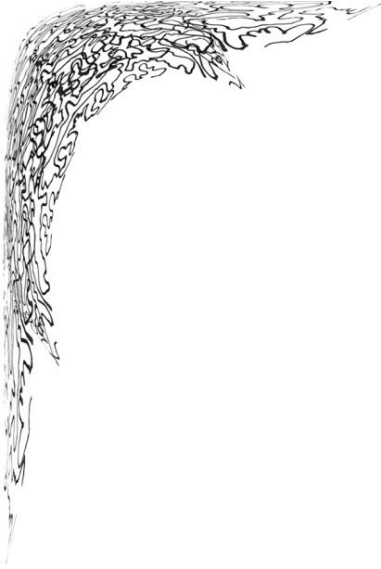
Diz-nos Emmanuel em O Consolador:

“95 –Em face dos esforços da Medicina, como devemos considerar a saúde?”

- Para o homem da Terra, a saúde pode significar o equilíbrio perfeito dos órgãos materiais; para o plano espiritual, todavia, a saúde é a perfeita harmonia da alma, para obtenção da qual, muitas vezes, há necessidade da contribuição preciosa das moléstias e deficiências transitórias da Terra.”

A perfeita harmonia da Alma se dá quando nos conectamos verdadeiramente com os ensinamentos do Cristo e encontramos nosso caminho pautado no seu Evangelho de Amor. Lembremo-nos do que nos disse o Mestre: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai se não por mim.” O caminho com Jesus está no aprendizado do Amor e da Caridade que nada mais é do que o Amor em ação. Seu mandamento maior é esse: “Amar a Deus sobre todas as coisas e amar ao próximo como a si mesmo.”

O medicamento eficaz para a nossa Alma é o amor. É o único remédio que nos haverá de curar de todos os males: do corpo e da Alma.



Confiança e esperança

As experiências que consideramos difíceis e muitas vezes nos fazem sentir revolta, angústias, desassossego, são, na verdade, oportunidades que nos proporcionam o tão almejado crescimento, nossa evolução espiritual.

Sentimentos de paz interior e de amor deverão estar sempre presentes em nossos corações.

Não é saudável afastarmo-nos da luta do dia-a-dia, porque é nessa luta que conquistaremos as graças que tanto buscamos. É no vivenciar essas lutas, ou melhor, nas vitórias auferidas que alcançaremos nossos objetivos, compromissos que assumimos quando optamos pelas experiências na carne, que ora vivenciamos.

Darmos importância excessiva às dores, dificuldades, obstáculos que vez por outra assumem corpo em nossas vidas é uma forma de intensificar as emoções decorrentes dessa escolha e, por consequência abrimos portas para processos doentios, trazendo sérias implicações para o nosso corpo e para o nosso espírito, como por exemplo, a angústia, a depressão, debilitação de órgãos dos aparelhos digestivo, circulatório, entre outros problemas.

Aprendemos com as obras oferecidas pela Doutrina Espírita que as experiências pelas quais passamos são decorrentes de vivências anteriores, de ações cometidas por nós. São oportunidades para proporcionar novos aprendizados; oportunidades de ajustes e de aprendizados que poderemos oferecer a companheiros de jornada terrena. É o processo a que se refere Kardec no livro O Céu e o Inferno, item 16 do Código Penal da Vida Futura – arrependimento, expiação e reparação.

As experiências que consideramos difíceis e muitas vezes nos fazem sentir revolta, angústias, desassossego, são, na verdade, oportunidades que nos proporcionam o tão almejado crescimento, nossa evolução espiritual.

As dores, sejam do corpo, sejam da Alma, são oportunidades maravilhosas de exercitarmos o aprendizado que conquistamos ao longo de várias vidas na carne ou em planos mais sutis, bem como de aprendermos mais e evoluirmos intelectual e moralmente.

Por estranho que nos possa parecer, a forma como recebemos e administramos as dores é o nosso balizamento no verificar o quanto a nossa confiança no Pai está presente em nós.

Sabemos o quanto Ele nos ama e só quer a nossa felicidade, o nosso bem. É o Pai amoroso que aproveita todas as oportunidades para nos orientar, mostrar os caminhos mais favoráveis ao atingimento dos nossos objetivos.

Caso resistamos às orientações do Criador, através dos ensinamentos que o Mestre Jesus nos proporcionou, e ao aprendizado que a vida nos oferece na forma de experiências vivenciais, tornaremos mais difícil a nossa jornada.

O acolher de maneira mais branda, consciente das razões que nos levam a determinadas condições de vida e das implicações de nossas escolhas, torna menos sofrida a jornada terrena, nossas dores serão amenizadas pela certeza de que melhores dias estão à nossa frente, com muita luz e amor. E a certeza de que nosso caminhar evolutivo está em franco processo ascendente. À medida que evoluímos moralmente mais e mais nos permitimos sentir a presença do Criador em nós, fazendo-nos mais próximos a Ele.

Confiemos e deixemos que a paz faça morada em nós para que possamos ser veículos, mediadores dessa paz para o mundo em que vivemos, no exercício do Evangelho.



Julgar ou compreender

Como podemos querer exigir do outro algo que estamos ainda longe de conseguir vir a ser?

Analisar o comportamento de alguém que se dispõe a julgar a atitude de outro é um desafio de certa complexidade. São muitas as razões que impulsionam a isso, é um ímpeto demonstrado por quase todos os seres racionais vivendo em nosso Planeta. Normalmente é uma atitude com características de certa dureza e até mesmo perversidade o querer avaliar a conduta do companheiro de jornada, sem uma postura ética, justa e digna.

Para fazer essa análise precisaríamos adentrar o inconsciente daquele que se crê no direito de julgar, de oferecer uma crítica, de penetrar na intimidade do outro sem conhecimento suficiente de sua vida, de suas razões, de particularidades pessoais. Ao se desconhecer essas variáveis estaríamos também assumindo uma atitude não ética, justa e digna.

O comportamento a que nos referimos – julgar – sem o devido embasamento sobre as razões que porventura tenham levado alguém a tomar essa ou aquela atitude, compromete de forma demasiada aquele que se propõe a tal cometimento. Este mostra manter comportamento mais danoso, demonstra necessitar de mais correção e censura do que aquele a que se propõe ou pretende punir, caluniar.

Quando Jesus disse no Sermão da Montanha: - *“Hipócritas, tirais primeiro a trave do vosso olho e depois, então, vede como podereis tirar o argueiro do olho do vosso irmão.”* (Mateus 7:5), ele se referia àqueles que dominavam a arte de dissimular os desvios morais interiores e empanavam suas desditas buscando revelar os desvios morais nos outros como forma de compensação de sua infelicidade. É uma atitude, podemos mesmo dizer, de projetar em companheiros de jornada o que detestam em si mesmos.

A pessoa que se coloca no papel de juiz do seu irmão assume esse papel, em grande parte das vezes, por não conseguir perceber em si, conscientemente, as imperfeições morais que identifica no outro. Isso acontece porque se encontra atribulado por características muito mais graves e muito mais perturbadoras.

A prática legal do julgamento tem base no reconhecimento do direito, baseado na ética, na conquista do desenvolvimento cultural dos povos e dos homens. Está no conceder àquele em que se questiona o comportamento a oportunidade de apresentar motivos de seus atos, bem como de se verem preservados seus valores e suas conquistas como cidadão.

As duas formas de agir – julgar de forma caluniosa e indigna em contraposição ao julgamento ético e justo – compara-se a do homem mergulhado no seu lado sombrio e a do homem vencedor de suas imperfeições.

Alguém que em determinado momento venha a incorrer em algum erro não perdeu sua condição de Ser Humano, mantendo o direito a tratamento digno e misericordioso, por maior que tenha sido o seu desvio moral. Não nos devemos manter em atitudes primitivas e rudes, como que equiparando-nos àqueles que cometeram um crime ou se encontram em desvios morais.

O julgar de forma insensata e arbitrária é a expressão da inferioridade de quem julga, pois que vê apenas a sua própria forma de ser refletida no outro e tem por essa imagem grande repulsa. Em decorrência deste sentimento, quer destruir essa imagem naquele em que se vê projetado, ferindo-o, por se ver incapaz de libertar-se da própria deficiência que lhe pesa sobremaneira na consciência.

Diante destas reflexões, é importante que venhamos a perceber que, quando nos encontrarmos em uma situação em que nos defrontamos com o impulso de querer proceder a algum julgamento, devemos examinar a atitude, o proceder do outro, não como um censor, um juiz, mas como alguém observador que busca a compreensão e o autoconhecimento, como recurso para não incidir do mesmo erro.

Desta forma estaremos demonstrando um comportamento maduro, de alguém que procura compreender e agir de forma dignificante e saudável.

Observar o outro de forma isenta, sem julgamento e sim com compreensão e misericórdia, e aproveitar essa oportunidade para uma autoavaliação é o instrumento mais eficaz para alcançar o autoconhecimento e a autotransformação, ao que denominamos, na Doutrina Espírita, de Reforma íntima.

Jesus conduziu os seus ensinamentos de forma a nos oferecer mais compreensão sobre as relações humanas. Não nos submetia a julgamentos, pelo contrário, demonstrava misericórdia, compaixão e, principalmente, conduzia-nos à compreensão da necessidade de perdoar.

Importante lembrar, novamente, as palavras do Mestre advertindo-nos quanto ao impulso que nos acomete para julgar nossos companheiros de jornada: “Hipócritas, tirais primeiro a trave do vosso olho e pois, então, vede como podereis tirar o argueiro do olho do vosso irmão.” (Mateus 7:5)

Aprender a não julgar

Por que olharmos para o outro
Com o olhar de quem pode julgar?
Em que nos achamos melhores
Para podermos desta forma pensar?

Somos todos seres a caminhar
Por uma longa estrada do aprender,
Ainda longe de alcançar
A perfeição que imaginamos ter.

Se eu aprendo certa lição,
Outras ainda tenho a saber.
Alcança lições o meu irmão,
Que também outras irá aprender.

Não somos melhores nessa jornada,
Somos simples aprendizes na vida.
E há uma lição que nos impõe acolher
Em primeiro lugar nessa vida.

É a de nos perceber em realidade,
Como seres começando o aprender.
O alcançar a universidade?
Muitas fases temos ainda a viver.

Mesmo depois de formados,
Nas primeiras etapas desse viver,
Ainda aprendizes, só preparados,
Para novas lições a aprender.

Sejamos conscientes, portanto,
E aprender a não julgar.
Estamos todos, por enquanto,
Com uns e outros a estudar.

Sejamos simples no viver,
Determinados no evoluir,
Solidários no aprender,
Fraternos no agir.

Alcançaremos todos um dia,
O patamar que queremos
Mas não se engane, confia,
Que nossas metas mudaremos.

Pois quanto mais nos elevamos,
Nesse aprender e evoluir,
Mais conscientes nos encontramos.
É nossa alma a saber deixar fluir.

E esse saber representa por certo,
Nessa caminhada de aprendizes,
Estarmos já muito perto
Do verdadeiro o amor, em seus vários matizes.

Do livro “Reflexões da Alma”, Elda Evelina



Infância da vida terrena

Há maneiras diferentes de se olhar para esse fato de a criança ser frágil tão somente por ainda estar em um corpo que requer cuidados. O espírito que a conduz pode ter mais experiências do que os adultos com quem conviverá na jornada terrena.

Uma criança é preparada para nascer.

Pensamos em um ser que nos trará alegria.

Quem é? De onde vem?

Indagações mil nos surgem, pois ainda é difícil conceber que um ser tão pequenino possa trazer tantas mudanças em nossas vidas!

Para a mãe, o desenvolver dentro do seu corpo parece mágico. É a vida que se expressa dentro da vida. Conexões ocorrem, troca de emoções nem sempre percebidas ou identificadas por aquela que carrega dentro de si outro ser.

No entanto, a vida que toma forma percebe e sente todas as emoções daquela que a envolve, sejam sentimentos bons ou não, alegria ou tristeza, acolhimento ou desprezo.

Se sentimentos bons, logo se fará uma relação de afeto e aceitação. Se emoções negativas, logo surge um processo de rejeição, seja do ser que envolve, seja do ser envolvido.

É um fato de que devemos ter sempre consciência.

Para alguns, esse ser está surgindo para o mundo nesse momento. Uma alma nova que nunca teve experiências em corpo.

Para outros, uma alma de experiência única que nada trouxe e nada levará do que aqui experienciou.

Para aqueles que acreditam na multiplicidade das experiências da alma, seja em plano físico, seja em plano sutil, aquele ser que ora se desenvolve é um espírito que transitou por culturas e povos em diferentes momentos e circunstâncias. Traz em si um grande cabedal de conhecimentos, sejam empíricos ou científicos; desenvolveu emoções positivas ou não. Suas experiências podem ter sido traumáticas, o que poderá resultar em atitudes agressivas, trazendo dificuldades para seu novo momento de vida, que nem sempre deverá ser com companheiros de jornada com quem se identifica de forma agradável.

Há um leque de opções para esse conviver, mais amplo do que possamos imaginar.

Para esses que acreditam em uma jornada em vários planos e momentos, essa experiência remete a várias reflexões:

- Já conheço esse ser? Qual a relação que ele tem comigo ou eu com ele?

- Quais compromissos assumimos na programação desse encontro?

- Será uma convivência por expiação, por prova ou por reparação? Ou um reencontro para que juntos possamos realizar algo de importante?

- Terei condições de vencer os desafios que se apresentarão à minha frente?

Estas reflexões são válidas, pois demonstram uma preocupação em buscar acertos.

No entanto, há preocupações mais importantes como o compreender qual a melhor forma de conduzir essa experiência!

Qual o papel daquele que recebe esse ser? Qual a melhor forma de lidar com a convivência?

Diz-nos a Doutrina Espírita que, dependendo do grau de conhecimento e de preparo moral, podemos ter parte na programação da nossa próxima existência física. Isto requer estar identificado com as necessidades que temos de acertos com os companheiros da nova jornada em corpo físico, o que precisamos e pretendemos aprender com eles, estarmos preparados para eventuais embates decorrentes de divergências de quaisquer espécies.

No caso de não se ter o preparo moral e emocional adequado, somos levados a ter, à nossa revelia, experiências que o Plano Espiritual identifica como a melhor oportunidade que poderá nos proporcionar o aprendizado requerido, os acertos mais necessários e possíveis.

O que é mais importante na busca pelo entendimento do que ocorre é ter a certeza de tudo estar de conformidade com a programação maior para o nosso caminhar – a evolução espiritual.

Voltando à questão da criança que está em processo de desenvolvimento físico, vale reforçar que a preparação para esta experiência se dá desde antes da fecundação.

Com relação à capacidade desta criança, dizem-nos os espíritos respondendo à questão 379 em o Livro dos Espíritos:

A infância

379. É tão desenvolvido, quanto o de um adulto, o Espírito que anima o corpo de uma criança?

“Pode até ser mais, se mais progrediu. Apenas a imperfeição dos órgãos infantis o impede de se manifestar.” (...)

Importante também registrar o que nos diz o Evangelho Segundo o Espiritismo sobre o como se manifesta o espírito que se apresenta fisicamente na infância – Capítulo VIII, item 4:

“Pois que o Espírito da criança já vive, por que não se mostra, desde o nascimento, tal qual é? Tudo é sábio nas obras de Deus. A criança necessita de cuidados especiais, que somente a ternura materna lhe pode dispensar, ternura que se acresce da fraqueza e da ingenuidade da criança. Para uma mãe, seu filho é sempre um anjo e assim era preciso que fosse, para lhe cativar a solicitude. Ela não houvera podido ter-lhe o mesmo devotamento, se, em vez da graça ingênua, deparasse nele, sob os traços infantis, um caráter viril e as ideias de um adulto e, ainda menos, se lhe viesse a conhecer o passado.”

Há maneiras diferentes de se olhar para o fato de a criança ser frágil tão somente por ainda estar em um corpo que requer cuidados. O espírito que a conduz pode ter mais experiências do que os adultos com quem conviverá na jornada terrena.

No entanto, a possibilidade de esta criança ter mais experiências do que o adulto que o acolhe não implica, necessariamente, em ela ser mais evoluída moral e espiritualmente. Poderá tão-somente ser mais capacitada intelectualmente, mas estar comprometida por desvios de comportamento em outras vidas e vir a experienciar essa nova jornada a fim de aprender sobre as leis morais e relacionamento familiar e social mais equilibrado. Enfim, aprender mais sobre as Leis de Deus.

Em casos assim, grande é a responsabilidade daqueles que se propõem a acolher esse ser. Os adultos que com ele irão viver poderão, em contrapartida às parcas aquisições intelectuais na presente jornada, ser espíritos evoluídos moral e espiritualmente e se prontificam a participar do processo educacional dessa criança para

proporcionar a ela a descoberta de novos níveis de conhecimento e, principalmente, o evangelho do amor.

Há uma reflexão em o Evangelho dos Humildes, quando o autor aborda a passagem em que Jesus disse: *“Deixai venham a mim as criancinhas.”* Rigonatti nos esclarece: *“Estas palavras de Jesus também são uma ordem, para que as crianças sejam instruídas em seu Evangelho, desde pequeninas. Embaraçar as crianças e mesmo repeli-las para que não se acerquem de Jesus, simboliza a indiferença dos pais em não cuidarem da educação evangélica de seus filhinhos. Proceder assim é um erro de lamentáveis consequências espirituais; porque os pais se esquecem de indicar aos filhos o caminho que facilmente os conduziria a Deus.”*

O aprendizado do espírito na infância terrena tem dois aspectos a mencionar: a educação e a instrução.

A educação compete desde o início ao instituto da família. Ali se instala a pedra fundamental na formação do ser. Depois, dar-se-á a continuidade na escola, onde se acrescentará a contribuição intelectual e as experiências sociais aprendendo a se relacionar com outras pessoas fora de seu círculo familiar, onde buscará aprender e exercitar a fraternidade, o desapego, a colaboração, o desprendimento, a compreensão e a compaixão, por exemplo.

O processo educativo tem como objetivo o intercâmbio de aprendizagem. Tem-se que levar em conta o conteúdo a ser oferecido, os métodos e a finalidade a que se propõe, quando se restringe à instrução.

A educação não deve estar restrita a formar hábitos e desenvolver a capacidade intelectual, mas principalmente manter-se de forma dinâmica na troca de experiências, tendo em vista as necessidades do conviver em sociedade e a autorrealização daquele a que propõe educar.

Os métodos a serem utilizados no processo educativo deverão ser adequados às condições mentais e emocionais do aprendiz. Não deverá ser um simples impor do material didático, como também não ter como dinâmica um processo repetitivo. O educador deverá motivar o aprendiz às próprias descobertas, permitindo que ele desenvolva seus métodos de apreensão do conteúdo oferecido.

Ao começar a redescobrir o mundo e se reidentificando com o que a cerca, costuma repetir atitudes que lhe são familiares, ou que lhe tenham proporcionado prazer ou tenham provocado a sua queda em vidas anteriores.

As tendências que demonstram aptidões e percepções são expressões de sua memória que se apresentam de forma inconsciente.

O Espiritismo traz grande contribuição para os pais que acolhem e compreendem os princípios doutrinários.

Aquele que estuda e tenta compreender os fundamentos das vidas sucessivas terá mais facilidade para perceber as nuances, por mais sutis que sejam, do comportamento daquele espírito que se encontra na infância do processo reencarnatório.

Compreendendo que ali se encontra um ser em processo de aprendizado e que traz experiências que lhe possam proporcionar até mesmo sofrimento interior, sem que ainda venha a ter delas consciência, poderá encontrar uma forma de melhor abordar questões que porventura venham a ocorrer e, portanto, proporcionar oportunidades mais efetivas de ajustes e acertos que promoverão a evolução daquele ser em menor espaço de tempo.

Importante voltar a registrar que grande é a responsabilidade daqueles que acolhem uma criança em seu lar ou ao seu convívio social.

Missão de amar

Elda Evelina Vieira

Enquanto preparava-me para nascer,
Em mil questões a refletir,
Buscava no meu íntimo sentir
Razões pelas quais devesse viver.

Dúvida, desejo, emoção,
A todo momento vibrando em mim,
Sabia precisar vir, sentir a vida, por fim.
Era grande o querer no meu coração.

Viria como mulher, experiência na dor.
Querer realizar, conquistar, vencer.
Também viria a emoção de viver
A experiência da beleza do amor.

Amor que conforta, acolhe,
Compreende, ensina, emociona.
Amor sem reservas, que não condiciona
O dar com o receber, liberta e não tolhe.

Entre nós, os seres em evolução,
Há um só amor que se faz presente quase como mito,
Por fazer-se maior do que a dor e o conflito,
É o amor de um grande coração.

Assim, pedi para nascer e aprender a amar.
E para que eu pudesse realmente aprender,
Deus deu-me Seres, maravilhosos, que me ensinaram,
Em cada momento de dor e de dúvidas,
Que além do amor de Mãe também podemos encontrar
O amor filial, verdadeiro, em espíritos especiais
Que vêm como filhos para nos ensinar a amar.



Não vim trazer a paz, mas espada – um olhar sobre a paz e a esperança.

Precisamos ter persistência, mesmo quando não atingimos, de imediato, nossos objetivos. Quando quero atingir uma meta, tenho que promover na minha vida atitudes que me levam a alcançar essa meta.

Para alcançarmos a nossa paz e atingirmos aquilo a que viemos, devemos estudar, acolher o conhecimento, compartilhar, reconhecemos que somos luzes e fazer brilhar essa luz e agir. Se não agirmos o mundo não muda, continuará sendo o mundo para o qual simplesmente olhamos.

“Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada.” Mateus 10:34

Podemos achar estranho. O Mestre fala tanto de amor, de respeito e compaixão, como ele poderia falar em trazer dissensões familiares, sociais? A divisão.

A mensagem do Mestre abria um novo horizonte para aqueles que estavam sensíveis a acolher o amor, o respeito, a compaixão, a ética nas relações interpessoais, justiça, igualdade, inclusão, harmonia. No entanto, aqueles que detinham o poder, por não querer abrir mão do prestígio, da autoridade, da supremacia sobre os menos favorecidos, tentaram a anulação das novas ideias matando o idealizador.

Não compreenderam que estavam diante de algo muito maior do que o próprio propagador da ideia. A Boa Nova tinha vindo para ficar e fincar raízes profundas no mundo não só daquela época, mas por toda a eternidade.

Se em uma família alguém aceita alguma ideia nova e diferente, mesmo hoje em dia nós percebemos isso, as outras pessoas que não estão familiarizadas com aquele novo conceito, seja religioso, seja filosófico, acabam por criar atritos, porque às vezes queremos impor nossas ideias e julgar os demais que as aceitam.

Lembremo-nos da passagem em que Jesus disse: “Não julgueis para que não sejais julgados” (Mateus 7:1). Muitas vezes julgamos o outro esquecendo-nos do quanto somos falíveis, frágeis, do quanto erramos. Mais adiante, na passagem em Mateus, Jesus ainda disse: “E por que vês o argueiro no olho do teu irmão, e não reparas na trave que está no teu olho?” (Mateus 7:3). Precisamos aprender a respeitar o outro.

Quando Jesus disse que iria trazer divisão é porque ele sabia que as novas ideias iriam promover dificuldades nas relações entre as pessoas. Sejam nas relações religiosas, filosóficas, políticas, de poder e mesmo familiares. Esta era a divisão a que Jesus se referira.

Quando Jesus afirmou: “Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada”, ele tão-somente anteviu o que viria acontecer, pois esses acontecimentos eram inevitáveis em razão do nível de espiritualização em que a Humanidade terrena ainda se encontrava.

Precisamos estar atentos, pois ainda hoje nós nos comportamos assim. No convívio com nossos companheiros de jornada queremos que o outro pense como nós, porque nós temos a verdade, não é assim? Não percebemos, ou não respeitamos a crença ou as ideias do outro, a verdade dele, a maneira dele de perceber o mundo, a vida e o que existe à sua volta.

Convivemos com pessoas em diferentes níveis de evolução, seja espiritual, moral, intelectual ou emocional. No entanto, o estar evoluído em um desses aspectos não implica necessariamente que o esteja em outro.

A diversidade tem sua razão de ser, pois é no conviver com as diferenças que aprendemos uns com os outros. A evolução passa pela troca de experiências e aquisições de conhecimento em seus vários níveis e aspectos. Nosso compromisso está no compartilhamento do que sabemos e sentimos. Precisamos proporcionar ao outro a oportunidade de elevar-se no que ele ainda prescinda para sua evolução, como também devemos observar e aprender com o nosso companheiro de jornada para que possamos alcançar níveis muito próximos em múltiplos aspectos e evoluirmos juntos.

Muitas vezes ouvimos esta expressão: a evolução é um caminho solitário. Significa que devemos aprender e nos transformarmos, renovar nossos princípios e conceitos, no interior de cada um de nós. No entanto, o progresso individual se faz para que tenhamos condições e possamos oferecer, uns aos outros, oportunidades de novos aprendizados, compartilhando experiências.

Não podemos ter um conhecimento estéril, mas um conhecimento útil, que produza frutos. É o nosso compromisso na jornada terrena.

Jesus nos disse que não veio trazer a paz, sim a divisão. No entanto, em outro momento ele nos disse: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou. Não vo-la dou como o mundo a dá, não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.” (João 14:27)

Podemos inferir que a paz que ele não trouxe ser a paz na nossa visão limitada, das relações nossas, de estar bem com o mundo.

A paz verdadeira ele nos trouxe, a paz a que se referiu quando estava para deixar o plano material. A paz que o mundo não dá.

Como conseguiríamos alcançar essa paz que não é do mundo, mas que pode ser conquistada no mundo?

Há algumas reflexões que nos podem auxiliar na busca por uma resposta a esta indagação.

A paz que nós queremos tanto só vai ocorrer quando percebermos a real necessidade de vivermos de forma fraterna.

Enquanto estivermos com o olhar de julgamento, não teremos paz. É comum ocorrer algo assim, percebemos algo e nos incomodamos com a forma como outro é. Se nos sentimos incomodados já deixamos de sentir paz. Esta falta de paz não seria por causa do outro, seria por nós mesmos! Nós é que nos permitimos sentir incomodados por o outro ser diferente do que gostaríamos que fosse.

Por onde passa a nossa paz? Pela autotransformação, pelo autoconhecimento. Quando identificamos o que somos.

Não é simples identificarmos nossas fragilidades, imperfeições. Não queremos ver os nossos próprios erros, não queremos nos enxergar como realmente somos. Ainda somos orgulhosos e vaidosos. Não devemos nos sentir culpados por isso, é uma realidade que pode e deve ser transformada.

Se fôssemos perfeitos não estaríamos vivendo em um mundo de expiação e provas, já estaríamos em um mundo de regeneração, pelo menos.

Precisamos nos conhecer mais. Quem eu sou, como me comporto perante a vida, qual é a minha atitude nas minhas relações com as pessoas?

Li certa vez uma frase que nos remete à seguinte reflexão: se eu que partir amanhã, poderia dizer hoje que estou satisfeito com o que sou? Será que estou fazendo o que deveria fazer? Ou preciso mudar algo em mim?

Caso tenhamos esta proposta como meta certamente conseguiremos ser melhores a cada dia, transformando pouco a pouco o Ser que somos.

Todas as noites deveríamos fazer uma reflexão sobre como foi o nosso dia. Meu comportamento foi adequado, há algo que deveria ter sido diferente e por isso devo procurar mudar o meu comportamento?

No dia seguinte, antes das tarefas rotineiras, deveremos pensar qual o compromisso que devo assumir hoje visando melhorar a minha vida, minhas atitudes.

Fazendo isso, vamos encontrando a paz aos poucos, começaremos a gostar mais de nós mesmos.

Quanto mais satisfeitos estivermos com o nosso comportamento, com o nosso olhar, com os nossos pensamentos, mais estaremos em paz. Não porque teremos encontrado a perfeição, mas saberemos que poderemos transformar a nós mesmos.

Todas as vezes em que nos percebermos em condições de mudar, e de nos melhorarmos, estaremos mais perto de encontrar a paz.

Falando sobre paz, reforma íntima, autoconhecimento, autotransformação, gostaria de trazer uma reflexão sobre coisas que percebemos no mundo, este em que estamos vivendo hoje, situações bem atuais.

Quando estudamos a Boa Nova precisamos trazer para o nosso contexto os seus ensinamentos.

Eu me proponho trazer situações da nossa realidade que nos possibilitaria perceber que podemos encontrar a paz nos dias de hoje.

Há um filósofo brasileiro que em um de seus livros traz-nos um olhar interessante sobre situações de nosso dia a dia. ⁽¹⁾ Por exemplo: como nos comportamos com nossos filhos hoje em dia? Há pais que por vezes comentam algo como: o mundo não tem futuro; não há mais esperança para o mundo em que vivemos; o mundo está violento, não vamos ter paz...

Ele alerta para o fato de que, quando nos comportamos assim, estamos dizendo a eles que o mundo não tem futuro, que eles não têm futuro! Este tipo de discurso poderá levar os jovens a acreditar que terão de aproveitar o hoje de forma intensa, remetendo-os,

muitas vezes, ao uso de drogas, à violência, ao descrédito sobre suas próprias vidas, à desesperança e à depressão.

Essas pessoas normalmente acrescentam a esse discurso expressões como: não há o que fazer; não adianta agirmos, pois não conseguiremos mudar as coisas; o jeito é esperar que alguém com condições (políticas ou de poder) apareça para mudar a situação.

São pessoas que não têm atitude transformadora, só de manutenção do *status quo*.

Pergunto a vocês, será que realmente não temos futuro, a esperança não existe para nós, para a nossa família, para a nossa cidade, para o nosso país, para o mundo?

Se olharmos de forma diferente para os acontecimentos ao redor do mundo identificaremos projetos, mobilização de grupos de pessoas que querem transformar o mundo, transformar a vida de algumas sociedades que vivem em situações bem precárias. São agentes de mudanças, mudanças para melhor.

O interessante é direcionar o nosso olhar para a verdadeira realidade em que vivemos: há violência, pobreza extrema, falta de saneamento básico e muitas outras coisas que precisam ser transformadas; mas há também promoções maravilhosas em todo o mundo querendo fazer com que tudo isso seja erradicado do planeta. É sobre isso que gostaria de refletir – podemos ser agentes de transformação. ⁽²⁾

Certa vez li uma entrevista realizada com Satya Sai Baba onde ele diz que não há mais maldade no mundo, o que há é mais luz. ⁽³⁾ Estamos percebendo com mais clareza o que acontece no mundo. É sinal de que já atingimos um patamar que nos permite ver o que precisa ser mudado para que o mundo seja melhor. Só certa evolução nos proporciona isso.

Lendo esta entrevista eu me lembrei da passagem em que Jesus nos disse: *“Vós sois a luz do mundo. (...)Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.”* (Mateus 5:14 e 16)

Nós somos luzes, mas não nos permitimos fazer brilhar.

Nós vamos encontrar a paz quando percebermos esse Ser de luz que somos e deixarmo-nos brilhar para iluminar o mundo.

O que aprendemos durante a nossa jornada deve ser tornado útil, não pode ser guardado.

Quando nós efetivamente percebermos isso e cada um de nós faça com que a luz própria brilhe, o seu conhecimento seja compartilhado, o mundo tornar-se-á melhor.

Vamo-nos lembrar também de um grande pensador e educador brasileiro – Paulo Freire. Ele disse certa vez: *“não se pode confundir esperança do verbo esperar com esperança do verbo esperar. Isso não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo.”*⁽¹⁾

Precisamos ter persistência, mesmo quando não atingimos, de imediato, nossos objetivos. Quando quero atingir uma meta, tenho que promover atitudes que me levam a alcançar essa meta.

Para alcançarmos a nossa paz e atingirmos aquilo a que viemos, devemos estudar, acolher o conhecimento, compartilhar, reconhecermos que somos luzes, fazer brilhar essa luz e agir. Se não agirmos o mundo não muda, continuará sendo o mundo para o qual simplesmente olhamos.

Temos que olhar o mundo e tentar transformar esse mundo. Seremos agentes da autotransformação e da transformação da sociedade em que vivemos, do mundo em que estamos inseridos.

Vale a pena assistir a um documentário (DVD) cujo título é “Quem se importa”. É uma amostra da mobilização que há em várias partes do planeta visando a nossa conscientização sobre o que há no mundo e o que podemos fazer para melhorar as condições em que vivemos.

Precisamos ter esperança e olhar para o mundo como seres iluminados que somos. Porque a paz nós conseguiremos descobrindo que somos pessoas melhores do que imaginamos.

Vamos ter a esperança do verbo esperar e sermos agentes da nossa transformação.

Voltando à paz e à divisão a que se refere o texto de Mateus. A divisão ali referida ocorreu porque as pessoas não tinham a conscientização que buscamos hoje: sermos abertos ao novo e

olharmos o novo como algo que pode ser acrescentado ao nosso conhecimento e à nossa vida. Não termos tantos bloqueios, nem ficarmos cristalizados em preconceitos.

Teremos um olhar fraternal com relação às pessoas e de acolhimento a ideias que podem transformar o mundo, e sermos agentes dessa transformação. Assim nós alcançaremos a paz a que Jesus se referira: *“Deixo-vos a Paz, a minha Paz vos dou. Não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.”* (João 14:27)

Será a nossa paz interior que vamos fazer brilhar no contexto em que estamos vivendo. Fazendo brilhar a nossa luz seremos agentes dessa transformação.

(1) **Não nascemos prontos**-provocações filosóficas, Mário Sérgio Cortella, Editora Vozes

(2) **Um dia na Terra**, da organização de mesmo nome, fundada por Kyle Ruddick e Brandon Litman, documentário em vídeo

Quem se importa - “Um filme para quem acredita que pode mudar o mundo”, de Mara Mourão, DVD

Universidade dos pés descalços, vídeo no Youtube - <http://youtu.be/DoqQGU2ek3M> e <http://youtu.be/81j2ADXjm2k>

(3) Entrevista com Satya Sai Baba - <http://cepf-pilar.blogspot.com.br/2010/12/vis%C3%A3o-de-satya-sai-baba-sobre-2012.html>



Inimigos desencarnados

A nossa transformação moral, espiritual, será para eles a constatação de que nós nos transformamos, que seguimos um caminho diverso daquele de que se lembram e que provocou o sentimento de inimizade, de rancor.

Inimigos ou simples adversários, ou mesmo companheiros e até mesmo afetos em outras vidas.

Por que se tornaram inimigos... Ou adversários?

Nós os vemos como inimigos porque normalmente estão a buscar formas para nos prejudicar.

Se todos nós já passamos por outras vidas e já tivemos desafetos ou convivências nada amigáveis com tantos outros espíritos, por qual razão muitos de nós não são afetados pela presença deles? E por qual razão tantos são afetados e até mesmo prejudicados em razão da presença deles em suas vidas?

Todos nós, em algum momento, já cometemos erros, até mesmo muito graves, já prejudicamos outros companheiros de jornada, provavelmente já cometemos crimes ou delitos graves. No entanto, nem todos nós percebemos ou sofremos pela presença de espíritos que querem nos prejudicar.

Há uma razão muito simples... O comportamento, o nível moral que alguns de nós conseguimos alcançar, já conseguiu aprender e internalizar dos ensinamentos do nosso amado Mestre Jesus.

Aprendemos no Espiritismo a importância da ambientação vibracional que conseguimos manter à nossa volta.

Quando conseguimos nos manter equilibrados, harmonizados, fraternos, criamos à nossa volta um campo vibracional que nos ampara e protege.

No entanto, se deixamos nos envolver por energias de rancor, de ódio, de mágoa; se temos atitudes que provocam desentendimentos, discórdia; deixamos de ter essa proteção e permitimos a aproximação e envolvimento de espíritos menos evoluídos e, entre eles, aqueles que foram nossos desafetos e que se transformaram em nossos adversários espirituais.

Como podemos nos proteger?

Reconquistando o nosso equilíbrio, nossa harmonia interior com atitudes fraternas e ambientação harmonizada.

Outra questão: por qual razão estamos aqui, em uma reunião de desobsessão buscando ajuda por algumas dificuldades pelas quais estamos passando?

Porque ainda não conseguimos o equilíbrio suficiente para manter as nossas vidas em condições de proteção.

Veza por outra conseguimos, mas basta um deslize nosso, uma desatenção com relação às nossas atitudes, até mesmo de pensamentos, e abrimos uma porta de comunicação com espíritos em níveis ainda de desequilíbrio e que nos vêm como seus inimigos, por alguma coisa que fizemos com eles em outras vidas, ou com pessoas de sua afeição.

Precisamos de ajuda e buscamos essa ajuda em grupos religiosos, aqui no caso, em uma reunião a que chamamos de desobsessão.

Esses espíritos são companheiros de jornada e estão em processo de aprendizado tanto quanto nós.

No caso de estarmos empenhados em aprender e buscar o nosso caminhar com Jesus, esses companheiros não só estarão em jornada de aprendizado como, relevante refletir a respeito, poderão aprender conosco, e isso é muito bom, é maravilhoso.

A nossa transformação moral, espiritual, será para eles a constatação de que nós nos transformamos, que seguimos um caminhar diverso daquele de que se lembram e que provocou o sentimento de inimizade, de rancor.

Eles passarão a nos observar de forma diferente e provavelmente mudarão também o seu caminhar a partir do aprendizado que vierem a conquistar com a nossa convivência.

Não mais seremos adversários, nós nos transformaremos em amigos.

Ao invés de quererem nos prejudicar, procurarão ser nossos companheiros nessa jornada evolutiva.



Aprender, transformar-se e amar

Elda Evelina Vieira

Onde está, companheiro?
Estivemos juntos em passado remoto,
Vivenciamos experiências
Por vezes difíceis.
Incompreensão,
Desamor,
Injustiças,
Paixões desmedidas.
Não sei qual a nossa ligação!

Por certo estamos ligados,
Conectados por sentimentos,
Emoções nem sempre nobres,
Por vezes até inconfessáveis!
É até constrangedor reconhecer
E confessar a mim mesma.

Quero dizer a você, companheiro,
Que tenho tentado me conhecer,
Buscar no recôndito da minh'Alma,
Meus erros, meus deslizos,
Dos mais variados matizes.
Preciso encontrá-los,
Reconhecê-los,
Mais do que simplesmente isso,
Preciso resgatá-los!
Para tanto, meu primeiro passo
Está no me transformar, de certo.

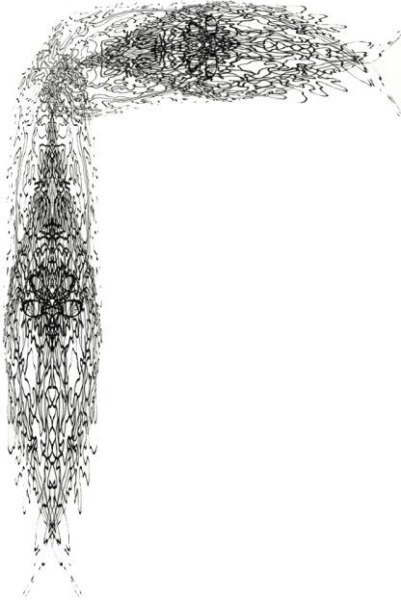
Sei que me acompanha,
Olha para mim com os olhos do seu espírito,
Talvez com rancor, com mágoa,
Ódio até, talvez.
Nem sei o que lhe fiz,
Mas algo existe no seu Ser,
Marcado pela minha insensatez.

Volto a dizer, meu amigo,
Que busco me encontrar.
E no me encontrar,
O me transformar.
Quem sabe você,

Ao ver o meu novo ser,
Poderá perceber meu novo caminhar,
E nesse novo caminhar
Encontrar a minha busca
De aprender a amar?

Quem sabe, meu amigo,
Companheiro de vidas idas,
Venha até mesmo conseguir
Se descobrir como alguém
Capaz de também se encontrar
Ao me ver em novo proceder?
E podermos juntos, então,
Olhar um para o outro,
Abrindo novos sentimentos,
Emoções tocando o nosso novo Ser
Emoções de arrepender,
Do aprender e do se encontrar.
E nos abraçarmos,
Ainda que seja em sonhos
Ou em percepções sutis.

Um dia, quem sabe?
Podemos nos encontrar em corpo,
E nos reconhecemos,
Não como desafetos
Mas como grandes amigos
Que aprenderam a se amar.



Jesus e o Pai eterno, em o Evangelho de João

Nós almejamos a libertação dos males, das dificuldades, do sofrimento. Lembremo-nos do que Jesus nos disse, como escrito em João: “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.” (João 8:32). Conhecer a verdade é deixar-se ensinar por Deus, através de Jesus, o Cristo.

Ao estudarmos as Escrituras Sagradas, tanto o que contêm o Velho e o Novo Testamentos, não podemos nos deter na literalidade dos textos. Precisamos buscar o ensinamento proporcionado pelas passagens que eles nos proporcionam sobre a história do povo judeu, seus conceitos, valores, até mesmo os significados de determinados símbolos ali mencionados, de acordo com sua linguagem, seus costumes e religiosidade predominante à época.

É assim que devemos conduzir nossos estudos para que possamos alcançar, tanto quanto nos for possível, o entendimento da essência do que nos é oferecido pelos evangelistas quando escrevem sobre a vida de Jesus, seus ensinamentos, suas parábolas, sua relação com as pessoas. Precisamos buscar o entendimento do que está subjacente na mensagem que ele nos oferece. Pois temos ali duas questões importantes a serem consideradas com relação ao que foi escrito: o conteúdo dos ensinamentos, propriamente dito, bem como a forma como cada um dos evangelistas utilizou para transmitir esses ensinamentos. Cada um deles com suas características próprias – conhecimento, maneira de se expressar, tipo de relacionamento que teve com o Mestre, e outras.

Aqui temos o Evangelho de João, considerado por alguns estudiosos, como discípulo amado, que acompanhou Jesus até o Calvário e a quem o Mestre ofereceu a missão e oportunidade de acolher Maria como sua mãe.

João também foi o único discípulo, dentre os doze, que teve uma vida longa e morreu de forma natural, pois todos os outros tiveram vida muito atribulada e morreram de forma trágica.

Isto nos remete a interpretar como sendo João um Espírito muito especial com uma missão diferenciada junto ao Mestre. Por isso, creio eu, a razão de buscarmos o estudo sobre Jesus através do olhar desse discípulo amado.

Importante começarmos pela questão 625 de o Livro dos Espíritos, para intensificar nossa conscientização sobre a importância desse Ser tão especial sobre o qual tentamos conhecer um pouco mais:

625. Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo?

“Jesus.”

Tendo como base o Evangelho de João, cabe-nos o contido em João 5:16-47 e João 6:44-45. Acompanhemos o texto do Evangelho e façamos algumas reflexões a respeito das passagens selecionadas em grupos. (O contexto em que se dão os fatos está ao final).

João 5: 16-18 - Cura dum paralítico de Betesda

Por isso os judeus perseguiram a Jesus, porque fazia estas coisas no sábado.

Mas Jesus lhes respondeu: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.

Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus.

Os judeus guardavam o sábado tendo como referência a passagem no livro do Gênesis onde está registrado que Deus criou a Terra em seis dias e no sétimo descansou. Acreditam que precisam descansar no sábado (sétimo dia), pois Deus assim o teria feito.

Sabemos que tudo está em pleno movimento e não há interrupção das ações divinas. Deus continua atuante em todos os acontecimentos.

Interessante refletirmos sobre o sentimento dos judeus quanto a Jesus não dever se chamar filho de Deus, como se isso lhe conferisse a condição de ser também Deus. Somos todos filhos de um mesmo Pai, Deus, somos todos irmãos.

João 5:19-21

Disse-lhes, pois, Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que o Filho de si mesmo nada pode fazer, senão o que vir o Pai fazer; porque tudo quanto ele faz, o Filho o faz igualmente.

Porque o Pai ama ao Filho, e mostra-lhe tudo o que ele mesmo faz; e maiores obras do que estas lhe mostrará, para que vos maravilheis.

Pois, assim como o Pai levanta os mortos e lhes dá vida, assim também o Filho dá vida a quem ele quer.

As palavras de Jesus expressam com propriedade que ele esteve entre nós, na Terra, cumprindo orientação do Pai e a esta se submete humildemente. Ainda nos fala do amor que o Pai para com o filho e, por esse amor, ensina-lhe tudo o que deverá fazer.

Remete-nos à necessidade de nos mantermos humildes e obedientes às Leis Maiores, oferecidas a nós por Deus, como Jesus o fez.

Com relação à passagem em que diz sobre o Pai levantar os mortos e lhes dar vida, poder conferido ao Filho, certamente refere-se à vida espiritual. O mostrar-nos o caminho para a evolução do espírito a partir das reflexões sobre os ensinamentos, promover o autoconhecimento e a reforma moral.

João 5:22-30

Porque o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o julgamento, para que todos honrem o Filho, assim como honram o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou.

Em verdade, em verdade vos digo que quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não entra em juízo, mas já passou da morte para a vida.

Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão.

Pois assim como o Pai tem vida em si mesmo, assim também deu ao Filho ter vida em si mesmos; e deu-lhe autoridade para julgar, porque é o Filho do homem.

Não vos admireis disso, porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida, e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo.

Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma; como ouço, assim julgo; e o meu juízo é justo, porque não procuro a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou.

Considerando-se que o Filho (Jesus) foi enviado pelo Pai, a nossa obediência ao Pai passa pela obediência aos ensinamentos oferecidos pelo Filho (Jesus).

Se não honrarmos o Filho, também não estaremos honrando o Pai que o enviou e orientou quanto à missão que deveria cumprir entre nós.

O poder de julgar conferido a Jesus certamente não corresponde ao de condenar, pois Jesus não condenou ninguém, tão-somente fazia uma leitura do comportamento daqueles com quem convivia e ofereceu a cada um deles a reflexão de que necessitava para fazer sua reformulação de vida e realinhar o seu caminho em direção à luz.

João 5:31-43

Se eu der testemunho de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro.

Outro é quem dá testemunho de mim; e sei que o testemunho que ele dá de mim é verdadeiro.

Vós mandastes mensageiros a João, e ele deu testemunho da verdade; eu, porém, não recebo testemunho de homem; mas digo isto para que sejais salvos.

Ele era a lâmpada que ardia e alumiaava; e vós quisestes alegrar-vos por um pouco de tempo com a sua luz.

Mas o testemunho que eu tenho é maior do que o de João; porque as obras que o Pai me deu para realizar, as mesmas obras que faço dão testemunho de mim que o Pai me enviou.

E o Pai que me enviou, ele mesmo tem dado testemunho de mim. Vós nunca ouvistes a sua voz, nem vistes a sua forma; e a sua palavra não permanece em vós; porque não credes naquele que ele enviou.

Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna; e são elas que dão testemunho de mim; mas não quereis vir a mim para terdes vida!

Eu não recebo glória da parte dos homens; mas bem vos conheço, que não tendes em vós o amor de Deus.

Eu vim em nome de meu Pai, e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, a esse recebereis.

Referindo-se a João Batista, muito respeitado à época e que já falava sobre a vinda do Messias.

Jesus volta a salientar que sua missão era por orientação do Pai e, por isso, o próprio Pai é que dava testemunho sobre ele (Jesus). Não crer em Jesus era o mesmo de não crer no próprio Pai que o enviou.

As pessoas estudavam as Escrituras e criam na veracidade do que ali encontravam. No entanto, não viam nele (Jesus) o Messias que viera para oferecer-lhes vida.

Percebia Jesus que faltava em seus corações o amor a Deus. Eles não tinham Deus com eles, pois ainda não O haviam aceitado de forma verdadeira em seus corações.

João 5:44-47

Como podeis crer, vós que recebeis glória uns dos outros e não buscais a glória que vem do único Deus?

Não penseis que eu vos hei de acusar perante o Pai. Há um que vos acusa, Moisés, em quem vós esperais.

Pois se crêsseis em Moisés, creríeis em mim; porque de mim ele escreveu.

Mas, se não credes nos escritos, como creereis nas minhas palavras?

O texto é claro por si mesmo.

Apesar de estarmos em um nível de evolução em que damos mais importância aos prazeres e glórias materiais, Jesus não nos condena.

O amor de Jesus, e do Pai que o enviou, proporciona a todos nós as oportunidades e o tempo que forem necessários para que alcancemos o patamar espiritual a que se referiu Jesus: “Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celestial..” (Mateus 5:48)

Quando Jesus disse:

“Pois se crêsseis em Moisés, creríeis em mim; porque de mim ele escreveu.

Mas, se não credes nos escritos, como creereis nas minhas palavras?”

Na realidade, creio que ele estava se referindo às Leis de Deus que estão escritas na nossa consciência, e a todo o tempo

alerta-nos por nosso comportamento inadequado. Nós temos o conhecimento do bem e do mal, no entanto, ainda nos deixamos levar por atitudes que dificultam nossa evolução espiritual, como seria de se esperar e desejar.

JOÃO 6:44-46 - Jesus é o pão da vida para os que creem

Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia.

Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus. Portanto todo aquele que do Pai ouviu e aprendeu vem a mim.

Não que alguém tenha visto o Pai, senão aquele que é vindo de Deus; só ele tem visto o Pai.

O aprender com Deus é vir a conhecer os fundamentos das Leis Universais, os ensinamentos trazidos por Seu enviado, Jesus, o Cristo, e aplicá-los em nossas vidas.

É verdade que, de início, essa prática se dará como um exercício de disciplina e determinação, tendo em vista o nível evolutivo em que ainda nos encontramos. Mas o exercício constante dessa prática no internalizar os conceitos de tal forma que, a partir de determinado momento, nossas ações serão coerentes com os ensinamentos evangélicos de forma natural, espontânea.

Esse nível de conscientização do aprendizado passa, inevitavelmente, pelo conhecimento de si mesmo. Ao darmos-nos conta da essência do Evangelho do Cristo passaremos a nos observar melhor – comportamento, valores, conceitos, emoções, sentimentos – e identificaremos no que ainda precisamos melhorar para efetivamente termos coerência entre o que estamos a aprender e o nosso agir. É a efetivação do aprendizado em nossas vidas.

Poderemos então afirmar que conseguimos ser ensinados por Deus e estamos com Jesus, o Cristo.

Com relação ao contido no Evangelho de João: “E a vontade do que me enviou é esta: Que eu não perca nenhum de todos aqueles que me deu, mas que eu o ressuscite no último dia.” (João 6:39), como podemos interpretar?

Sabemos que são esses os níveis de evolução dos mundos habitados: Mundo Primitivo; Mundo de Expição e Provas; Mundo de Regeneração; Mundos Ditosos; e Mundos Celestes ou Divinos.

A interpretação que podemos inferir dos ensinamentos doutrinários, com relação ao referido por João: “mas que eu o ressuscite no último dia.” (João 6:39), é o de quando estaremos prontos para o encontro com Deus no Mundo Celeste, ou Divino. É quando teremos aprendido e exercido os ensinamentos oferecidos por Deus, através do Cristo. Estaremos plenos para esse encontro.

Nós queremos ser felizes, mas acreditando que a felicidade está nas coisas materiais. Precisamos nos conscientizar de que a felicidade verdadeira está na espiritualização de nossa Alma, através do aprendizado constante e do exercício desse aprendizado.

Nós almejamos a libertação dos males, das dificuldades, do sofrimento. Lembremo-nos do que Jesus nos disse, como escrito em João: “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.” (João 8:32). Conhecer a verdade é deixar-se ensinar por Deus, através de Jesus, o Cristo.



O verdadeiro presente de Natal

E comemorar o Natal com Jesus em nossos corações é tentar compreender o que Deus espera de nós e encontrar o melhor caminho para corresponder à Sua expectativa com relação às nossas vidas.

Nesta época do ano nós sempre buscamos refletir sobre o verdadeiro significado do Natal e qual a mensagem que esta oportunidade proporciona a nós.

Sabemos ser a comemoração do nascimento de Jesus. Sabemos, de certa forma, como ocorreu.

Pouco se fala sobre os pais de Maria. Nos Evangelhos não encontramos informação a respeito, mas há alguns textos falando alguma coisa sobre o tema.

Joaquim e Ana (pais de Maria) encontravam-se em idade bem avançada e não tinham filhos.

Conta a tradição judaica que, à época, o homem que não tinha filhos não era bem visto pela sociedade.

Ocorreu que certo dia Joaquim teve sua oferenda recusada no templo e ele, deprimido, retirou-se para o deserto. Ana, triste, chorava e orou ao Pai que os abençoasse com um filho.

Apareceu-lhe um Anjo que lhe disse devesse ir ao encontro de seu marido, ao tempo em que outro Anjo orientava a Joaquim que retornasse. Joaquim e Ana encontraram-se em um lugar que hoje tem o nome de Portão de Ouro ou Porta Dourada.

Nasceu Maria e, em manifestação de gratidão a Deus, Joaquim e Ana levaram Maria ao templo e foi ela educada e orientada espiritualmente pelos Sacerdotes.

Quanto ao nascimento de Jesus, propriamente dito, conta-nos o Evangelho que aconteceu na cidade de Belém, por ocasião do censo. Cidade cheia, sem terem onde se instalar acomodaram-se em um local onde, nas casas, se instalavam os animais, e ali nasceu Jesus sendo colocado em uma manjedoura.

Jesus nasceu de forma humilde, sem aparatos ou instalações de expressão. Envolvido pelo amor e respeito de seus pais – Maria e José -, na presença de um pastor e cercado por animais que ali viviam.

Foram até o local três Reis Magos, ao verem uma estrela de grande brilho no céu. Fora mencionado pelos profetas que uma estrela iria anunciar o nascimento de um Ser especial.

Pouco se tem notícias sobre a infância de Jesus, até os 12 anos. Podemos encontrar maiores informações sobre esta fase de sua vida nos Evangelhos Apócrifos.

Aos 12 anos sabemos que Jesus fora levado a Jerusalém por ocasião da Páscoa. Jesus se afastou de seus pais, sem que eles o percebessem, e ficou no templo no meio dos doutores das leis, ouvindo-os e interrogando-os. E muito se admiraram dele.

Diz-nos Lucas em seu Evangelho 2:52: *E crescia Jesus em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens.*

Depois desse fato, voltamos a ler sobre Jesus nos Evangelhos quando ele viria a ser batizado por João, chamado Batista.

Os evangelistas Mateus, Marcos e Lucas, após falarem sobre o batismo de Jesus, seguem mencionando o fato referido como a tentação de Jesus.

Bem, quanto à parte histórica da vida de Jesus eu me detenho aqui, pois a intenção para esta reflexão é o significado do Natal e, como diz o título, tentar levar uma mensagem sobre o verdadeiro presente de Natal.

De muito antes do nascimento de Jesus diz-nos João em 1:1-5 e 9-11:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

Ele estava no princípio com Deus.

Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez.

Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens; a luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela.

Pois a verdadeira luz, que alumia a todo homem, estava chegando ao mundo.

Estava ele no mundo, e o mundo foi feito por intermédio dele, e o mundo não o conheceu.

Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.

Creio que podemos afirmar, diante do que está escrito em João, que Jesus participou diretamente, por orientação do Pai, na

criação do nosso planeta e na preparação do ambiente para que pudéssemos ser acolhidos e aqui nos desenvolvêssemos espiritualmente visando a busca da nossa perfeição.

Fora orientado pelo Pai para que nos conduzisse e ensinasse o caminho. Quando Tomé lhe perguntou: *Senhor, não sabemos para onde vais; e como podemos saber o caminho?* Ao que Jesus respondeu: *Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim. Se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai; e já desde agora o conheceis, e o tendes visto.* (João 14:6 e 7)

Felipe pergunta: *Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta.* Ao que Jesus respondeu: *Há tanto tempo que estou convosco, e ainda não me conheceis, Felipe? Quem me viu a mim, viu o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai?*

Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, é quem faz as suas obras.

Crede-me que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras.

Em verdade, em verdade vos digo: Aquele que crê em mim, esse também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas; porque eu vou para o Pai; e tudo quanto pedirdes em meu nome, eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho.

Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu a farei.

Se me amardes, guardareis os meus mandamentos.

E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Ajudador, para que fique convosco para sempre. (João 14: 9-16)

Durante alguns dias eu fiquei refletindo sobre essas passagens e ocorreu-me uma percepção sobre o significado do nascimento de Jesus para nossas vidas.

É evidente que estou falando de algo que vai além do fato de Ele ser o Espírito de Luz de maior significação para todos nós, desde tempos imemoriais. Pois mencionamos sempre, como Ele mesmo nos disse, conforme consta dos Evangelhos:

Eu sou a fonte da água viva ... João 7:37 e 38

Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede. João 6:35

Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas, pelo contrário, terá a luz da vida. João 8:12

Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim será salvo. João 10:9

Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá sua a vida pelas ovelhas. João 10:11

Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. João 11:25

Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai senão por mim. João 14:6

Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. João 15:5

Sabendo que o Pai o enviou e deu a Ele a missão de nos conduzir por nossa jornada terrena creio que podemos afirmar:

Jesus é o verdadeiro presente de Natal.

O maior presente que teremos recebido por toda a nossa caminhada neste planeta.

Possamos nós perceber a importância de termos sido agraciados por Deus que enviou Jesus como o maior presente de todos os tempos.

Reconhecendo ser Jesus o perfeito presente, vale refletir sobre como deveremos ou costumamos nos comportar diante de um presente?

Ficamos felizes, sentimos-nos gratos. Creio que seja assim.

Como então expressarmos a nossa alegria e gratidão pelo presente que recebemos do Pai?

Sejamos gratos buscando oferecer ao Pai nossa gratidão.

Há um texto na revista O Reformador, de dezembro de 1975, cujo título é "A Lição do Natal".

A essência da reflexão oferecida no texto é sobre o verdadeiro espírito do Natal e que mensagem traz para todos nós.

Lembra a nós quando o Anjo Gabriel veio até Maria e falou-lhe sobre a sua missão de receber Jesus em seu ventre: *Eis aqui a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra*. Também se refere a Paulo ante a visão da forte luz: *Senhor, que queres que eu faça?*

Este texto nos diz que estamos onde, quando e como para que cumpramos da forma mais adequada os compromissos que nos cabem. Também nos oferece a reflexão: *estaremos também com a atitude interior conveniente, certa e adequada para alcançar esse objetivo?*

A resposta é: se estivermos realizando a vontade do Pai, com certeza a nossa atitude é a mais correta; caso contrário, a resposta seria negativa, talvez até tentando impor a nossa vontade a Ele.

A nossa forma de demonstrar a alegria pelo verdadeiro presente que recebemos do Pai e demonstrarmos a nossa gratidão é estarmos dispostos a promover uma revisão das prioridades em nossas vidas e buscarmos a comemoração do Natal com Jesus em nossos corações.

E comemorar o Natal com Jesus em nossos corações é tentar compreender o que Deus espera de nós e encontrar o melhor caminho para corresponder à Sua expectativa com relação às nossas vidas.

Simbolicamente recebamos mais uma vez o verdadeiro presente, Jesus, neste Natal e demonstremos a nossa gratidão promovendo a nossa transformação espiritual. Lembremo-nos sempre: **Jesus é o presente de Natal mais perfeito e verdadeiro que nós poderíamos imaginar receber em nossas vidas.**



Família universal

Naquele momento, ele, Jesus, assumia o seu papel de condutor de um rebanho muito especial, todos nós, entregues a ele pelo Pai para nos oferecer o caminho da salvação.

Quem somos nós, eu, você, nossos amigos, vizinhos e familiares?

Eu sou um espírito que vive aqui e agora como uma pessoa com nome, um corpo físico que me identifica para relações de trabalho, de relacionamentos sociais e de realizações e conquistas intelectuais, espirituais e até mesmo materiais.

Você também pode se colocar assim, como eu.

Neste momento, tive como meus pais aqueles que me oportunizaram cumprir minha jornada terrena no corpo que me abriga – eu espírito.

Em outras jornadas tive outros corpos, com aspectos diferentes dos que hoje me identificam como pessoa. Creio também que você – espírito – passou por oportunidades semelhantes e juntos talvez tenhamos convivido vivenciando experiências que nos levaram a ser o que hoje somos.

Em algumas oportunidades poderemos ter tido relações familiares, sejam consanguíneas ou simplesmente fraternas.

Poderemos até mesmo ter tido desavenças intensas, ou quem sabe termos vivenciado uma amizade profunda.

O fato é que estamos nesta jornada terrena não pela primeira vez, certamente tivemos inúmeras oportunidades as mais diversas e abrigados por uma matéria que nos deu forma física para sermos reconhecidos e mantermos uma convivência de experiências e aprendizados.

Sou um espírito antigo e tive várias “famílias” nesta jornada terrena ao longo de milênios. Quem sabe até em outras “moradas de meu Pai”.

Como posso saber de tudo isso? É só observarmos que não teríamos condições de alcançar sermos o que somos em alguns poucos anos, mesmo que esses poucos sejam cem anos, pois o que isso representa diante da eternidade?

O Eu espírito abriga conhecimentos e experiências memoráveis que me fortalecem e proporcionam meu caminhar mais firme e seguro, com mais definições do que pretendo e do como posso realizar. Abre-se um caminho de alternativas a partir do meu

conhecimento e da minha capacidade de escolha. E se conquistei mais equilíbrio e bom senso, tenho maiores condições de atingir sucesso nas minhas escolhas e realizações.

Hoje alguém pode ser identificado como meu irmão ou minha irmã, minha mãe ou meu pai. No entanto, em outra vivência, é provável que tenhamos tido outros tipos de relação ou até mesmo nem nos termos conhecido como pessoas em experiência abrigadas em um corpo físico.

Diante de tudo isso que trouxe como reflexão, como poderíamos nos perceber como seres espirituais convivendo em um Universo?

Seríamos espíritos independentes, sem vínculos permanentes uns com os outros, já que tivemos experiências de vidas por vezes nos encontrando... Ou não, relacionando-nos... Ou não, com vínculos afetivos... Ou não, vínculos familiares consanguíneos... Ou não?

Creio que somos, sim, espíritos interdependentes que por vezes se encontram e se relacionam em experiências físicas.

Não obstante nem sempre, ou raríssimas vezes, venhamos a nos encontrar em alguma vivência corporal, fazemos parte de uma grande família – a Família Universal.

Somos todos irmãos, já que somos filhos do mesmo Pai – o Criador.

Lembrando uma passagem evangélica em que Jesus fora chamado a receber seus irmãos e sua mãe:

“Chegaram então sua mãe e seus irmãos e, ficando da parte de fora, mandaram chamá-lo.

E a multidão estava sentada ao redor dele, e disseram-lhe: Eis que tua mãe e teus irmãos estão lá fora e te procuram.” (Marcos 3:31 e 32)

Ao que Jesus respondera:

“Quem é minha mãe e meus irmãos!

E olhando em redor para os que estavam sentados à roda de si, disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos!

Pois aquele que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe.” (Marcos 3:33 a 35)

Há quem não consiga compreender as razões que levaram Jesus a responder daquela forma, já que um dos mandamentos recebidos por Moisés contempla o seguinte:

“Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará.” (Decálogo: Êxodo 22:12)

Precisamos alcançar razões que estão além do que nos parece óbvio, pois a missão de Jesus e seus conceitos estão além do que nos parece evidente, considerando nossas condições limitadas de entendimento.

Jesus é o Governador do nosso planeta, que por intermédio dele foi criado, como nos diz João no capítulo 1 de seu Evangelho:

“Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez.” (João 1:2 e 3); “Pois a verdadeira luz, que alumia a todo homem, estava chegando ao mundo. Estava ele no mundo, e o mundo foi feito por intermédio dele, e o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.” (João 1:9 a 11)

Bem como nos afirma Emmanuel em “A Caminho da Luz”:

“A Gênese planetária – A Comunidade dos Espíritos Puros

Rezam as tradições do mundo espiritual que na direção de todos os fenômenos, do nosso sistema, existe uma Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias.

Essa Comunidade de seres angélicos e perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos, ao que nos foi dado saber, apenas já se reuniu, nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta, por duas vezes no curso dos milênios conhecidos.

A primeira, verificou-se quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar, a fim de que se lançassem, no Tempo e no Espaço, as balizas do nosso sistema cosmogônico e os

pródromos da vida na matéria em ignição, do planeta, e a segunda, quando se decidia a vinda do Senhor à face da Terra, trazendo à família humana a lição imortal do seu Evangelho de amor e redenção.”

Fazemos parte da grande família universal e nosso processo evolutivo passa pela conscientização de que somos um e não partes independentes sem vínculos.

Somos, como disse antes, interdependentes, e tudo o que nos ocorre e sensibiliza, também alcança aqueles com quem partilhamos nosso Universo, quicá universos, considerando a afirmativa, de alguns cientistas, da existência de múltiplos universos.

Jesus, mais do que qualquer um de nós, tinha à época consciência dessa interdependência e da responsabilidade dessa convivência.

Seus irmãos e sua mãe, circunstanciais à época, eram tão-somente parte da sua grande família e sua responsabilidade abarcava a todos nós seus irmãos e ao mesmo tempo pupilos, devendo ele envolver-nos em amor e orientar-nos no sentido de alcançarmos nossa meta de progresso espiritual.

Naquele momento, ele, Jesus, assumia o seu papel de condutor de um rebanho muito especial, todos nós, entregues a ele pelo Pai para nos oferecer o caminho da salvação. Diz Jesus em João 6:38 a 40:

“Porque eu descí do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou.

E a vontade do que me enviou é esta: Que eu não perca nenhum de todos aqueles que me deu, mas que eu o ressuscite no último dia.

Porquanto esta é a vontade de meu Pai: Que todo aquele que vê o Filho e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.”

A interpretação que podemos inferir dos ensinamentos doutrinários, com relação ao referido por João: “mas que eu o ressuscite no último dia.” (João 6:39), é o de quando estaremos prontos para o encontro com Deus no Mundo Celeste, ou Divino. É

quando teremos aprendido e exercido os ensinamentos oferecidos por Deus, através do Cristo. Estaremos plenos para esse encontro.

Nós queremos ser felizes, mas acreditando que a felicidade está nas coisas materiais. Precisamos nos conscientizar de que a felicidade verdadeira está na espiritualização de nossa Alma, através do aprendizado constante e do exercício desse aprendizado.

Nós almejamos a libertação dos males, das dificuldades, do sofrimento. Lembremo-nos do que Jesus nos disse, como escrito em João: “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.” (João 8:32). Conhecer a verdade é deixar-se ensinar por Deus, através de Jesus, o Cristo.” (*)

(*) Deste mesmo livro Evangelho é Amor – Reflexões Evangélicas, Capítulo “Cristo em nossas vidas... Nossas vidas com Cristo”



Reflexão sobre o perdão

O amor desenvolvido em nós, no acolhimento do nosso eu em nossos corações, passará a acolher também aqueles com quem partilhamos nosso momento na eternidade, indistintamente.

A partir de então, estaremos cumprindo o segundo grande mandamento: Amar ao próximo como a nós mesmos.

O tema perdão é muito rico, proporciona várias reflexões.

Construir um estudo a respeito do perdão exige de nós reflexões profundas sobre o ressentimento, a mágoa, sobre os nossos sentimentos com relação às atitudes do companheiro de jornada e até mesmo dos sentimentos destes a respeito do nosso comportamento.

Começando nossa reflexão a partir dos nossos sentimentos, podemos nos perguntar: Por que razão ressentimo-nos com outras pessoas a partir de alguma atitude delas para conosco? Ou mesmo para com alguém que nos é caro?

Há várias formas de olharmos para esta questão.

As atitudes daquela pessoa não correspondem às nossas expectativas? Será porque criamos uma imagem de como deveria ela se comportar e nos vemos frustrados?

Boa parte das vezes é assim que acontece.

Ainda estamos em um patamar evolutivo em que é importante para nós sermos reconhecidos, valorizados. Temos nossa opinião prevalecendo sobre a opinião alheia. Sentimo-nos mais importantes do que as pessoas com quem vivemos, ainda que sejam especiais para nós.

É o nosso orgulho que fala mais alto do que a nossa consciência a nos dizer a todo o tempo: precisamos amar o próximo, respeitar nossos companheiros de jornada, respeitar o ambiente que nos cerca.

A vaidade e o orgulho ainda se expressam com muita intensidade em nós.

No entanto, a percepção dessa realidade não nos pode desequilibrar emocionalmente. Ao tempo que tenhamos consciência dessa particularidade do nosso perfil psicológico, precisamos também apaziguar nossas emoções com a consciência de ainda não sermos perfeitos e trabalharmos o nosso Eu no sentido de acalmar a nossa Alma.

Como faríamos isso? Como alcançar essa condição de equilíbrio e harmonia interior sabendo-nos ainda envolvidos pela energia do orgulho e da vaidade?

Primeiro precisamos buscar o conhecimento sobre nós mesmos. Há uma frase no Templo de Apolo em Delphos que vale sempre lembrar: “Conhece-te a ti mesmo”.

É com a proposta e a atitude de buscar o se conhecer que poderemos encontrar em nós as características da nossa personalidade que devem ser reavaliadas e transformadas.

A partir desse momento, olhar para cada uma dessas características não com a emoção de culpa ou de negação, mas com a percepção de que elas fazem parte de nós mesmos e de que somos capazes de promover nossa mudança interior. É a atitude de quem está disposto a amar a si mesmo, de acolher em seu coração tanto as suas virtudes como seus enganos e defeitos. O amor tem o poder transformador de que precisamos para impulsionar a nossa evolução espiritual.

Um grande Mestre, há pouco mais de dois mil anos, nos disse: “e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” (João 8:32)

Ao buscar o autoconhecimento e trabalharmos as nossas emoções a partir do que encontrarmos em nosso íntimo, de mente aberta e sem sentimento de culpa, tão-somente com a vontade de se encontrar e se transformar, estaremos expressando por nós o verdadeiro sentimento do amor.

E como poderemos proceder a essa transformação a partir desse momento? Porque a simples conscientização não é por si só transformadora. Há a necessidade de ações que promovam a nossa reforma pouco a pouco. Como se costuma dizer: não há saltos quânticos na nossa evolução.

Faz-se necessário colocar essa descoberta do amor em ação.

Li certa vez sobre a experiência de uma pessoa que, na busca pelo encontro com seu íntimo, em processo meditativo, começou a perceber seus “inimigos” interiores. Características de sua personalidade que lhe vinham trazendo dificuldades no seu caminho de evolução espiritual. Aqueles desvios de comportamento, pequenos ou até mesmo grandes defeitos morais. E tomou consciência de que deveria acolher cada um deles em seu coração, expressando seu amor.

A cada atitude de acolhimento amoroso que promovia, diante de cada “inimigo” que encontrava, foi percebendo uma mobilização

interior em direção à libertação da sua Alma. O amor se fazia instrumento de transformação alquímica. Era o amor perdendo tudo o que, em sua Alma, estivera impedindo a sua evolução moral e espiritual.

No entanto, para que consigamos fazer esse contato profundo com nós mesmos, precisamos buscar o silêncio interior para que o nosso interior possa se expressar com intensidade e de forma verdadeira.

Importante ressaltar que, mesmo quando demonstramos determinação em promover essa mudança em nós, haverá momentos em que ainda venhamos a fraquejar.

É o processo de transformação que ainda se faz em nós.

Poderão ser, provavelmente, algumas particularidades da nossa personalidade que ainda não alcançaram a transformação almejada, ou mesmo outras que não tenhamos conseguido identificar no procedimento anterior de busca pela autotransformação.

Nosso ego (orgulho e vaidade) muitas vezes camufla nossos “inimigos” interiores não nos permitindo identificá-los de pronto.

Precisamos nos lembrar de buscar o silêncio que apazigua nossa alma e afasta o nosso ego, deixando-nos mais fortalecidos e disponibilizados ao autoconhecimento e ao encontro com o que há de melhor em nós – o amor e o autoperdão.

Este processo requer uma atitude firme e constante.

Ao percebermos um impulso em nós que demonstre o desabrochar de algum daqueles “inimigos” interiores, é o momento de parar, avaliar nossos sentimentos e tentar acolhê-lo em nosso coração buscando a alquimia do amor.

É um processo dinâmico incessante.

O não despertar para a necessidade de processo de autoconhecimento e autotransformação proporciona em nós um sofrimento, muitas vezes nem o percebemos conscientemente. Fica escondido, camuflado pelo burburinho que não nos permite silenciar a nossa Alma. Até mesmo como um processo de autodefesa, instinto de autopreservação. Não queremos ver o que nos incomoda.

No entanto, esse comportamento só faz agravar nossa perturbação interior. Precisamos trazer à superfície o nosso “lixo” mental para então promover a reciclagem desse conteúdo. É preciso proceder à transformação. Mais uma vez lembrando que é a alquimia do amor em ação – autoperdão.

A disposição, determinação e perseverança na dinâmica desse processo abre em nós uma nova perspectiva para a vida.

Não será tão-somente a nossa própria transformação com relação a nós mesmos, estaremos também abertos a algo ainda mais grandioso no nosso processo em direção à evolução espiritual, despertamento para o encontro com o poder do perdão dirigido ao nosso próximo.

O amor desenvolvido em nós, no acolhimento do nosso eu em nossos corações, passará a acolher também aqueles com quem partilhamos nosso momento na eternidade, indistintamente.

A partir de então, estaremos cumprindo o segundo grande mandamento: Amar ao próximo como a nós mesmos.

A paz, a luz e o amor estejam sempre em nós.



Aprender, transformar-se e amar

Elda Evelina Vieira

Onde está, companheiro?
Estivemos juntos em passado remoto,
Vivenciamos experiências
Por vezes difíceis.
Incompreensão, desamor, injustiças,
Paixões desmedidas.
Não sei qual a nossa ligação!

Por certo estamos ligados,
Conectados por sentimentos,
Emoções nem sempre nobres,
Por vezes até inconfessáveis!
É até constrangedor reconhecer
E confessar a nós mesmos.

Quero dizer a você, companheiro,
Que tenho tentado me conhecer,
Buscar no recôndito da minh'Alma,
Meus erros, meus deslizes,
Dos mais variados matizes.
Preciso encontrá-los,
Reconhecê-los,
Mais do que simplesmente isso,
Preciso resgatá-los!
Para tanto, meu primeiro passo
Está no me transformar, de certo.

Sei que me acompanha,
Olha para mim com os olhos espirituais,
Talvez com rancor, com mágoa,
Ódio até, talvez.
Nem sei o que lhe fiz,
Mas algo existe no seu Ser,
Marcado pela minha insensatez.

Volto a dizer, meu amigo,
Que busco me encontrar.
E no me encontrar,
O me transformar.
Quem sabe você,
Ao ver o meu novo ser,
Poderá perceber meu novo caminhar,
E nesse novo caminhar
Encontrar a minha busca
De aprender a amar?

Quem sabe, meu amigo,
Companheiro de vidas idas,
Venha até mesmo conseguir
Se descobrir como alguém
Capaz de também se encontrar
Ao me ver em novo proceder?
E podermos juntos, então,
Olhar um para o outro,
Abrindo novos sentimentos,
Emoções tocando o nosso novo Ser
Emoções de arrepender,
Do aprender e do se encontrar.

E nos abraçarmos,
Ainda que seja em sonhos
Ou em percepções sutis.

Um dia, quem sabe?
Poderemos nos encontrar em corpo,
E nos reconhecermos,
Não como desafetos
Mas como grandes amigos
Que aprenderam a se amar.



A vida e a morte

68. *Qual a causa da morte dos seres orgânicos?*

“Esgotamento dos órgãos.”

a) - *Poder-se-ia comparar a morte à cessação do movimento de uma máquina desorganizada?*

“Sim; se a máquina está mal montada, cessa o movimento; se o corpo está enfermo, a vida se extingue.” (Livro dos Espíritos)

Fiquei refletindo sobre o que podemos falar, a morte pelo esgotamento dos órgãos parece-nos muito óbvio. O corpo fica fraco, frágil. Nem sempre só quando envelhecemos, por vezes mesmo quando jovens, em razão de alguma doença.

O que poderíamos falar sobre esse tema que nos pudesse enriquecer no conhecimento?

Lembro-me de um estudo anterior – A Alma após a morte – que tem um pouco a ver com o presente tema. Naquela oportunidade abordamos a questão do corpo, sobre o envelhecimento, perdendo capacidades intelectuais e até mesmo motoras, independentemente da idade ⁽²⁾. Até com alguma riqueza de detalhes.

Diante disso, o que poderíamos acrescentar que nos trouxesse mais entendimento a respeito da vida e da morte?

Concluí que seria a forma como vivemos esse momento a que damos o nome de Vida.

A forma como nós nos mantemos nesse intervalo como encarnados é que nos vai remeter a que tipo de morte, ou vida após o desencarne, nós teremos.

Gostaria então de conversar sobre esse período, o intervalo entre uma encarnação e outra.

Lembrei-me então de um outro estudo que ofereci em setembro de 2012 – Envelhecer com sabedoria⁽³⁾. Discorre sobre a vida e o como deveremos nos sentir e comportar quando percebemos a aproximação da velhice e de seus sinais.

Quando estamos jovens, cheios de energia, tudo nos parece tranquilo. Não alcançamos as implicações do avançar da idade, mesmo quando as pessoas idosas trazem reflexões sobre os cuidados que deveríamos ter para alcançarmos uma velhice mais saudável.

O envelhecer com sabedoria é uma abordagem interessante sobre esse período, em que o corpo físico está visivelmente declinando em seu vigor.

O que poderíamos dizer sobre o envelhecer com sabedoria?

Normalmente nós pensamos no envelhecer só quando entramos nos quarenta, mas é importante que tenhamos consciência

de que poderemos nos preparar desde antes para esta fase. Para que não nos sintamos surpreendidos quando os sinais da idade avançada fiquem demasiadamente explícitos e o que nos restaria seria o administrar, porque não nos prevenimos.

Nesse contexto está o preparo para o momento da aposentadoria. Na maior parte das vezes seguimos na nossa rotina e procuramos desconhecer a realidade de que um dia iremos nos afastar das nossas rotinas profissionais. Precisamos encontrar alternativas saudáveis para preencher esse tempo que ficará de certa forma vazio. Caso não nos cuidemos devidamente, este momento poderá acarretar transtornos emocionais e físicos.

Ao tempo que fica difícil nos defrontarmos com essa realidade do envelhecer, vem, por decorrência, o refletir sobre a morte física. É certo que a interrupção da vida biológica pode ocorrer a qualquer tempo, no entanto, quanto mais nos aproximamos de uma idade mais avançada, mais próximos também ficamos desse desenlace inevitável.

A maioria de nós não se dispõe a aceitar a morte física. Vale lembrar, no entanto, que só há duas opções a serem consideradas: se não envelhecermos é porque deixamos o plano físico da vida; se não passamos pela interrupção da vida física iremos envelhecer. Não há outra opção.

Seria muito bom se pudéssemos pensar sobre o envelhecimento como uma coisa boa, saudável. Vocês poderiam então perguntar: como assim? Envelhecer é bom?

Creio sim que podemos olhar para esta fase de uma forma positiva. Estamos no plano físico da vida ainda com oportunidades de aprendizado, de experiências que poderão proporcionar mais sentido à nossa jornada terrena. Estamos estendendo o conviver com nossos familiares, amigos.

À luz do Evangelho do Mestre, estando ainda caminhando com nossos companheiros de jornada e, portanto, podemos acertar nossas diferenças, valorizar as relações, fazer mais amigos e muitas outras coisas que não só vão dar mais sentido à vida do agora, como também proporcionará mais tranquilidade, equilíbrio à nossa vida futura.

Para tentarmos alcançar essa sabedoria no envelhecer precisamos buscar nosso autoconhecimento. No procurar saber quem somos é importante compreender qual o nosso perfil. De qual maneira eu me comporto diante das minhas experiências, sejam positivas ou negativas? O que tenho pensado a respeito da minha vida? Eu gosto do que faço?

O meu comportamento perante à vida, as pessoas, as circunstâncias, está coerente com os ensinamentos que o Mestre nos passou?

O Mestre nos disse: Amar o próximo como a si mesmo.

Muitas vezes nós descobrimos que não nos amamos, como poderíamos então amar o próximo?

Precisamos aprender a nos amar.

E como seria aprender a nos amar? Só poderemos alcançar essa bênção no proceder ao nosso autoconhecimento. É nos reconhecermos como seres frágeis.

Nesse processo de busca pelo conhecer a si mesmo, poderemos até identificar muitas situações em que venhamos a identificar alguns erros. Neste caso, não deveremos, a partir desse fato, assumir um sentimento de culpa, muito pelo contrário, pois se já temos condição de identificar que não agimos corretamente é porque ampliamos nosso estado de consciência e expandimos um pouco mais a luz que existe em nós. Para que essa luz se mantenha nesse novo nível é necessário que assumamos esses erros como oportunidades para promover a nossa mudança interior, o reformarmo-nos moralmente, fazendo surgir o Ser novo que poderia estar adormecido dentro de nós. É o nascer de novo a que se referiu Jesus certa vez.

Por qual razão é importante que eu me reconheça frágil e falível? Porque se eu tiver uma opinião sobre mim que remeta à percepção de eu ser perfeito, infalível, eu não procurarei fazer a minha reforma interior, porque no meu entender eu já estou bem e não preciso promover mudanças no meu ser.

Para que eu me disponha a fazer essa busca pela minha transformação moral, espiritual, é necessário que eu me reconheça como alguém que precisa ser transformado.

Li há alguns dias um livro em que a autora traz uma reflexão interessante. Ela dizia mais ou menos assim: Deus nos fez à sua imagem e semelhança. Muitos de nós indagam como é Deus, como ele age em nossas vidas, e muitas outras coisas sobre Deus. Vejam bem, se nós fomos feitos à imagem e semelhança de Deus, precisamos nos conhecer da forma mais profunda possível. Quando conseguirmos alcançar esse nível de autoconhecimento nós estaremos em condição de compreender Deus, pois fomos feitos, por Ele, à Sua imagem e semelhança.

Esta reflexão nos remete ao próprio Evangelho do Cristo, como também à Doutrina Espírita como o Evangelho redivivo. O autoconhecimento impulsionará a nossa transformação, ao nosso nascer de novo, levando-nos à perfeição que Deus espera de nós. Lembremo-nos do que nos disse Jesus: “Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celestial.” (Mateus 5:48)

Com esse proceder nós conseguiremos ser mais sábios, não só na velhice, mas também na vida como um todo. E quanto mais cedo nós nos propusermos a esse autoconhecimento, à autorreforma, mais cedo iremos alcançar o nível de perfeição a que se referiu Jesus, não importando quanto tempo, pois temos a eternidade para esse contento.

O buscar essa autorreforma ainda jovens é muito mais promissor, pois poderemos usufruir dessa dádiva, ainda no corpo físico, por muito mais tempo, com uma vida muito mais saudável, produtiva, mais sábia e enriquecedora no ponto de vista espiritual e moral.

Envelhecer com sabedoria passa, inevitavelmente, pela percepção de como o nosso corpo está se comportando, sua fragilidade. Emocionalmente também nós nos percebemos frágeis por não aceitarmos as limitações com que estamos precisando conviver.

Apesar de sentirmo-nos frágeis, precisamos valorizar o Eu Espírito, e que tudo o que nos ocorre é decorrente das experiências pelas quais temos que passar, em razão do processo evolutivo que estamos experienciando. Esse processo requer que tenhamos mais conhecimento, que promovamos a nossa transformação interior. É o nosso caminhar em direção à perfeição referida por Jesus. Pensando assim, o nosso caminhar será mais tranquilo. Vou enfrentar esses momentos de uma forma mais sábia. Estaremos melhor com nós

mesmos como também com tudo o mais que nos cerca, inclusive com as minhas fragilidades e limitações.

Por vezes termos recaídas, é inevitável. Ainda não atingimos a perfeição, só estamos caminhando em direção a ela.

Quando percebermos que estamos nos aproximando do desenlace da vida no corpo físico, que possamos vivenciar esse momento de uma forma tranquila.

Joanna de Ângelis nos recomenda que vivamos de tal maneira que, ao chegar esse momento do desenlace, possamos vivenciá-lo com qualidade e também com alegria, isentos de apegos e lamentações, saudades e ressentimentos. Somos o que conquistamos moralmente ao longo das nossas vidas, de forma constante, e a cada etapa adquirimos experiências que promovem nossa evolução, oportunizando novas conquistas que incorporamos em forma de bênçãos.

1 – Reflexões sobre a Alma após a morte estão nesta mesma obra.

2 - “Ao longo dessa jornada, o corpo segue seu processo de mudanças. É o desenvolvimento natural, sob o ponto de vista biológico. De uma forma geral, nos primeiros anos de vida percebemos uma evolução, seja intelectual, seja física. Características novas; aumento da capacidade de percepção do mundo à nossa volta. Multiplicação das células, ampliação das nossas possibilidades de realização. Mudanças na nossa personalidade, aquisição de novos valores, aquisição de novas percepções éticas e morais.

É uma escalada ascendente até certo momento.

Quando atingimos um determinado patamar nessa escalada, começa o declínio do nosso corpo e do nosso intelecto. Esse momento é diferente em cada um de nós. Alguns conseguem manter certo vigor físico e intelectual por mais tempo, observando sua capacidade laborativa por longos anos. Outros identificam o declinar de suas capacidades ainda jovens, tendo como referência a idade biológica. Há aqueles que mantêm vigor intelectual, apesar de o vigor físico estar se esvaindo. Em contrapartida, outros mantêm vigor físico, apesar do declínio da capacidade cognitiva e produção intelectual. (...)

Precisamos estar conscientes, no entanto, de que a experiência terrena tem um limite oferecido pelas características do corpo físico que abriga o nosso verdadeiro Ser nessa encarnação. Este limite é determinado não só pelo tipo de vida que escolhemos ter nesta oportunidade, como também pelas escolhas que fizemos ao longo de toda a vida em várias experiências em corpo físico, que são inúmeras, repletas de experiências positivas, bem como de outras que muitas vezes nos fazem desviar de caminhos que nos levariam mais rápido ao nosso objetivo, exercitando a evolução moral e intelectual.

O declínio a que nos referimos traz dificuldades, sejam físicas ou intelectuais, como já dissemos, e na maior parte das vezes não nos sentimos confortáveis com essas limitações, pois gostaríamos de nos manter firmes, vigorosos, ativos, saudáveis, mas este processo é inevitável, a máquina orgânica se desgasta.

Quanto ao desejo que a maior parte de nós têm – o viver fisicamente por muitos anos ainda, além do que fora concebido para o corpo biológico – provável que não suportaríamos as experiências dolorosas, os processos degenerativos que irrompem a matéria de que é feita nosso invólucro carnal. Chegaria o momento, talvez, de desejarmos a morte libertadora.” (tema oferecido nesta mesma obra)

3 – Reflexões sobre o tema no livro “Reflexões Evangélicas II”, Bookess Editora

Canto de amor e de vida

Canto o meu canto
De amor pela vida,
Sigo por caminhos de voltas,
Sigo por caminhos de idas,
Observo variados sons,
Percebo ruídos de cores intensas
Como sou tocada por suaves matizes.

Há momentos de dor,
Como momentos de risos.
Por vezes os risos são de dores,
Por vezes as dores são sorrisos.

Dou voltas pelos contornos da vida,
Quebro linhas do horizonte
E deixo-me cair na imensidão.
Chego a lugares inimagináveis
Para onde só o sonho pode me levar.

Sonho com cores e sons,
Sons de cores
E cores de silêncio.
Silêncio que repercute em minh'alma
E me faz cantar.
Cantar melodias de amor,
Por vezes de dor,
Por vezes de risos.

Continuo por caminhos de voltas,
Sigo por caminhos de idas.
Ouço cores,
Observo sons,
De intensos momentos
Ou suaves matizes.
Vivo de amor, de dor e de sorrisos

A vida é o meu canto de amor
Meu caminho é de amor pela vida.



O Joio e o trigo

"Deixai crescer ambos juntos até à ceifa e, por ocasião da ceifa, direi aos ceifeiros:

Colhei primeiro o joio e atai-o em molhos para o queimar." - Jesus. (MATEUS, 13:30.)

"Deixai crescer ambos juntos até à ceifa e, por ocasião da ceifa, direi aos ceifeiros:

Colhei primeiro o joio e atai-o em molhos para o queimar." - Jesus. (MATEUS, 13:30.)

"Quando Jesus recomendou o crescimento simultâneo do joio e do trigo, não quis senão demonstrar a sublime tolerância celeste, no quadro das experiências da vida." ⁽¹⁾

Podemos identificar em todas as situações da existência planetária que há uma diversidade muito grande de culturas, costumes, expressões religiosas, atividades artísticas, aspectos morais e éticos, enfim, convivência de seres em seus mais diferentes níveis de conhecimento e evolução.

Por vezes deparamo-nos com comportamentos que nos incomodam e pensamos no quanto ainda temos a aprender e evoluir espiritualmente.

Referindo-nos a circunstâncias que se apresentam rotineiramente no mundo, os escândalos, por exemplo, Jesus nos disse em certo momento: *"Ai do mundo por causa dos escândalos, porque é necessário que venham escândalos, mas ai do homem por quem o escândalo venha."* Podemos fazer algumas reflexões a respeito:

"Buscando a essência das palavras de Jesus, qual seria a importância do escândalo para o nosso crescimento, nossa evolução espiritual?"

É importante que estejamos atentos a qualquer ocorrência à nossa volta, pois essas situações são sempre oportunidades de aprendizado e reflexão. Quando algo nos incomoda precisamos observar e aprender o porquê da nossa reação e verificar em que esse momento pode nos ajudar a observar melhor a nós mesmos, nossos valores e prioridades.

As situações de escândalo nos fazem perceber, de forma real, o mundo em que vivemos. Muitas vezes criamos um mundo de fantasias para fugirmos de uma realidade que nos incomoda e, quando isso acontece, tudo passa a ser utópico e perdemos

contato com a essência existencial do mundo à nossa volta, se não no todo pelo menos em parte. (...)

Outro aspecto que merece a nossa reflexão é o de que só quando alguém expõe a sua verdadeira essência é que passa a ser objeto de observação e corrigenda. Esta é mais uma faceta positiva do escândalo, pois nesse momento há como aplicar-se a lei e a justiça para proporcionar um novo caminho para aqueles que possam ter sido prejudicados pelo escândalo; bem como para o motivador, pois terá a sua oportunidade de autocrítica e análise e refazer a sua jornada com novos princípios e valores. Essa mudança quase nunca ocorre em uma só existência, mas a experiência já será um começo nesse processo de aprendizado e reformulação.

Assim, podemos perceber a verdade inserida nas palavras do Mestre. O escândalo pode tornar-se um mal necessário e até mesmo motivador de crescimento e evolução, tanto para aquele que foi objeto do escândalo, como para outros que foram simples observadores; também para aquele que foi motivador do escândalo.

Em qualquer destas circunstâncias, necessário se faz que cada um dos participantes desse processo reflita e compreenda ser uma maravilhosa oportunidade de aprendizado, reformadora dos valores éticos, morais e espirituais.”⁽²⁾

“O Mestre nunca subtraiu as oportunidades de crescimento e santificação do homem e, nesse sentido, o próprio mal, oriundo das paixões menos dignas, é pacientemente examinado por seu infinito amor, sem ser destruído de pronto.

Importa considerar, portanto, que o joio não cresce por relaxamento do Lavrador Divino, mas sim porque o otimismo do Celeste Semeador nunca perde a esperança na vitória final do bem.”⁽¹⁾

Encontramos em O Consolador:

Questão 159 – “No caso das perseguições dos inimigos espirituais, a ação deles se realiza sem o conhecimento dos nossos guias amorosos e esclarecidos?”

- As chamadas atuações do plano invisível, de qualquer natureza, não se verificam à revelia de Jesus e de seus prepostos, mentores do homem na sua jornada de experiências para o conhecimento e para a luz.

As perseguições de um inimigo invisível têm um limite e não afetam o seu objeto senão na pauta de sua necessidade própria, porquanto, sob os olhos amoráveis dos vossos guias do plano superior, todos esses movimentos têm uma finalidade sagrada, como a de ensinar-vos a fortaleza moral, a tolerância, a paciência, a conformação, nos mais sagrados imperativos da fraternidade e do bem.” ⁽³⁾

Importante lembrar o que o Mestre nos disse: “Sede vós, pois, **perfeitos**, como é perfeito o vosso Pai celestial.” (Mateus 5:48), como também disse: “...ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos.” (Mateus 28:20)

Pelo amor e misericórdia do Pai, e envolvidos pela energia do Cristo, há em nossos caminhos a esperança de alcançarmos a condição de espíritos puros quando compreendermos os ensinamentos do Mestre, despertarmos em nós a plena consciência das Leis de Deus. Lembremo-nos do que nos diz a questão 621 de o Livro dos Espíritos:

621. Onde está escrita a lei de Deus?

“Na consciência.”

a) - Visto que o homem traz em sua consciência a lei de Deus, que necessidade havia de lhe ser ela revelada?

“Ele a esquecera e desprezara. Quis então Deus lhe fosse lembrada.”

“O campo do Cristo é região de atividade incessante e intensa. Tarefas espantosas mobilizam falanges heroicas; contudo, apesar da dedicação e da vigilância dos trabalhadores, o joio surge, ameaçando o serviço.

Jesus, porém, manda aplicar processos defensivos com base na iluminação e na misericórdia. O tempo e a bênção do Senhor agem devagarinho e os propósitos inferiores se transubstanciam.

O homem comum ainda não dispõe de visão adequada para identificar a obra renovadora. Muitas plantas espinhosas ou estéreis são modificadas em sua natureza essencial pelos filtros amorosos do Administrador da Seara, que usa afeições novas, situações diferentes, estímulos inesperados ou responsabilidades ternas que falem ao coração; entretanto, se chega a época da ceifa, depois do tempo de expectativa e observação, faz-se então necessária a eliminação do joio em molhos.”⁽¹⁾

Quanto às atividades do Cristo, lembremo-nos das palavras de Jesus em João 5:17: “*Mas Jesus lhes respondeu: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.*”

O trabalho do Senhor é incessante. Sua misericórdia e o seu amor são plenos. Somos constantemente estimulados e impulsionados ao processo evolutivo.

Nossa fragilidade, inquietação e limitações são sempre objeto da compreensão, tolerância e compaixão do Mestre e de nossos companheiros do Plano Espiritual, que nos auxiliam, intuem e impulsionam para melhor realizar nossas tarefas e cumprir nossos compromissos há muito assumidos diante do Senhor.

A jornada terrena é uma experiência repleta de desafios que nos exigem esforços e buscas de soluções. À medida que vencemos alguns obstáculos e encontramos formas de prosseguirmos, defrontamo-nos com novas experiências que promovem em nosso caminhar novos aprendizados e oportunidades de despertarmos para novos e muitas vezes surpreendentes horizontes.

Este experienciar da vida exige, no mais das vezes, sacrifício, renúncia e intensa dedicação.

São convites ao aprendizado, ao exercício das lições, ao conhecimento e ao autoconhecimento. Se nós dispomo-nos a esse exercício e empenhamo-nos no processo evolutivo.

Ao nos encontrarmos amadurecidos nesse processo, perceberemos que todo esse movimento que envolve obstáculos, dificuldades e por vezes dores (físicas ou emocionais) nada mais é do que a dinâmica da vida repleta de oportunidades de novos caminhos no caminhar evolutivo, enriquecendo-nos no despertar da luz que existe em cada um de nós.

Caso contrário, não percebendo a riqueza que existe em cada uma dessas experiências, encontrar-nos-emos em um desenrolar de experiências desarmoniosas que por certo nos levarão a dificultar o desenrolar do nosso processo de evolução espiritual.

Faz-se necessário o despertar para o autoconhecimento e o caminhar objetivando a maturidade espiritual, para que nosso caminhar seja leve como nos disse Jesus:

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas.

Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.” (Mateus 11:28-30)

O nosso compromisso perante a vida é o de construir-se interiormente. O autoconhecimento e a reforma íntima. Sabemos que não é uma tarefa de fácil realização, mas também não é de impossível cometimento. Precisamos buscar nossa meta como espíritos em processo evolutivo – autovalorização e o aperfeiçoamento interior.

“A colheita não é igual para todas as sementes da terra. Cada espécie tem o seu dia, a sua estação.

Eis por que, aparecendo o tempo justo, de cada homem e de cada coletividade exige-se a extinção do joio, quando os processos transformadores de Jesus foram recebidos em vão. Nesse instante, vemos a individualidade ou o povo a se agitarem através de aflições e hecatombes diversas, em gritos de alarme e socorro, como se estivessem nas sombras de naufrágio inexorável. No entanto, verifica-se apenas a destruição de nossas aquisições ruinosas ou inúteis. E, em vista do joio ser atado, aos molhos, uma dor nunca vem sozinha.” ⁽¹⁾

Como afirma Emmanuel, para a colheita correta deve-se sempre respeitar o momento de cada semente.

Sabemos que algumas espécies de plantas medicinais, para que alcancemos de forma mais plena possível a finalidade a que nos

propomos – produção do medicamento com a erva escolhida – devemos respeitar o seu momento de maturidade, a melhor forma da colheita, até mesmo se devemos colhê-la ao sol, ou no meio da noite. Se não observamos as especificidades de cada uma delas, não conseguiremos alcançar nosso intento e a erva não será de valia na sua aplicação.

Assim ocorre também com a colheita na seara do Senhor. Precisamos alcançar nossa maturidade espiritual para que despontemos no campo e possamos ser identificados como plantas já em condições de cumprir a nossa missão.

Em não sendo assim, precisamos ainda passar por novos processos de depuração, aprendizado, conscientização e transformação no campo junto com outras sementes, onde compartilharemos o que já conseguimos apreender dos ensinamentos, bem como aprender com outros irmãos, companheiros de jornada, em um processo de acolhimento e doação constantes.

Aquele que alcançou o conhecimento, alavancado pelo auxílio de companheiros do plano superior da vida e de tantos espíritos de elevação moral que nos proporcionam, com seus estudos, reflexões que nos crescem espiritual e moralmente, tem por compromisso partilhar também suas aquisições intelectuais, morais e éticas. É a dinâmica do auxiliar e ser auxiliado.

O nosso equilíbrio físico, emocional e espiritual só será alcançado quando nos propusermos a ser úteis de forma prazerosa, no trabalhar a benefício dos companheiros de jornada, aperfeiçoando caminhos e promovendo, dentro de seus limites, o progresso planetário.

- (1) Do livro “Vinha de Luz”, capítulo 107 “Joio”, Emmanuel, por Francisco Cândido Xavier
- (2) Do livro “Reflexões Evangélicas”, da própria autora, Bookess Editora
- (3) Do livro “O Consolador”, Emmanuel, por Francisco Cândido Xavier



Desigualdade da riqueza... Verdadeira propriedade

Deus proporciona oportunidades maravilhosas a todos nós, mas só conseguimos adquirir ou ter contato mais íntimo com esses conhecimentos, com essas riquezas, se realmente buscarmos exercitar o aprender e nos empenharmos no adquirir, evoluir e multiplicar o que nos é proporcionado.

Muitas pessoas não compreendem o que o Mestre veio nos ensinar em suas parábolas e em outras oportunidades, informações que nos foram trazidas pelos evangelistas, aos quais devemos ser gratos. Não teríamos conhecimento dos ensinamentos do Mestre se não fosse o trabalho deles em deixar para a posteridade os registros dessas experiências, contidas nos Evangelhos do Novo Testamento da Bíblia.

Vale ressaltar que se não nos fosse oportunizado conhecer os Evangelhos bíblicos, também não teríamos o nosso Evangelho Segundo o Espiritismo, considerando que este é o reavivamento e esclarecimento dos ensinamentos do Mestre contidos nos Evangelhos e um aprofundamento do estudo desses ensinamentos.

Desigualdade das riquezas.

É muito comum ocorrer-nos perguntas como: tantas pessoas têm tanto dinheiro e tantas pessoas com tão pouco; tantas pessoas com muitos talentos e outros com poucos talentos; tantas pessoas com tanto conhecimento, com condições de aprender mais e mais, de realizar tantas coisas e outras nem tanto.

Alguns pensam que seria por Deus não ser justo ao proporcionar a alguns tanto e a outros tão pouco.

No entanto, o estudo da Doutrina proporciona a nós um conhecimento muito importante, nós nascemos com o que já aprendemos em outras vidas, talentos que nos proporcionam condições de promover realizações. Um exemplo a ser considerado é o de cientistas apresentarem em uma encarnação conhecimentos e condições de realizar descobertas e promoverem estudos tão profundos que muito provavelmente não poderiam com o conhecimento que adquirem em uma só encarnação. Eles investiram no aprender, no buscar entendimentos em outras vidas.

É importante compreendermos que para alcançarmos condições melhores de conhecimento e capacidade de realização precisamos investir mais em nossa evolução intelectual e espiritual nesta jornada terrena.

Aqueles talentos que já adquirimos em outras experiências no corpo, como também nesta vida, vamos fazê-los produzir resultados, vamos multiplicá-los, para que sempre possamos agregar mais conhecimento, condições, talentos e evoluirmos. Depende de nós.

A desigualdade da riqueza não é por injustiça Divina, muito pelo contrário, é pela justiça do Pai. É a demonstração da justiça Divina, porque temos o que buscamos aprender e realizar.

Deus proporciona oportunidades maravilhosas a todos nós, mas só conseguimos adquirir ou ter contato mais íntimo com esses conhecimentos, com essas riquezas, se realmente buscamos exercitar o aprender e nos empenharmos no adquirir, evoluir e multiplicar o que nos é proporcionado.

Quanto ao que entendemos como riqueza, normalmente pensamos em bens materiais em suas mais variadas formas de expressão.

No entanto, conhecimento, capacidade de realização, talentos para a arte, para a literatura, expressar-se bem, saber levar o conhecimento a outras pessoas são riquezas que nos foram oferecidas, como também o saber conviver bem com as pessoas, nossos companheiros de jornada espiritual. São expressões de riqueza e depende de nós multiplicar, fazê-las crescer e, em outra oportunidade de experiência espiritual podemos ser beneficiados pelo que conquistamos a partir do que Deus nos proporcionou.

Outra parte do nosso estudo – Verdadeira propriedade.

Normalmente usamos muito o verbo Ter: tenho uma casa, tenho um carro, tenho isso ou aquilo, a minha família.

O Evangelho nos afirma que só temos o que podemos levar quando seguimos para outro plano, o mundo espiritual.

Nós levamos os bens materiais? Certamente que não!

Levamos o que? O que conquistamos para nossa evolução espiritual. Aprendermos mais sobre o amor, relações fraternas, exercitarmos a caridade, que é tão-somente o amor em ação. Essas também são riquezas, talentos espirituais.

Como dissemos antes, alguns têm talentos para a arte, outros para escrever, outros ainda para falar, outros para trabalhar, promover encontros fraternos, talentos para doar e doar-se, doação de tempo, de carinho. Doação do conhecimento que adquirem, o compartilhar talentos que conquistaram.

São formas de talentos, expressões de riqueza. A riqueza espiritual que conquistamos, esta levamos conosco, é nossa. Adquirimos o direito de ter conosco.

No entanto, o bem material é só por empréstimo. E como todo empréstimo, terá que ser por alguma razão. Com qual objetivo Deus nos proporciona, por empréstimo, alguns bens – dinheiro, o bem material como casa, carro e outros. Para que tipo de uso? Para simplesmente usufruirmos e deixarmos passar? Não é para nosso uso tão-somente.

Essa oportunidade nos foi concedida para que possamos aprender a compartilhar levando a companheiros de jornada, utilizando essa riqueza que nos foi proporcionada, o conhecimento que não tiveram oportunidade de alcançar de outra forma; um bem de que necessitam; um simples prato de sopa; uma cesta de alimentos; um atendimento fraterno só possível com alguma condição financeira.

Quem não tem a riqueza material para oferecer poderá fazê-lo com acolhimento fraterno, um carinho, doação do seu tempo, compartilhando o conhecimento, um abraço, ser compreensivo, compassivo, tolerante para com as fragilidades do outro.

Há muitas histórias que nos proporcionariam a oportunidade de refletir sobre este assunto.

Escolho uma em particular que me sensibilizou muito. Há algum tempo, aproximadamente vinte ou trinta anos, assisti a uma reportagem sobre um trabalho desenvolvido por uma escola particular em São Paulo. Os alunos deveriam escolher um livro e deveriam dedicar este livro a uma criança de outra região do Brasil em que não houvesse facilidades para aquisição de livros, ou mesmo facilidade de acesso ao conhecimento através da leitura.

A jornalista que acompanhou este processo, após algum tempo escolheu uma criança para entrevistar. Queria ela saber como foi que este trabalho tocou a criança e qual o resultado dessa experiência. A criança escolhida era um menino de nove anos. Ela perguntou se fora importante para ele receber o livro. Ele respondeu que tinha sido muito bom, pois na cidade em que morava eles não tinham biblioteca e era muito difícil terem acesso a livros. Ele aprendera muitas coisas com o livro que ganhara. A jornalista então perguntou onde estava o livro, pois ela queria ver. O menino respondeu que o livro não mais estava com ele, havia dado para um amigo. Perguntado então por

que teria dado o livro, já que o recebera até mesmo com dedicatória, o menino respondeu que depois de ter aprendido com o que lera, sabia que precisaria oferecer a outra criança a oportunidade de também aprender. Não havia razão para guardar só para si o que o livro continha, outras crianças também deveriam aprender o que aprendera.

Importante reflexão esse menino nos proporciona, uma criança de nove anos. Muitos de nós precisam aprender esta lição!

Nós estamos nesta jornada terrena para aprender e compartilhar. Há outra história de que gosto muito e que vale a pena buscar conhecer. Está no livro Jesus no Lar, de Neio Lúcio, por Francisco Cândido Xavier, e tem como título A Coroa e as Asas. Fala sobre alcançar o direito de ter a coroa e as asas para elevar-se ao Paraíso.

Precisamos ter a consciência de que tudo o que nos é oportunizado ter nesta vida, materialmente falando, não é nosso, é concedido por empréstimo. E o é para que utilizemos esses bens para atingir uma meta, cumprir um compromisso – o de sermos melhores e ajudarmos outras pessoas a serem melhores também.

Vamos refletir sobre as oportunidades que recebemos do Pai e como fazê-las serem úteis aos nossos companheiros de jornada. Quais as alternativas que temos em mãos para buscar fazer um mundo melhor. Com quais talentos fomos agraciados e o que estamos realizando com eles.

Falando sobre termos algo e precisarmos pensar sobre a sensação do possuir, lembro-me de ter lido algo sobre a relação de pais e filhos que entendo valer a pena compartilhar neste momento (desconheço o autor). É um pensar interessante sobre as relações familiares, neste contexto do ter e do que nos é proporcionado por empréstimo.

"Filho é um ser que nos foi emprestado para um curso intensivo de como amar alguém além de nós mesmos, de como mudar nossos piores defeitos para darmos os melhores exemplos e de aprendermos a ter coragem. Isto mesmo! Ser pai ou mãe é o maior ato de coragem que alguém pode ter, porque é se expor a todo tipo de dor, principalmente da incerteza de estar agindo corretamente e do medo de perder algo tão amado.

Perder? Como? Não é nosso, recordam-se? Foi apenas um empréstimo".

Bom pensarmos a respeito também dessa sensação de poder que nos passa no convívio com os filhos ou outras relações familiares.

Estamos experienciando esta jornada terrena com compromissos a cumprir. As pessoas com as quais convivemos estão abrangidas pelo nosso dever no compartilhar, no proporcionar melhores condições de acesso ao conhecimento, à compreensão sobre a fraternidade e o amor, especialmente no círculo familiar. Em síntese, proporcionar a eles oportunidades para evoluir, intelectual, moral e espiritualmente.

Vale repetir a necessidade de nos avaliar constantemente: como estamos agindo com o que materialmente temos por empréstimo, como também qual a atitude que temos com relação aos talentos com que fomos agraciados pela misericórdia do Pai.

Há muitas riquezas na Casa do meu Pai

Há maravilhosas bênçãos em nosso lar,
Que nos remetem a sermos agradecidos,
Não pelo poder material que possam dar,
Mas pela alegria em podermos ser benditos.

Benditos em reconhecer,
O poder de Deus em nossas vidas,
E em podermos oferecer
O que recebemos em graças bem-vindas.

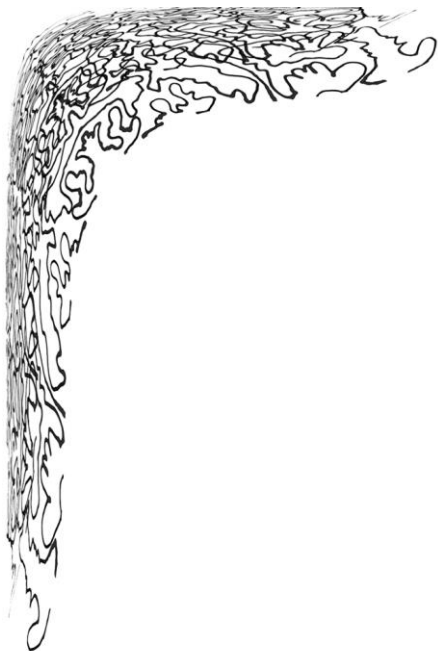
Os valores materiais são importantes,
Sempre temos que reconhecer,
Por permitir-nos ser constantes
Na busca do crescer e do aprender.

Devemos investir no Espírito,
Independente do que possa acontecer,
Pois é pelo evoluir do nosso Espírito
Que estamos nessa vida a viver.

Partilhar a nossa riqueza,
Seja espiritual ou material,

É amor, com certeza,
Em exercício por indução divinal.

Façamos do nosso viver
Uma constante doação.
Amor, valores, bens, o que pudermos oferecer,
E que seja de todo o nosso coração.



A vida e a morte II

Precisamos objetivar o conhecimento das mais variadas formas e, essencialmente, sobre os ensinamentos do Mestre, como nos foi legado pelos Evangelistas e outros apóstolos com quem Ele viveu. Verdadeiros mensageiros da luz, aos quais devemos ser muito gratos.

O que se entende como morte do corpo físico é a extinção de suas funções vitais. É uma definição óbvia. Com o envelhecimento ou deterioração do corpo, este fica frágil, mesmo quando jovem e acometido por uma determinada doença. Isto é fácil de compreender.

O que poderíamos falar a respeito deste tema que nos pudesse enriquecer, acrescentar informações para uma reflexão mais profunda.

Lembro-me de um texto que publiquei, neste mesmo livro, que tem como título *Somos Seres imortais*, que tem um pouco a ver com o tema sob reflexão neste momento.

Foi abordada a questão do corpo como complexo orgânico, mais objetivamente seu envelhecimento ou perda de algumas de suas funções cognitivas ou mesmo físicas. Nesse estudo a que me refiro foi contemplado um elenco de variáveis dentro desse contexto.

O que poderia ser acrescido ao que já havia sido estudado que pudesse enriquecer nossa reflexão sobre tema que tanto influencia a muitos de nós?

No texto acima referido encontramos:

“Somos Seres imortais, nossa verdadeira identidade, neste Universo multidimensional, é o Espírito que dá vida ao nosso corpo e, através dele, assume uma personalidade com valores, compromissos, responsabilidades éticas, particularidades bem específicas, bem como características físicas que nos identificam junto a outros espíritos também vivenciando experiências únicas, com compromissos e responsabilidades que dizem respeito ao processo evolutivo de cada um.

Enquanto neste corpo com que nos identificamos por alguns anos, passamos por várias experiências, aprendizados, conhecimento que nos alavancam na jornada evolutiva, por vezes no sentido que nos oportuniza progresso espiritual, em outros momentos não nos permitimos evoluir e estacionamos, postergando nossa ascensão espiritual, o que nos leva a ter de repetir experiências até que consigamos encontrar o nosso verdadeiro caminho em direção ao que o Mestre nos convida: “*Sede perfeitos como perfeito é nosso Pai celestial.*” Bem como nos aconselha Paulo em II Coríntios 13:11: “*Quanto ao mais,*

irmãos, regozijai-vos, sede perfeitos, sede consolados, sede de um mesmo parecer, vivei em paz; e o Deus de amor e de paz será convosco.”

Creio que é muito importante abordarmos, além da questão do evoluir de nossas condições físicas – motoras, intelectuais e cognitivas -, o como desenvolvemos o nosso viver enquanto acolhidos pelo corpo físico que nos oportuniza a experiência e o aprendizado. Enfim, este período a que damos o nome de vida.

Porque, na realidade, a forma como nos mantemos neste período como encarnados é que nos vai remeter a que tipo de morte, ou vida após o desencarne, nós iremos experienciar.

Creio, então, que seria bom refletirmos sobre o que nos ocorre entre o período em que estivemos na condição de espírito, depois como alma (espírito encarnado), e o preparo para um novo desencarne, quando teremos nova experiência como espírito, sem o invólucro do corpo físico.

Preparando este estudo lembrei-me de outra reflexão a respeito do envelhecimento, que consta do livro “Reflexões Evangélicas”, sob o título *Envelhecer com sabedoria*, que aborda o tema sob a ótica de como deveremos procurar viver.

Quando jovens nós conduzimos nossa jornada com a confiança de que tudo está certo, temos muita energia e cremos poder fazer qualquer coisa e tudo ficará bem. Não alcançamos uma verdade muito simples, vamos envelhecer e teremos que enfrentar várias situações, fragilidades, limitações físicas, emocionais e intelectuais.

E o envelhecer com sabedoria é uma abordagem muito interessante sobre esse período. É quando o corpo está, muitas vezes, declinando em seu vigor.

O que seria envelhecer com sabedoria? Não podemos só contemplar um período em que já estejamos perdendo o vigor físico e intelectual, precisamos pensar sobre este assunto desde mais cedo, porque é um preparo para esta fase a que estamos fazendo referência. Para que estes momentos mais à frente não nos surpreenda desprevenidos.

Muitas pessoas não conseguem administrar o chegar aos quarenta, outras até mesmo antes, aos trinta. Chegam a sentir-se

desajustadas e emocionalmente perturbadas com a chegada dos anos, como se essa condição não tivesse sido levada em conta. Não se prepararam para o inevitável.

Há uma constatação importante que devemos ter em mente... Ou nós envelhecemos, ou nós partimos jovens para o plano espiritual. Não há outra opção. Percebem?

O envelhecer com sabedoria, então, é nós percebermos ser um momento que nos vai chegar, a não ser que deixemos o corpo físico antes do envelhecimento.

A primeira coisa de que devemos nos conscientizar é: não é ruim envelhecer. Envelhecer é o resultado de ainda estarmos aqui, vivenciando uma fase de aprendizado, de convivência com os nossos queridos, com nossos familiares.

Precisamos aprender a gostar de estarmos envelhecendo. Quem não gostaria de continuar a viver em corpo por mais tempo e poder usufruir dessa convivência com familiares ou pessoas queridas? Precisamos olhar o envelhecer de forma positiva.

Como alcançarmos a velhice, ter mais sabedoria, como alguns se referem a esta fase como forma de amenizar eventual emoção negativa com relação ao ganho de anos nessa jornada? Como chegar a esse momento de uma forma tranquila, emocionalmente bem? Ou sábia, no sentido exato da palavra.

Nós temos que buscar o nosso autoconhecimento, algo de que a doutrina nos fala muito.

Sempre ouvimos esta chamada: precisamos nos autoconhecer. Precisamos saber o que somos, quem somos, qual o nosso perfil. Esse perfil corresponde a um caminho que Jesus mostra em seus ensinamentos? Será que estamos agindo corretamente? É vivenciar cada cometimento de erro não com assunção de culpa, mas como um momento muito importante de perceber em que precisamos melhorar. É um momento de sabedoria da nossa parte. E nós só conseguiremos alcançar esse momento, perceber essa realidade, se estivermos com o olhar mais tranquilo com relação a nós mesmos. Sem sentimento de culpa, sem medos, sem mágoas, sem ressentimentos até por nós mesmos.

Quando falamos que precisamos amar o nosso próximo como a nós mesmos, muitas vezes não nos amamos! Queremos procurar

amar o próximo, mas ainda não conseguimos nos amar de uma forma mais sábia – o amarmo-nos de forma plena ainda não está nas nossas possibilidades, infelizmente. Percebermo-nos como seres frágeis, seres que cometem erros. Caso fôssemos perfeitos não estaríamos vivenciando nossa experiência nesta vida aqui na Terra. Temos que nos reconhecermos como seres falíveis, mas sem sentimento de culpa.

Nosso olhar deveria ser como de alguém que se percebe em condições de buscar um caminho melhor.

Se olhamos para nós como seres perfeitos, não procuraremos melhorar, pois já nos acharemos em condição de saber sobre tudo e não precisaríamos rever atitudes, agregar conhecimentos, enfim, reformarmo-nos espiritualmente.

Só vamos buscar um caminho de reforma íntima, de revisão de valores, sentimentos e comportamentos, se identificarmos a nós como seres que erram e precisam mudar.

É o se autoconhecer.

Em um dos livros de Madre Teresa de Ávila encontrei uma reflexão interessante que dizia algo assim: Deus criou a todos nós à sua imagem e semelhança. Muitas vezes sentimos dificuldade em saber quem é Deus. Se Deus nos criou à sua imagem e semelhança, nós só conheceremos Deus no dia em que nós nos conhecermos. Enquanto nós não nos conhecermos (que somos à imagem d'Ele), como poderemos conhecer Deus? (releitura do que consta do livro *Moradas do Castelo Interior*)

Esta reflexão remete-nos a algo que a própria doutrina espírita nos coloca, precisamos nos conhecer, mudar os nossos conceitos e nos aproximarmos da perfeição que Jesus espera de nós. O Mestre convidou-nos: "Sede perfeitos como perfeito é nosso Pai celestial." Bem como nos aconselha Paulo em II Coríntios 13:11: "Quanto ao mais, irmãos, regozijai-vos, sede perfeitos, sede consolados, sede de um mesmo parecer, vivei em paz; e o Deus de amor e de paz será convosco."

Precisamos nos conhecer melhor. A partir deste momento, nós seremos mais sábios, não só na velhice, mas em toda a vida. E o quanto mais cedo nós nos propusermos a esse autoconhecimento e autorreforma, mais cedo nós iremos alcançar essa perfeição. Poderá

levar alguns mil anos, não importa, se não nos propusermos a isso poderemos levar muitos mil anos mais, provavelmente.

Caso tenhamos o propósito a esse autoconhecimento e reforma íntima quando jovens, vivenciaremos o envelhecimento de forma mais tranquila e mais sábia realmente.

A busca deve ser mais ampla, não só do autoconhecimento, mas também do aprendizado. Qual é a nossa referência para evolução espiritual? A mensagem do Cristo. Ele esteve conosco, como Jesus, companheiro de jornada terrena, para nos ensinar como chegar a uma condição espiritual melhor. Seus ensinamentos estão fundamentados no próprio exemplo que Ele nos deu. O que mais marcou a Sua presença conosco foi o seu modo de agir, sempre coerente com os ensinamentos que buscou nos repassar.

Precisamos objetivar o conhecimento das mais variadas formas e, essencialmente, sobre os ensinamentos do Mestre, como nos foi legado pelos Evangelistas e outros apóstolos com quem Ele viveu. Verdadeiros mensageiros da luz, aos quais devemos ser muito gratos.

Conhecer mais sobre os ensinamentos de Jesus vai nos proporcionar condições de fortalecer a nossa fé, mais confiança e convicção. Vai nos proporcionar uma percepção melhor do mundo em que estamos vivendo.

Assisti recentemente a um documentário “*Janela da Alma*”⁽¹⁾, que contempla reflexões de pessoas que perderam parcial ou totalmente a visão. Depoimentos de como eles percebiam o mundo. De um desses depoimentos eu faço a seguinte releitura: Nós não percebemos o mundo somente com nossos olhos. O que vemos com os olhos são normalmente percepções pontuais, o para quem estamos olhando. Nós enxergamos o mundo com os nossos olhos, com os nossos ouvidos, com o olfato, com o nosso conhecimento, com o que temos na memória, proporciona o emergir da informação guardada e que nos leva a perceber aquele momento de forma diferente, com os nossos condicionamentos e conceitos.

Quanto mais conhecimento, sentimentos e emoções temos, de forma mais ampla conseguiremos perceber o que nos ocorre, com mais detalhamento, com mais nuances, com mais profundidade.

Se nós refletirmos com mais carinho a respeito disso, quanto mais conhecimento tivermos, conquistado sob várias formas – leitura, percepções, busca pelo aprendizado -, quanto melhor nossas emoções, sentimentos, quanto mais rica a nossa memória, melhor enxergamos, percebemos melhor este mundo em que vivemos, com suas várias características, saudáveis ou não. Poderemos ter atitudes melhores em várias circunstâncias que se façam necessária uma decisão nossa.

Essas reflexões nos levam a ampliar a percepção a respeito do olhar que poderemos ter a respeito do próprio Evangelho. Compreender melhor o que está nos ensinamentos do Mestre passa pelo olhar sob várias fontes de percepções. Quanto mais conhecimento, memórias, sentimentos, melhor e mais aguçado torna-se nosso olhar para alcançar os significados dos ensinamentos em maior amplitude e profundidade.

Quanto mais buscamos o conhecer, quanto mais profundamente percebermos o que nos cerca, e a forma como agimos e interagimos com este contexto, melhores condições nós teremos de nos perceber e ver em que precisamos mudar.

E na medida em que vamos revigorando esse olhar, mudando a nós mesmos, e buscando interagir melhor com as pessoas e com as coisas que nos acontecem, mais evoluídos estaremos.

Mais informações vamos agregando, fazendo um *upgrade* em nossas vidas.

Devemos buscar essa reformulação, porque é assim que vamos conseguir cumprir esta jornada, como encarnados, de uma forma mais equilibrada e acrescentando mais sabedoria às nossas vidas, enriquecendo o nosso próprio modo de ser.

Envelhecer com sabedoria é valorizar o Eu Espírito e que estou aqui em um processo evolutivo. Esse processo evolutivo requer que tenhamos mais conhecimento, que crescamos intelectual, moral e espiritualmente. Fazendo isso passaremos por esse período de forma mais tranquila. Enfatizando, passaremos por essa fase de uma forma mais sábia. Estaremos melhores com o mundo e com as nossas fragilidades.

Por vezes poderemos ter algumas recaídas? Sim, é fato. Em momentos que tivermos alguma notícia mais dura, ou com relação a

alguma doença, ou com alguma dificuldade, até mesmo familiar, teremos recaídas, somos frágeis ainda. Ainda estamos em processo de aprendizado, inclusive com relação a como agir. A cada experiência dessas vamos nos fortalecendo mais, se soubermos superar os problemas com fé e confiança.

Quando tivermos a percepção de que o término da nossa experiência na Terra está próximo, devemos vivenciar esta experiência também de forma tranquila e com alegria. As lamentações e o apego à vida ou às pessoas com quem estamos experienciando esta jornada, o ressentimento e a saudade virão a nos prejudicar nessa passagem.

Somos, na realidade, o somatório de nossas aquisições morais, e isto independe do processo orgânico.

A cada fase de nossa jornada adquirimos experiências que nos enriquecem, proporcionando novas conquistas a serem agregadas ao que já amejamos nesse caminhar, em forma de bênçãos.

Procuremos não ficar acabrunhados por estarmos envelhecendo, sejamos gratos por isso.

Precisamos estar sempre ativos na busca por novos caminhos, novos conhecimentos, novos olhares. Não podemos nos acomodar. Ter sonhos e procurar realizar esses sonhos, de forma saudável.

Mesmo quando queremos algo que sabemos não poder realizar, devemos manter a nossa esperança, mantermo-nos vivos emocionalmente.

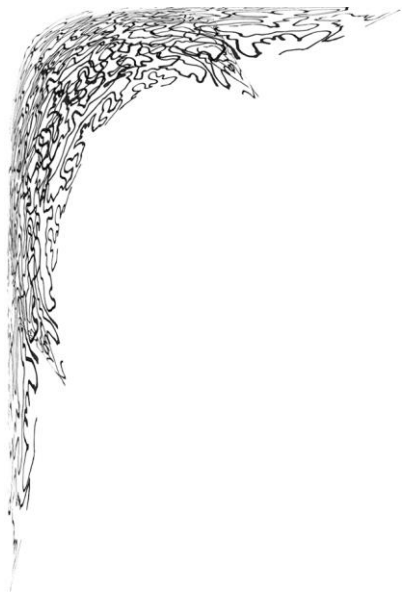
Precisamos viver de forma a que nosso corpo não fique enfermo precocemente.

Viver de maneira saudável não está no cuidar só do corpo, mas também no cuidar da mente, do nosso ser em plenitude. Estarmos bem com o Espírito que somos. Nós somos um Espírito que tem, como instrumento para experienciar esta etapa da vida, um corpo físico.

Precisamos cuidar com mais carinho do Espírito que somos, o nosso verdadeiro Eu. E cuidar do Espírito que somos é buscar os ensinamentos do Mestre, vivenciá-los da melhor forma que nos for possível, buscar o autoconhecimento, nossa reforma íntima e

alcançarmos o momento da nossa passagem de forma tranquila e até mesmo alegre.

Espero que consigamos alcançar essa graça maravilhosa, eu me incluo nesse grupo de esperança.



O perdão de Jesus – Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem

O quanto aqueles espíritos que ali estiveram a gritar “Crucificai-o, crucificai-o” estavam assumindo compromissos terríveis pelos quais iriam arrepender-se um dia.

Quando chegaram ao lugar chamado Caveira, ali o crucificaram, a ele e também aos malfetores, um à direita e outro à esquerda.

Jesus, porém, dizia: Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem. Então repartiram as vestes dele, deitando sortes sobre elas.

E o povo estava ali a olhar. E as próprias autoridades zombavam dele, dizendo: Aos outros salvou; salve-se a si mesmo, se é o Cristo, o escolhido de Deus. (Lucas 23:33-35)

O estudo a que daremos seguimento é sobre um momento muito especial em que Jesus, no Calvário, já crucificado, diz: *“Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem”*.

Creio que esta passagem pode levar-nos a ter duas interpretações sobre esse momento.

A primeira seria a de olharmos as palavras de Jesus como de alguém que pede ao Pai que perdoe a multidão pela escolha de oferecer Ele, e não Barrabás, para a morte na cruz. É Jesus pedindo ao Pai que perdoe as pessoas pelo que estavam fazendo com Ele.

Ao mesmo tempo em que poderíamos interpretar desta forma, ocorreria a nós, também, uma reflexão por decorrência. Por qual razão Jesus não ofereceria Ele próprio o perdão à multidão, já que a ação no caso estaria sendo dirigida a Ele? Pedir ao Pai que perdoasse quando Ele próprio, Jesus, é que estaria sendo sacrificado!

Bem, diante da implicação decorrente de se pensar de Jesus estar se sentido dorido pelas atitudes da multidão, e sabendo que Ele estava em um nível espiritual elevado e, por isso, não estaria se sentindo prejudicado pela multidão, isso nos leva a buscar um novo olhar para o que ali ocorreria.

Há uma reflexão, então, que oportuniza uma alternativa consoladora, de amor e misericórdia.

Jesus pedira ao Pai que perdoasse a multidão não porque O estaria oferecendo em sacrifício, mas pelo fato de esta mesma multidão estar prejudicando a si mesma. A multidão que ali estava a gritar e mobilizar-se pela morte de Jesus estava investindo em sua

própria *perdição*, criando débitos enormes no seu processo de busca evolutiva.

O quanto aqueles espíritos que ali estiveram a gritar “Crucificai-o, crucificai-o” estavam assumindo compromissos terríveis pelos quais iriam arrepender-se um dia.

No entanto, até que alcançassem a primeira graça, a do reconhecimento da falta cometida no exercício do autoconhecimento, que antecede à graça do arrependimento, muitos séculos ainda poderiam viver no sofrimento decorrente por essas faltas!

Quantas dores ainda experienciaríamos por seus atos impensados e tomados pelo impulso da emoção incontida! Muitas vezes com o sentimento de culpa, que amarga as nossas vidas e sentimo-nos perdidos sem saber o que fazer, como nos libertar! Não obstante isso, é positivo percebermos o erro, pois só a partir desse momento haverá uma mobilização interior para o encontro com o Eu e a busca pela compreensão do que somos e do que devemos fazer para seguirmos em frete no processo de autodescobrimento.

Alcançada esta primeira graça viria, então, a bênção do arrependimento. É o momento em que o espírito se abre para receber a luz do amor a ele dirigido pelo Pai. É quando se conscientiza de que há algo mais do que ele próprio e precisa conectar-se com essa luz disponível a todos nós todo o tempo, mas nem sempre estamos preparados para percebê-la e acolhê-la em nós.

Neste momento o sofrimento transforma-se em paz interior. É a fé mobilizando a grande transformação do espírito. A luz vem de Deus, mas a profunda mudança precisa ser promovida pelo espírito, à luz do amor do Pai.

A partir do momento em que nos dispomos a acolher esta luz e despertamos em nós a fé que estivera adormecida, prontamente oferecemo-nos para a passagem pelo próximo passo do nosso processo de evolução espiritual que é o da expiação. Sentir em nós as dores que proporcionamos àqueles com quem partilhamos algumas existências na carne, aprender com o sofrimento e a sublimá-lo no entendimento de que experiências estas são nossas oportunidades de crescimento espiritual, de elevação moral.

Depois de alcançarmos essa nova bênção, abrimos o nosso coração para uma nova etapa, a do resgate, quando nos

disponibilizamos a partilhar o que aprendemos sobre o viver, o sofrer e o amar e oferecemo-nos para compartilhar esse amor proporcionando, àqueles outros, oportunidades de também aprenderem e evoluírem, mesmo que isso nos leve a sacrifícios. No entanto, esses não serão com sofrimento, mas com alegria pelo que poderemos proporcionar aos companheiros de jornada que aprendemos a amar de forma verdadeira, reconhecendo cada um deles como irmãos, filhos do mesmo Pai que a todos ama igualmente.

Jesus, naquele momento em que pede ao Pai que nos perdoe, já nos visualizava passando por todas essas fases mencionadas e já ali envolvia-nos em Seu amor e compaixão, pedindo ao Pai que nos acolhesse em seu regaço com a energia do perdão.

Não obstante os momentos de dor, em razão dos flagelos pelos quais passava, Jesus não deixou um só momento de nos amar e ali intercedeu por todos nós.

Menciono que perdoe a nós porque certamente muitos de nós lá se encontravam naquele momento e alguns de certo já transitaram por várias dessas etapas, aqui mencionadas, ao longo de vários séculos. Alguns estão expiando, outros quem sabe já resgatando.

Ali do alto do Calvário, de sobre a cruz, ele contemplou toda multidão e viu ali a todos nós, a humanidade terrena, que iria sofrer as dores que proporcionam a busca pelo autoconhecimento e o despertar do arrependimento, bem como receberiam a bênção da expiação e a beleza do amor em ação no resgate que nos eleva à condição de verdadeiros irmãos de humanidade.

É pela consciência de termos sido envolvidos pelo amor de Jesus, pela energia do perdão do Pai que temos condição de seguir nossa jornada evolutiva com confiança e fé.



O dever bem cumprido

Busquemos o aprendizado do Evangelho do Cristo, o praticar seus ensinamentos e tentar promover a autotransformação que, pelo nosso exemplo no trabalho edificante, far-se-á agente transformador do meio em que vivemos.

Mostra-nos a vida, à luz do Evangelho e da Doutrina, que nosso caminhar tem por meta o aprender, o amar, o evoluir.

Ao longo da existência buscamos vários caminhos. O aprender é um processo constante, independente de ser útil, bom ou não. Estamos sempre colhendo informações, fazendo conexões entre os dados coletados e transformando tudo isso em conhecimento.

Conhecimento é a base para tudo o que decidimos fazer a partir de cada oportunidade que nos é apresentada. Usamos as informações para compreender o mundo, as pessoas, os movimentos sociais e também políticos; ampliamos o nosso campo de conhecimento a cada momento, a cada atitude, a cada pensamento dirigido a uma reflexão consciente; tiramos conclusões a partir das nossas ações, sejam elas dirigidas a nós mesmos, ou dirigidas à coletividade.

A nossa relação com o que nos cerca, a partir de conhecimentos adquiridos e conquistados, não só é aplicada para compreender o mundo: ambientes, pessoas, animais ou coisas. Ela também é base para promover mudanças, a partir das conexões feitas entre as informações. Podemos transformar e nos transformar. E esse movimento promove nossa evolução como seres pensantes.

A questão é: como estamos usando nossas informações, o conhecimento adquirido e conquistado, o aprendizado decorrente desse processo?

Podemos estar fazendo do aprendizado uma aplicação positiva ou negativa. Ou até mesmo as duas coisas, por vezes sendo úteis e bem intencionados, em outros momentos perdendo ótimas oportunidades de proceder a belas realizações.

Vamos deter-nos, para a nossa reflexão neste momento, nas decisões sobre alternativas que promovem mudanças positivas em nossas vidas. Ao dizer nossas, estou me referindo à Humanidade como um todo. Sabemos que mesmo um pequeno pensamento nosso repercute sobre o Universo sendo um agente importante de transformação.

Um pequeno pensamento, uma ideia que se mostra interessante e, a partir dela procedemos a conjecturas, elaboramos ações... A partir deste momento essas ações como que tomam vida e estaremos disponibilizando nossas ideias àqueles que têm

sensibilidade para percebê-las, seja alguém no plano físico da vida, seja um espírito no plano invisível.

Compartilhamos, a todo momento, informações, ideias, conhecimento e, na quase totalidade não temos percepção de o estarmos fazendo. Somos agentes constantes.

A grande questão a ser considerada é: qual o tipo de agente temos sido? Temos sido praticantes de boas causas; buscamos a nossa reforma moral; temos como meta o aprimoramento nas relações sociais; visamos à transformação, para melhor, do meio em que vivemos?

São perguntas que devemos nos fazer e almejamos alcançar sempre respostas afirmativas para todas elas.

Quando pautamos nossas ações dentro desses princípios conseguimos ter nossa consciência tranquila; sempre somos auxiliados nos projetos que abraçamos, seja na forma de ideias a serem consideradas, seja no fortalecimento da nossa coragem e determinação em alcançar os objetivos.

A dinâmica do aprender, fazer e transformar é determinante da nossa evolução espiritual, principalmente se envolvidos pela energia do amor, conjugada à fé em realizar.

Procedendo assim, encontraremos a alegria em viver, a satisfação em ser útil através da caridade em sua mais forte expressão. Poderemos chegar mesmo a dizer como o apóstolo Paulo, na II Epístola a Timóteo 4: 6-8:

“Quanto a mim, já estou sendo derramado como libação, e o tempo da minha partida está próximo.

Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé.

Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia.”

Citando Emmanuel em o texto “No reino interior”, do livro Vinha de luz:

"Sigamos, pois, as coisas que contribuem para a paz e para a edificação de uns para com os outros." - Paulo. (ROMANOS, 14:19.)

"Não podemos esperar, por enquanto, que o Evangelho de Jesus obtenha vitória imediata no espírito dos povos. A influência dele é manifesta no mundo, em todas as coletividades; entretanto, em nos referindo às massas humanas, somos compelidos a verificar que toda transformação é vagarosa e difícil.

Não acontece o mesmo, porém, na esfera particular do discípulo. Cada espírito possui o seu reino de sentimentos e raciocínios, ações e reações, possibilidades e tendências, pensamentos e criações.

Nesse plano, o ensino evangélico pode exteriorizar-se em obras imediatas.

Bastará que o aprendiz se afeiçoe ao Mestre."

Creio ser importante também fazer referência à questão 314 de O Livro dos Espíritos:

"314. Aquele que deu começo a trabalhos de vulto com um fim útil e que os vê interrompidos pela morte, lamenta, no outro mundo, tê-los deixado por acabar?"

Não, porque vê que outros estão destinados a concluí-los. Trata, ao contrário, de influenciar outros Espíritos humanos, para que os ultimem. Seu objetivo, na Terra, era o bem da Humanidade: o mesmo objetivo continua a ter no mundo dos Espíritos."

Teremos plena confiança no dever cumprido e a satisfação de havermos participado do importante processo na transformação das condições da Humanidade, ainda que em nível pontual. Pois teremos

deixado o nosso exemplo e sensibilizado outros a buscarem o caminho pelo qual trilhamos.

Busquemos o aprendizado do Evangelho do Cristo, o praticar seus ensinamentos e tentar promover a autotransformação que, pelo nosso exemplo no trabalho edificante, far-se-á agente transformador do meio em que vivemos.

Parte do poema “Caminho de viver”, da própria autora:

Sou Ser eterno e muito ainda a aprender.
Tenho uma luz dentro de mim
Que preciso fazer acender.
Tenho um poder no meu interior
Que o Mestre afirmou existir.

Posso ousar persistir
Em fazer do meu caminhar
Uma jornada de luz,
De esperança, de paz e de amor.
E isto vou me empenhar em conseguir.

Mil anos ainda podem me exigir
Para que eu consiga esta meta alcançar.
O que não posso é desistir
De esta jornada trilhar.
Seguirei em frente, vale a pena acreditar.

Não por recompensas ou glórias,
Contrapartidas terrenas, tão-somente.
Elevar-se espiritualmente
Tem sentido diverso, é transcendente.
Está além do que alcança hoje nossa mente.

Confiar é preciso e trabalhar
Nossa Alma em fazer-se acreditar,
Ter fé e prosseguir.
Nos ensinamentos do Mestre se empenhar
Com força e coragem no caminhar.

Outras obras da autora

- Renascendo do Amor
- Prece
- Prece II
- Um Novo Caminhar
- Imagens e Mensagens
- Anjos do Coração e da Felicidade
- Viagens
- Alegria do Natal e outras histórias – coautoria com Andressa Vieira Palmeira
- Mensagens – Livros I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX
- Palavras para o coração
- Reflexões Evangélicas
- Reflexões Evangélicas II
- ARTE em cores, formas e letras
- Reflexões da Alma
- Reflexões da Alma II
- Vídeos com mensagens e reflexões –
www.youtube.com/eldaevelina
- www.bookess.com.br/profile/eldaevelina

– Contato

- www.eldaevelina.com
- www.eldaevelina.com/obras
- elda@eldaevelina.com
- eldaevelina@gmail.com

Viver em paz... espírito a navegar

Quando estamos a navegar pela vida, em corpo,
Sentindo a presença amiga de quem já foi,
Ou ainda está em planos sutis a navegar,
Conexões mil podem ocorrer,
Coração, mente, espírito a espírito,
Sentimentos de afeição ou de saudade,
Não importa como... importa seja de amor e de verdade.

Sentir o envolvimento, a emoção,
Enlevando nossos corpos e elevando a vibração,
Energias que se encontram e se refletem
Em ondas que flutuam,
Tudo permeiam por onde passam.
É o amor se fazendo agente
Criador e transformador.

Envolvimento de seres a navegar pelo Universo,
Em planos ou dimensões diversas.
Contatos mentais, intuições, afeições,
Criando e transformando
Sentimentos, emoções.
Enlevando o espírito a novos páramos
De luz, de realizações, de bênçãos.
É o amor a fazer-se agente
De uma vida plena, em paz.

Elda Evelina Vieira